

UNESP - UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
Faculdade de Filosofia e Ciências

ALINE MARTINS VERDI

**DEUS E DIABO NAS PONTAS DE UM PÉ-DE-VELUDO:
estudo de uma personagem contraditória no imaginário popular
mariliense**

Marília
2010

ALINE MARTINS VERDI

**DEUS E DIABO NAS PONTAS DE UM PÉ-DE-VELUDO:
estudo de uma personagem contraditória no imaginário popular
mariliense**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais – UNESP, campus de Marília para obtenção de título de Mestre em Ciências Sociais.

Área de Concentração: Pensamento social e políticas públicas.

Orientadora: Prof^a Dr^a. Sueli Andruccioli Felix

Marília
2010

ALINE MARTINS VERDI

**DEUS E DIABO NAS PONTAS DE UM PÉ-DE-VELUDO:
estudo de uma personagem contraditória no imaginário popular
mariliense**

Local e data de aprovação: **Marília, 07 de abril de 2010.**

BANCA EXAMINADORA

Profª Drª. **Sueli Andruccioli Felix**
Universidade Estadual Paulista – UNESP / Marília

Profª Drª. **Claude Lépine**
Universidade Estadual Paulista – UNESP / Marília

Profª Drª. **Leila Maria Ferreira Salles**
Universidade Estadual Paulista – UNESP / Rio Claro

SUPLENTE

Profª Drª. **Noemia Ramos Vieira**
Universidade Estadual Paulista – UNESP / Marília

Profª Drª. **Joyce Mary Adam de Paula e Silva**
Universidade Estadual Paulista – UNESP / Rio Claro

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à professora Sueli Andruccioli Felix, pelo apoio e pela confiança depositada durante todo o processo: desde o momento em que demonstrei interesse em acompanhar suas aulas como aluna ouvinte até a conclusão desta pesquisa.

Agradeço à banca examinadora – professoras Claude Lépine e Leila Salles – pela atenção dispensada e contribuições ao trabalho.

A todos os funcionários da UNESP que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste processo: em especial aos professores, às bibliotecárias e aos funcionários do departamento de Pós-Graduação.

Ao G.U.T.O, que me auxiliou prontamente nos momentos em que necessitei, em especial à Natália e Tatiana.

Aos amigos que fiz durante esses anos: em especial, à Nilda, por sempre me acolher em sua casa nos momentos em que eu não podia voltar para Bauru, à Anabel e Luciane pelas longas e produtivas conversas durante esse tempo.

Especialmente à Anamaria Serra Martins Verdi, minha mãe e exemplo de vida, que me incentiva em todos os momentos de minha vida.

Agradeço também a meu pai, Wladir Ribeiro Verdi; minha avó, Marlene Serra Martins; meus tios, meus primos, meus amigos – em especial à Euriane, por todo apoio, antes e durante a defesa.

Ao meu namorado, Danilo Ribeiro Gallucci, que me apoiou nos momentos alegres e difíceis da realização deste trabalho.

Por fim, dedico este trabalho ao meu avô Alcides Martins, que me ensinou que não se esquece de quem verdadeiramente se ama.

RESUMO

VERDI, A. M. **Deus e diabo nas pontas de um Pé-de-Veludo: estudo de uma personagem contraditória no imaginário popular mariliense.** 2009. 127f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2009.

Esta dissertação de mestrado é o resultado de uma pesquisa sobre o crime e a personalidade do mais conhecido criminoso da Região de Marília, através do estudo de caso de Guaracy Marques Pinto, conhecido como Pé-de-Veludo, o qual praticava furtos na cidade de Marília, dentre os anos de 1958 até 1964, data em que se deu o seu falecimento. Em seguida a sua morte, Pé-de-Veludo transformou-se em milagreiro pelo imaginário popular, passando a receber visitas constantes em seu túmulo, sendo que no dia de finados é uma das sepulturas mais visitadas de Marília e região. Este fato se estende até nossos dias conforme os registros de diversos jornais locais e regionais.

O presente estudo tem como principal pressuposto, então, analisar o perfil e a *performance* do ladrão mais popular de Marília e a transformação da figura de Pé-de-Veludo em mito pela população local. A pesquisa visa trabalhar a percepção social do medo e encantamento que essa personagem provocava em suas violações ao patrimônio alheio, bem como a importância nos meios de comunicação da época e no entendimento da vida e morte desse personagem mítico para a suposta corroboração do pressuposto já mencionado. Para isso, é crucial trabalhar com a memória popular mariliense, elencando as diversas histórias acerca da figura de Pé-de-Veludo.

Palavras – chave: Dinâmica criminal, percepção social, imaginário coletivo, memória, Pé-de-Veludo e Marília.

ABSTRACT

VERDI, A.M. **God and devil in the tip of Pé-de-Veludo: study of a contradictory character in the mariliense popular imaginary.** 2009. 127p. Essay (Master degree) – College of Philosophy and Humanities, Universidade Estadual Paulista, 2009.

This essay of master degree is the result of the research about crime and about the personality of the most famous criminal of Marília and region by means of Guaracy Marques Pinto' story, known for Pé-de-Veludo, a criminal who practiced a lot of theft in the city of Marília; among 1958 and 1964, date which happened his death.

Shortly after his death, Pé-de-Veludo was transformed by the popular imaginary in a miraculous person, receiving, since then, constant visit in his tomb; being his tomb, specially in november 2nd, one of the most visit in the Marília's cemetery. According to local and regional newspapers that time, this fact is being continued including the present day.

The main aim of this essay is to analyse the personality and the performance of the most popular thief in the city of Marília, including his transformation in a myth by the local population. This research intends to focus about the simultaneous social perception of fear and of fascination caused by Pé-de-Veludo and his responses like: break in the somebody else's property. Besides, this essay intends to focus about the importance of media that time in this story and the comprehension about Pé-de-Veludo's life and death in order to corroborate all of this aims. For this, is fundamental to do a study about recollection, listing all Pé-de-Veludo' stories.

Keywords: Criminal dynamic, social perception, popular imaginary, recollection, Pé-de-Veludo and Marília.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	Erro! Indicador não definido.
CAPÍTULO 1: QUADRO HISTÓRICO, ECONÔMICO E SOCIAL DE MARÍLIA Erro! Indicador não definido.1	
1.1 – FUNDAÇÃO DE MARÍLIA.....	Erro! Indicador não definido.
1.2 – DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E A URBANIZAÇÃO DE MARÍLIA Erro! Indicador não definido.4	
1.3 – O MUNICÍPIO DE MARÍLIA NAS DÉCADAS DE 50 E 60.....	Erro! Indicador não definido.
CAPÍTULO 2: SOBRE A VIDA DE PÉ-DE-VELUDO	Erro! Indicador não definido.
2.1 – QUEM FOI.....	Erro! Indicador não definido.
2.2 – SOBRE SEUS DELITOS	Erro! Indicador não definido.
2.3 – SOBRE A SUA MORTE E O CENÁRIO POLÍTICO	Erro! Indicador não definido.
2.3.1 – A DITADURA MILITAR NO BRASIL	Erro! Indicador não definido.9
2.3.2 – PÉ-DE-VELUDO NO CENÁRIO POLÍTICO.....	30
CAPÍTULO 3: CRIME E IMPRENSA ACERCA DE PÉ-DE-VELUDO	Erro! Indicador não definido.
3.1– CONCEITUAÇÃO DE CRIME E VIOLÊNCIA.....	Erro! Indicador não definido.
3.2 – OS CRIMES CONTRA O PATRIMÔNIO E OS CRIMES CONTRA A PESSOA Erro! Indicador não definido.	
3.3–FATORES FUNDAMENTAIS NAS MUDANÇAS DA TIPOLOGIA CRIMINAL Erro! Indicador não definido.1	
3.4 – A RELAÇÃO ENTRE A MÍDIA E A CRIMINALIDADE.....	60
CAPÍTULO 4: PERCEPÇÃO POPULAR, MITO E MEMÓRIA SOBRE PÉ-DE-VELUDO Erro! Indicador não definido.9	
4.1–A ANÁLISE DO QUESTIONÁRIO DE OPINIÃO PÚBLICA ATRAVÉS DA PERCEPÇÃO POPULAR E DO IMAGINÁRIO	70
4.2– A MEMÓRIA POPULAR NA CONSTRUÇÃO DA FIGURA DE PÉ-DE-VELUDO Erro! Indicador não definido.	
CONCLUSÃO	Erro! Indicador não definido.
ANEXOS	Erro! Indicador não definido.5
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	124

INTRODUÇÃO

Guaracy Marques Pinto foi um famoso e polêmico criminoso da cidade de Marília que atuou no município entre 1958 e 1964, ano do seu falecimento. Ficou conhecido como Pé-de-Veludo pela maneira como adentrava na propriedade alheia sem fazer ruídos.

Uma das relevâncias deste trabalho está no estudo dessa importante personagem existente em Marília. Além disso, esta análise proporciona uma relevante contribuição ao entendimento da memória mariliense, ao tratar de questões relacionadas diretamente ao imaginário popular local.

A originalidade desta pesquisa está em ser a precursora no estudo acadêmico deste tema, pois até onde se sabe não há trabalhos dessa natureza que tratem da vida e morte de Pé-de-Veludo.

A particularidade deste estudo de caso consiste na compreensão da percepção popular da figura do Pé-de-Veludo em quatro aspectos principais: discutir a existência do mito Robin Hood no imaginário popular (retirar dos ricos para dar aos pobres); a origem e dimensão do mito de santo milagreiro evidenciado após a sua trágica morte; a sensação de medo causada pelas suas ações delitivas, ou, ainda, conforme o título deste estudo, constatar se a figura de Pé-de-Veludo desperta sentimentos ambíguos na população mariliense.

Embora o conceito de mito esteja relacionado ao modo como um povo ou civilização explica a sua origem, os fenômenos naturais, ou entende os principais acontecimentos da vida humana através da utilização da linguagem simbólica; adota-se neste estudo o conceito de herói mítico de Da Matta, como aquele que:

(...) por meio de instrumentos, modos diversos e níveis diferentes, rejeita o mundo social tal como ele é e se apresenta.”¹

A fim de descobrir a percepção popular sobre a figura de Pé-de-Veludo – seja ela uma percepção que tenda ao imaginário caracterizado pela crença em um santo, herói justiceiro e / ou perigoso transgressor da ordem – o primeiro capítulo contextualiza o quadro histórico, social e econômico desde a fundação da cidade de Marília até a década de 60, momento em

¹ DA MATTA, R. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. RJ: Zahar Editores. 1981, pp. 205.

que ocorreu a morte de Pé-de-Veludo, sendo essa exposição fundamental para o entendimento da origem dos problemas e as transformações da criminalidade com o acelerado processo de urbanização do município, bem como situa a vida e a morte de Pé-de-Veludo ao quadro pesquisado, compreendendo que o tempo e o espaço se integram.

O segundo capítulo contempla a *exposição* da vida, os delitos cometidos e a morte de Pé-de-Veludo por 3 meios: o discurso das entrevistas de pessoas contemporâneas; o discurso da polícia – através da entrevista realizada com um policial que presenciou as ações de Pé-de-Veludo e no discurso apresentado no auto de qualificação e de interrogatório do pai de Pé-de-Veludo, Joscelino Marques Pinto e, por fim, o discurso da mídia. Considera-se crucial este capítulo para discutir as diversas percepções existentes sobre Pé-de-Veludo e, posteriormente, auxiliar no entendimento de sua inserção no imaginário popular – aludindo ao título da pesquisa – seja como ‘*deus*’, seja como ‘*diabo*’, ou, como se acredita neste estudo, como ambos.

No terceiro capítulo analisam-se as transformações da dinâmica criminal ao longo do tempo e o papel e importância da mídia escrita na formação do perfil de Pé-de-Veludo, a elaboração teórica do significado de crime e da tipologia criminal, através dos estudos feitos por Sueli Felix e também por Sergio Adorno. Este trabalho visa tratar do conceito de *fala do crime*, elaborado por Teresa Pires do Rio Caldeira e o estudo comparativo entre o medo e a violência nos dias de hoje em relação às décadas de 50 e 60: análise importante para conhecer a introdução da figura Pé-de-Veludo no imaginário mariliense.

Assim, a partir da contextualização histórica, social e econômica de Marília, da exposição acerca da vida, feitos e morte de Pé-de-Veludo e também do estudo sobre a tipologia criminal e a mídia em relação ao estudo de caso; o último capítulo compreende a análise de um questionário específico para conhecer o significado do mito pós-morte entre os frequentadores do seu túmulo no cemitério da Saudade de Marília, no dia de finados de 2007, com o objetivo de discutir a formação do imaginário coletivo sobre este conhecido ladrão através de elementos como a percepção e a memória. Pressupõe-se que o embasamento teórico da percepção se integre aos elementos imbricados na memória dos entrevistados que, por sua vez, compõem o imaginário popular sobre a figura de Pé-de-Veludo. Para isso, é importante estudar a percepção através da Fenomenologia de Edmund Husserl, a memória através dos preceitos de Ecléa Bosi e o conceito de imaginário pelas propostas teóricas de Gilbert Durand, Patrick Legros e Maria Milagros López.

A partir desse percurso expositivo e também com o entendimento teórico proposto nos quatro capítulos desta pesquisa pretende-se verificar as principais problemáticas:

- Quem foi Guaracy Marques Pinto, como surgiu Pé-de-Veludo e como ele cometia seus crimes?
- Qual o significado de Pé-de-Veludo para a população mariliense: santo milagreiro, perigoso transgressor ou '*deus*' e '*diabo*' numa única figura ?
- O que faz com que o imaginário popular se identifique e/ou rejeite a figura de Pé-de-Veludo?
- Qual a relação entre as características do entrevistado no questionário aplicado (gênero, escolaridade e religião) e a sua percepção quanto à figura de Pé-de-Veludo?
- Qual a relevância da análise da dinâmica criminal para a formação do perfil de Pé-de-Veludo e quais foram os fatores que propiciaram as transformações desta dinâmica?
- Qual a importância da morte na conservação e transformação da percepção popular referente a Pé-de-Veludo?
- Qual o papel da mídia na formação de Pé-de-Veludo no imaginário mariliense?
- Qual o papel da memória popular – tanto contemporânea, quanto não contemporânea – na construção de Pé-de-Veludo à sociedade mariliense?

Assim sendo, a análise pretende apresentar como objeto de estudo as construções populares acerca do perfil de Pé-de-Veludo, utilizando como instrumentos a memória, os jornais e também fontes teóricas que corroborem a afirmação de que Pé-de-Veludo foi inserido ao imaginário mariliense, ora pela ênfase de elementos que o aproximam da população – um bandido social e, portanto, uma espécie de '*Robin Hood*', a partir do momento em que se torna um santo popular – e ora pelo medo por ele causado à parte da sociedade, seja pela feição de seus delitos, seja pelo caráter transgressor desses delitos e seja pela construção de uma imagem a partir do discurso da mídia escrita local.

Como se poderá constatar, outro elemento de relevância e originalidade é a interdisciplinariedade existente neste estudo, visto que a pesquisa abarca visões teóricas presentes na Sociologia e no Direito – referentes às questões criminais e sobre a mídia – na Filosofia, ao tratar da conceituação de percepção e na Antropologia, no que diz respeito ao imaginário e à memória popular.

CAPÍTULO 1

QUADRO HISTÓRICO, ECONÔMICO E SOCIAL DE MARÍLIA

CAPÍTULO 1: QUADRO HISTÓRICO, ECONÔMICO E SOCIAL DE MARÍLIA

1.1 – FUNDAÇÃO DE MARÍLIA

Marília é uma cidade que se localiza no Centro - Oeste do estado de São Paulo e que iniciou sua ocupação na década de 20, devido à atividade cafeeira e à expansão ferroviária. O município se formou graças à junção de 3 patrimônios: Alto Cafezal, Vila Barbosa e Marília.

O primeiro, Alto Cafezal, teve como marco construído por Antonio Pereira da Silva a capela de Santo Antonio de Pádua. O segundo patrimônio, Vila Barbosa, começou graças a Galdino Alfredo de Almeida. E, por fim; o terceiro patrimônio, Marília que pertencia a Bento de Abreu Sampaio Vidal.

A ocupação das terras que deram origem aos 3 patrimônios, e que posteriormente se transformaram na cidade de Marília, teve início ainda no final do século XIX. Naquela época, havia no estado de São Paulo muitas áreas desconhecidas que, ao serem descobertas, passavam a ser ocupadas através da cessão do estado ou ainda por suas posses. Houve durante muito tempo, lutas pela posse dessas terras entre o chamado homem aventureiro² e o indígena nativo – Caingangos – que vivia na região há tempos, originando inúmeros abusos nas formas de apropriação. A fim de evitar tais conflitos pela posse indevida da terra, as autoridades competentes da época estabeleceram, em 18 de setembro de 1850, a lei nº 601, conhecida como a Lei de Terras: determinava que a partir daquela data só seria permitida a aquisição de terras através da compra.

Contudo, nem sempre o que é legal torna-se legítimo, o que explica, portanto, a demora de essa lei entrar em vigor de fato, prolongando o costume da apropriação através da ocupação, sem necessidade de comprá-las. Foi o caso do mineiro de Pouso Alegre, José Theodoro de Souza, que se apossou e povoou terras desconhecidas no interior paulista e, juntamente com outros mineiros que o acompanhavam, ainda fez incursões pelo Vale do Paranapanema e por uma faixa de mata fechada que se estendia do Vale até a região Norte do estado de São Paulo. Com o intuito de tomar posse dessas terras até então desconhecidas, eles

² Contudo, é necessário denominar quem eram esses homens aventureiros: eram mineiros que não tinham mais condições de permanecer em Minas Gerais, devido ao esgotamento do solo e das minas e também fugitivos da convocação no período da Guerra do Paraguai. Ver: BALESTRIERO, Geraldo. E. **Capital da Alta Paulista: uma história do município de Marília**. Campinas, 1984.

forjaram uma escritura de compra e venda da área no cartório de Santa Cruz do Rio Pardo – SP, ficando como comprador e vendedor Francisco de Paula Morais e João Antonio de Morais, respectivamente. Mas, logo em seguida, a área supostamente comprada foi dividida em diversas partes e vendida. Essa prática de compra e venda de pedaços dessa grande área ocorreu até 1913, quando o Governo do Estado de São Paulo, a fim de garantir a ocupação das terras e incentivar ainda mais o plantio de café, interferiu e apoiou o deslocamento das populações ligadas à expansão do café para a já referida área.

A estrada de ferro da Companhia Paulista³ avançava até a cidade de Piratininga, com projeções de se expandir até onde atualmente se localiza Marília. Estas projeções promoveram a expansão de algumas companhias de comércio na região e também a compra e venda de lotes.

Um dos beneficiados com a compra e venda de lotes foi Antonio Pereira da Silva, que em 1923, recebeu cerca de 53 alqueires e formou o patrimônio denominado Alto Cafezal: o 1º dos três patrimônios formadores de Marília. O patrimônio recebeu o nome de Alto Cafezal devido aos inúmeros pés de café plantados no alto do espigão. Como prática corrente na fundação de um patrimônio, Antonio Pereira da Silva construiu a primeira capela do local e denominou-a capela Santo Antonio de Pádua.

Após a fundação do Alto Cafezal e devido às terras férteis da área, migraram para a região tanto os antigos plantadores de café de outras regiões, quanto recém-chegados que sonhavam com o rápido enriquecimento, provocando um forte crescimento populacional e o surgimento de pequenas propriedades de terras no Alto Cafezal.

Em 1926 formou-se o 2º patrimônio denominado Vila Barbosa através da compra de parte da área restante (na região que atualmente é Marília) por Galdino Alfredo de Almeida.

Por fim, o último dos patrimônios que originaram Marília foi fundado no final de 1926 por Bento de Abreu Sampaio Vidal. Esse fundador considerou a possibilidade da chegada da linha férrea até suas terras, reservando um espaço para a construção da estrada de ferro. O patrimônio de Bento de Abreu Sampaio Vidal denominou-se Marília por exigência da Companhia Paulista de que o nome do patrimônio iniciasse com a letra “M”, já que todas as localidades pelas quais passavam os trilhos da Cia. Paulista tinham como iniciais nos nomes as letras ordenadas do abecedário. Foi somente com o cumprimento dessa imposição a fim de efetivar a construção da linha férrea no local e, conseqüentemente, viabilizar a estrada de

³ Além da compra e venda de terras, a estrada de ferro também estimulou a vinda de pessoas de todas as localidades, pois através da estrada de ferro houve a facilitação no escoamento da produção de café local, bem como da importação de outros produtos necessários no dia-a-dia daqueles que se instalaram na região. A estrada de ferro passou a acelerar a ocupação da área que mais tarde se transformara no município de Marília.

ferro na mesma área, que Bento de Abreu Sampaio Vidal - após uma viagem à Europa e tomar conhecimento do livro **Marília de Dirceu** de autoria de Thomás Antonio Gonzaga - elegeu o nome Marília para o seu patrimônio.

Com a construção da estrada de ferro e a passagem da linha férrea por Marília que, a essa altura, já havia recebido esse nome, houve o aumento populacional no 3º patrimônio, fazendo Bento de Abreu Sampaio Vidal apresentar à Câmara, no mesmo ano, o projeto de lei⁴ para a elevação de Marília a município, unindo os 3 patrimônios: Alto Cafezal, Vila Barbosa e Marília.

1.2– O DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E A URBANIZAÇÃO DE MARÍLIA

Antes de começar a discutir sobre o desenvolvimento econômico de Marília no início de sua fundação, é importante conceituar adequadamente o termo. Assim como para Marcelo Lopes de Souza⁵, entende-se *desenvolvimento econômico* como:

“O aumento da capacidade de uma sociedade produzir mais bens e de uma maneira técnica melhor.”

Diferentemente do conceito de *desenvolvimento*, que significa:

“Uma mudança não só quantitativa, mas também qualitativa nos marcos essenciais do modelo capitalista.”

Percebe-se, portanto, que nem toda urbanização e desenvolvimento econômico culmina necessariamente em desenvolvimento.

A partir da elevação de Marília a município, o crescimento urbano se tornou cada vez mais intenso, embora a maior parte da população permanecesse ainda na zona rural. O patrimônio de Marília, que inicialmente em 1928 possuía cerca de 14 construções, passou a

⁴ A Lei nº 2.320 criou o município de Marília em 24 de dezembro de 1928, contudo, a efetiva instalação do mesmo ocorreu em 04 de abril de 1929.

⁵ Ver SOUZA, Marcelo Lopes de. **O desafio metropolitano: um estudo sobre a problemática sócio-espacial nas metrópoles brasileiras**. RJ: Bertrand Brasil, 2000, pp. 18 e 19.

ter 686⁶ em dezembro do mesmo ano. O café, juntamente com a construção da estrada de ferro, aceleravam o processo de urbanização do patrimônio e, posteriormente, do município de Marília. Este crescimento na urbanização da cidade se deu porque Marília esteve, durante muito tempo, na condição de *ponta de trilho*⁷.

Mas a crise de 1929, que ocorreu nos Estados Unidos, abalou economicamente a todos, inclusive o Brasil. Aconteceu simultaneamente ao início da produção cafeeira na região de Marília, diminuindo, assim, o ritmo de crescimento urbano desta cidade. Aliado a isso, houve, a partir de 1932, no governo de Getúlio Vargas, a política de proibição de plantio de café e, por consequência, a substituição pelo algodão. Os principais produtores de algodão eram os imigrantes japoneses que fizeram de Marília o maior produtor de algodão do estado de São Paulo.

Após a cafeicultura, a cotonicultura manteve o ritmo crescente da urbanização. Afinal, na 2ª metade da década de 30 havia 15 máquinas de beneficiamento de arroz, 2 de café e 10 de algodão. A produção de algodão foi a grande motivadora da industrialização em Marília por meio da forma de trabalho, na produção de roupas e também na transformação do algodão em fios e óleo: percebe-se que é a partir da cotonicultura que se inicia a industrialização de fato através da transformação de fibras naturais, já em 1936 aproximadamente.

Porém, em 1945, a safra de algodão diminuiu drasticamente devido a vários fatores, especialmente ao mau tempo. Este enfraquecimento na cotonicultura e a consequente falta de recursos para continuar o plantio de algodão provocaram um grande êxodo rural na região. Com isso, o setor industrial⁸ cresceu, diversificou-se, e surgiram indústrias voltadas para o aproveitamento de gêneros regionais. Estes foram os primeiros setores a se formar: o beneficiamento de arroz que atendia ao mercado local e exportador, a indústria madeireira produzida a vapor, que se destinava ao setor de construção e de fornecimento de lenha e

⁶ Ver tabelas explicativas sobre o número de construções existentes em Marília de 1928 até 1946 e sobre o índice populacional existente na área urbana e rural do município de 1934 até 1980 em: BALESTRIERO, Geraldo. E. **Capital da Alta Paulista: uma história do município de Marília**. Campinas, 1984, p. 56 e 57.

⁷ Marília foi “ponta de trilho” da Estrada de Ferro Paulista por sete anos (1928 a 1935). “Ponta de Trilho” é uma denominação para os locais onde a ferrovia terminava. Neste caso, o problema era o desembarque de passageiros aventureiros sem quaisquer relações com a cidade e seus habitantes. Neste rol, estavam delinquentes e mendigos que para Marília eram encaminhados através do serviço de assistência social das demais cidades, muitas vezes por terem manifestado a vontade de ir para bem longe, para o fim da linha, no momento de receberem o passe de viagem. Contudo, é inegável que esta condição também propiciou maior avanço comercial e econômico em Marília. Sobre esta questão, ver FELIX, Sueli A. **Marília pioneira, crimes e discriminações vistos através da imprensa (1928-1951)**. Marília : Cadernos da FFC, Vol. 6, n 1, 1997, p.88.

⁸ De acordo com Júlia Falivene Alves, até 1930, a industrialização ainda era principiante. Tinha um caráter secundário e se voltava para a produção de gêneros de primeira necessidade, especialmente as matérias-primas e os alimentos para exportação. Esta preferência por produtos de primeira necessidade explica-se devido à não exigência de alta tecnologia e tampouco de grande especialização de mão-de-obra. Ver ALVES, Júlia Falivene. **Metrópoles: cidadania e qualidade de vida**. SP: Moderna, 1997.

carvão. Havia, além disso, o mercado de alimentação, com destaque para os laticínios, fubá, torrefação de café (ainda existente na região) e pequenas fábricas de massas e bebidas - com destaque para a fabricação de vinagre.

Já as atividades urbanas de maior destaque eram as atividades relacionadas à prestação de serviços, como, por exemplo, o comércio ligado às questões de terras rurais e urbanas, pequenos armazéns e mercados; bem como os profissionais liberais – os médicos, engenheiros e advogados – e o setor hoteleiro, na instalação provisória de imigrantes e na acomodação de mascates.

Tem-se no entanto, um tipo de urbanização em Marília como na maior parte das cidades do interior paulista, ou seja, uma urbanização permeada por um capitalismo tardio; onde tanto Marília, como outras cidades paulistas se constituem de grande avanço econômico e técnico acrescido de problemas típicos da urbanização acelerada.

Problemas tais como o desemprego e a vadiagem, consequente estigmatização em decorrência do desemprego existente. De acordo com o Código Penal Brasileiro, denomina-se *vadiagem*:

“Entregar-se alguém habitualmente à ociosidade, sendo válido para o trabalho, sem ter renda que lhe assegure meios bastantes de subsistência, ou prover a própria subsistência mediante ocupação ilícita”⁹

Há a transformação na dinâmica criminal (como será analisado posteriormente) e há também a rejeição pública contra os menores de idade que viviam em condições de miséria e contra os grupos de imigrantes, principalmente no que se refere à discriminação aos japoneses que viviam em Marília¹⁰. Outra característica decorrente da urbanização acelerada de Marília foi a criação da Guarda Municipal, em 1930, a fim de garantir a ordem no município:

“Garantia da ordem do município, em face dos acontecimentos que conturbam a vida nacional, reclamadas pelos interesses locais de

⁹ Previsto no artigo 59 do Código de Processo Penal Brasileiro. As contravenções penais de vadiagem e mendicância já estavam previstas no Código Criminal de 1830, artigo 295, onde o crime de vadiagem era caracterizado como aquele cometido nas hipóteses em que “*não tomar qualquer pessoa uma ocupação honesta e útil de que possa subsistir, depois de advertido pelo juiz de paz, não tendo renda suficiente*”, ou seja, aqui já existe a proximidade entre vadiagem e desemprego.

¹⁰ Sobre esta questão, ver FELIX, Sueli A. **Marília pioneira, crimes e discriminações vistos através da imprensa (1928-1951)**. Marília : Cadernos da FFC, Vol. 6, n 1, 1997, p.89 e 90.

ordem e segurança, paz e principalmente pelas necessidades da regularização do abastecimento público”¹¹

Percebe-se, portanto, que Marília – desde o início de sua ocupação territorial em 1928 até a sua acelerada urbanização já na metade de 30 e por toda a década de 40 – se definiu de acordo com os benefícios dos progressos técnicos¹² decorrentes do Capitalismo, mas também com características discriminatórias e problemas sociais decorrentes do ritmo acelerado de urbanização.

Estas questões referentes ao rápido progresso urbano de Marília ficaram mais evidentes a partir da década de 50 e estenderam-se pela década de 60.

1.3 – O MUNICÍPIO DE MARÍLIA NAS DÉCADAS DE 50 E 60

Na década de 50 intensificaram-se as transformações sócioeconômicas que modificaram as características do município. Os problemas ocorridos já na década de 30, a partir da decadência da cultura do algodão e a posterior tentativa frustrada de implantação de amendoim no município, refletiram-se no âmbito urbano. De acordo com Balestriero, na década de 50, a concentração populacional na zona urbana em Marília era de 38.376 contra 48.468 na zona rural e, na década de 60, a população passou a se concentrar mais na zona urbana – 54.178 – contra 36.706 pessoas no campo:

“Lembremo-nos de que foi exatamente na década de 50 que a população urbana superou a rural no município. E que a urbanização da população, ao mesmo tempo em que padroniza o mercado de trabalho, padroniza também o consumo, pois o trabalhador rural ao perder o acesso a certos alimentos ‘in natura’, torna-se um

¹¹ Ata da 39ª sessão da Câmara Municipal de Marília, datada de 7 de outubro de 1930 apud FELIX, Sueli A. **Marília pioneira, crimes e discriminações vistos através da imprensa (1928-1951)**. Marília : Cadernos da FFC, Vol. 6, n 1, 1997, pp. 91 e 92.

¹² No que se refere à segunda fase da industrialização no Brasil – de 1930 até 1945, coincidindo com o período de governo de Getúlio Vargas – neste tempo, a política de Estado se encaminhou para a substituição da importação de bens de consumo durável e para a produção desses no Brasil. A partir de então, investiu-se mais na Indústria de base: a exemplo da extração de minérios, produção de energia e construção de estradas. Toda essa nova política econômica influenciou no avanço do progresso técnico de diversas cidades do estado de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais; dentre elas a cidade de Marília. Sobre a segunda fase da industrialização no Brasil, ver ALVES, Júlia Falivene. **Metrópoles: cidadania e qualidade de vida**. SP: Moderna, 1997.

consumidor obrigatório de alimentos, roupas e outros bens industrializados.”¹³

Outro fator explicativo da urbanização crescente em Marília foi a queda significativa da cafeicultura, a qual abalando acentuadamente a comercialização de café em 1929, motivou grande parte da população rural migrar para o centro urbano. O mercado de trabalho não conseguiu absorver a mão-de-obra que não era especializada, como também a maior parte da população que não tinha emprego fixo¹⁴. Aliado a essas questões, o aumento na área de pastagens e o início da mecanização na agricultura também contribuíram para a diminuição do contingente populacional rural. Simultaneamente, fortes chuvas de inverno e geadas em 1953, alternadas por grandes períodos de seca nos anos de 1950, 1951, 1952, 1956 e 1959, ocasionaram graves prejuízos à produção agrícola do período. Outro fator fundamental para explicar o êxodo rural e as transformações no perfil urbano foi o empobrecimento do solo da região como efeito das constantes e indevidas explorações.

O aumento da população urbana em contraste aos meios de absorção do excedente populacional do mercado de trabalho no município de Marília intensificou ainda mais as segregações e outros problemas sociais, a exemplo de algumas situações específicas como o desemprego, a vadiagem, a mendicância e a rejeição aos imigrantes japoneses em Marília.

Entre 1950 e 1960 houve uma reacomodação entre as pequenas indústrias – o desaparecimento de pequenas indústrias de fiação e tecelagens (graças especialmente à queda na produção de algodão) e conseqüente surgimento de pequenas indústrias alimentícias e de maquinários agrícolas – bem como, do aumento no consumo de energia elétrica do setor industrial devido à plena capacidade produtiva das indústrias e à dinâmica do capital industrial, que já naquela época estava acelerado. Análises do IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – no censo de 1964, demonstraram que o crescimento da população de Marília ficou muito além da capacidade física do município. Como exemplo, tem-se a questão hospitalar: havia 458 leitos distribuídos entre 4 hospitais – Santa Casa de Misericórdia, Hospital de Marília, Hospital Espírita e Maternidade – para assistir à população de 97.379. E,

¹³ Ver BALESTRIERO, Geraldo. E. **Capital da Alta Paulista: uma história do município de Marília**. Campinas, 1984, pp.73 e 74.

¹⁴ Mesmo com o êxodo rural cada vez mais frequente no município de Marília, a população que vivia na cidade muitas vezes se deparava com as más condições de vida urbana e acabava buscando novamente o auxílio do trabalho rural como forma de suporte ao seu sustento financeiro: era a mão-de-obra que trabalhava no campo somente nos períodos de safra e quando não; voltava para a cidade em busca de trabalho, mas na maioria das vezes, só conseguia um sub-emprego ou acabava tornando-se mão-de-obra desempregada. Ver GASPARTO, Jaime W. **Mudança sócio-econômica e marginalização em Marília**. Marília: Unesp, 1973.

embora o orçamento do município fosse elevado, segundo pesquisadores da época, não era utilizado em pleno benefício da população mariliense.

No aspecto da religiosidade, até a década de 50 havia somente duas Igrejas Católicas em Marília: Igreja de Santo Antonio, localizada no Alto Cafezal e Igreja São Bento, elevada à Basílica em 1952. Após 1950, foram construídas mais duas paróquias católicas: São Miguel Arcanjo, em 1956 e Santa Isabel, em 1958. Além dessas, começaram a se fortalecer Igrejas já existentes, tais como a Igreja Metodista, em 1930, a Primeira Igreja Evangélica Batista de Marília, em 1931, a Primeira Igreja Presbiteriana Independente de Marília, também em 1931; bem como religiões japonesas: Tenrikyo, em 1936 e a Organização Budista Shinshu Hongwanji, em 1949. A multiplicidade religiosa nesse período se estendeu também ao fortalecimento dos centros espíritas, eram 7 deles no total.¹⁵

Apesar da religião católica ter surgido primeiro no município de Marília, os praticantes de todas as religiões existentes na cidade conviviam harmoniosamente. Aliado a esta diversidade religiosa insitucionalizada, desenvolvia-se o catolicismo – denominado catolicismo popular – alheio à presença de sacerdotes e de tratados regulamentadores, como ocorre no catolicismo institucionalizado. Simultaneamente às práticas religiosas ocorridas nos templos, havia a expressão de fé embasada na espontaneidade e na busca de soluções sobrenaturais para os problemas cotidianos através de rituais que visam o culto ao santo pelo devoto. Esta religiosidade popular está desvinculada das regras e dos tratados teológicos encontrados nas Instituições religiosas: não há a negação da utilização de elementos característicos da religião institucionalizada, mas existe também, em maior parte, a presença de elementos próprios do catolicismo popular. Conforme Alba Zaluar:

*“ O catolicismo popular deriva tanto de uma matriz erudita, não totalmente conhecida e absorvida, quanto de uma tradição coletiva e anônima.”*¹⁶

Portanto, trata-se de característica do catolicismo popular a autonomia religiosa dos atores sociais, ou seja, as interações desses atores sociais com os vários elementos religiosos existentes. Além disso, há a devoção de natureza privada em que as práticas religiosas se restringem às relações diretas entre o devoto e o santo. Um importante elemento do

¹⁵ Sobre a questão da diversidade religiosa em Marília nas décadas de 50 e 60, ver REIS, Martha. **Iracema, a santinha de Marília: um estudo sobre a criação de um imaginário popular**. Assis: Unesp, 1993, pp. 58 até 66.

¹⁶ ZALUAR, Alba. **Os homens de Deus. Um estudo dos santos e das festas no catolicismo popular**. RJ: Zahar, 1983, pp.32.

catolicismo popular é a presença de expressões ritualísticas¹⁷ próprias e espontâneas¹⁸, tais como as romarias, os ex-votos, as festas religiosas e as promessas.

Já no que se refere ao contexto brasileiro, a partir de 31 de março de 1964, ocorre no Brasil um movimento militar extremamente repressivo que durou até 1985, com a lenta reabertura política do país. A ditadura militar brasileira representava:

“O sistema de idéias e valores sobre uma suposta democracia que procurava elaborar e vincular às suas estratégias de ação nas diversas esferas, ou seja, econômica, política e psicossocial.”¹⁹

Suposta democracia corroborada pelo discurso do senso comum e relegando à condição de “comunista” toda e qualquer pessoa que se posicionasse contra os ideais militares a partir de então. O golpe²⁰ militar foi apoiado por importantes setores da sociedade brasileira como grande parte do empresariado, da imprensa, dos latifundiários, vários governadores e parte significativa da classe média, que via, na intervenção militar, uma forma de controlar a crise econômica do país.

É nesse contexto histórico, econômico, social e religioso que viveu a família de Guaracy Marques Pinto, Pé-de-Veludo: o mais famoso criminoso da história de Marília.

¹⁷ São romarias as atividades religiosas de peregrinação a fim de cultuar o santo. São práticas de ex-votos as atividades dedicadas às graças concedidas pelo santo, a exemplo da construção de estátuas do santo em madeira, em parafina ou outro material.

¹⁸ Na religião oficial, há predominantemente a manifestação religiosa por meio do discurso lido e escrito, diferente da manifestação ritualística do catolicismo popular que é predominantemente espontânea.

¹⁹ Ver REZENDE, Maria José de. **A ditadura Militar no Brasil: Repressão e pretensão de legitimidade**. Londrina: Ed. UEL, 2001, pp. 2.

²⁰ Cf o dicionário Aurélio, *golpe* significa: choque que resulta do movimento com que um corpo atinge outro; acontecimento infausto, inesperado; desgraça, infortúnio, crise; insulto, injúria. Diferentemente do conceito de *golpe* visto nos dicionários de língua portuguesa, esta denominação presente no texto caracteriza-se por uma ruptura institucional violenta, geralmente com apoio militar ou de forças de segurança e que despreza a lei vigente na Constituição Federal, a partir da submissão do controle do Estado às pessoas não designadas legalmente (seja por meio de eleição, por vínculo hereditário ou demais processos legais de transição).

CAPÍTULO 2

SOBRE A VIDA DE PÉ-DE-VELUDO

CAPÍTULO 2: SOBRE A VIDA DE PÉ-DE-VELUDO

2.1 – QUEM FOI

Guaracy Marques Pinto nasceu em Marília em 1943. Ele era filho do ajustador mecânico e pedreiro Joscelino Marques Pinto e da dona-de-casa Maria de Oliveira. Tinha 3 irmãos, frutos do 1º casamento de seu pai: Antonio, Maria Aparecida e Nair e mais 7 irmãos, frutos do 2º casamento de seu pai: Amauri, Delacir, Jair, Ari, Jessé, Alcir (vulgo “Gordo”) e Osmar (vulgo “Peu”)²¹.

Após a vinda de Joscelino Marques Pinto para Marília, em 1929, a família passou a residir numa pequena casa localizada na rua Sergipe, nº 933, nas proximidades do Yara clube, no bairro Cascata; lá permanecendo até a morte de Guaracy:

*“Dormitórios tinha 3: uma cozinha e uma sala e um banheirinho e o tanque fora de casa. Era pequena”.*²²

De acordo com a polícia local, os filhos de Joscelino eram crianças responsáveis, exceto Guaracy e Alcir; já que costumavam importunar os funcionários da represa Cascata, tomando banho, usando o barco dos funcionários e pescando com tarrafas.

Segundo a versão policial e as informações do juizado de menores, Guaracy era epilético. Contudo, nenhum dos civis entrevistados fez menção a esse fato, ao contrário, todos os que conheceram Guaracy rejeitaram essa hipótese.

Com cerca de 14 anos, Guaracy Marques Pinto começou a praticar pequenos furtos em casas abastadas da cidade de Marília, o que lhe rendeu muita fama entre os habitantes, pela peculiaridade das ações:

“(…) Casal dormindo ou quem quer que estivesse dormindo, pois ele entrava e saía direitinho. Se tivesse alguma coisa que ele pudesse

²¹ Ver auto de qualificação e de interrogação de Joscelino Marques Pinto, anexo 27, pp.122.

²² Descrição da casa de Guaracy Marques Pinto feita por um policial entrevistado que conhecia a residência.

*pegar na mão, ele pegava, mas se não tivesse ele não pegava (...) ele entrava, levava as coisas e deixava bilhete.*²³

A sua imensa habilidade nas ações, totalmente silencioso, furtando sorrateiramente as residências durante a noite enquanto os seus moradores dormiam, proporcionou a Guaracy Marques Pinto o apelido de Pé-de-Veludo²⁴. Além dessa forma peculiar de furtar as residências como se fosse “invisível”, em alguns casos, dizem os entrevistados, também deixava bilhetes jocosos para os donos das propriedades:

*“ (...) ele entrava quietinho e saía quietinho. Ele não andava com arma, mas ele caçoava dos casais e ainda colocava assim: - amanhã eu volto viu, pra te ver.”*²⁵

E há também este registro:

*“Ele entrou na casa de uma amiga minha, nessa rua aqui, Coronel José Brás, lá adiante. Ele entrou na casa dela. Ela tava dormindo e ele não fez nada...saiu; mas só que ele deixou um bilhete. Toda casa que ele entrava ele deixava um bilhete dizendo - amanhã eu volto.”*²⁶

Embora não tenha sido encontrada a reprodução de nenhum bilhete por parte dos entrevistados e nos autos processuais, na imprensa há referências à sua existência, conforme notícia do jornal *Correio de Marília*, em 08 / 06 / 1961 :

*“Seguiu na noite de ontem com destino a São Paulo, o delegado-adjunto, onde entrará em contato com a Polícia Técnica Paulista, a fim de que se efetue a perícia gráfica dos bilhetinhos deixados em diversas residências, pelo ladrão que tem posto em sobressalto a população mariliense.”*²⁷

²³Entrevista realizada com uma senhora, 79 anos, pertencente à classe social baixa, dona de casa e contemporânea a Pé-de-Veludo.

²⁴ Cf. DA MATTA, R. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. RJ: Zahar Editores. 1981. De acordo com Da Matta, existe o nome de apresentação do indivíduo; nome este inteiramente neutro e que após a maior publicidade dos feitos do indivíduo, transforma-se em um nome pessoalizado e único, fruto de sua notoriedade ou ascensão social. No caso de Guaracy Marques Pinto, após a evidência de seus feitos pela sociedade, passou a ser conhecido por Pé-de-Veludo: um nome único – levando em conta suas características peculiares no ato de furtar – e, a partir de então, conquistado através de suas ações transgressoras.

²⁵ Entrevista realizada com uma senhora, 79 anos, pertencente à classe social baixa, dona de casa e contemporânea a Pé-de-Veludo.

²⁶ Entrevista realizada com uma senhora, 81 anos, pertencente à classe social alta, dona de casa e contemporânea a Pé-de-Veludo.

²⁷ *Correio de Marília*, pp. 1 – data: 08 / 06 / 61. Ver anexo nº 5, pp. 100.

Pé-de-Veludo era famoso por sua capacidade de liderar seus irmãos mais velhos, furtar somente residências ricas e não temer a polícia. Porém, também tinha a mesma capacidade de usar sua fama para se aproximar dos vizinhos, principalmente das crianças. Como mostra este trecho de uma das entrevistas realizadas acerca da personalidade de Pé-de-Veludo:

“Ele era uma pessoa muito boa e a casa dele vivia sempre cheia de criança. O pai dele mesmo falava que a casa dele vivia cheia de criança porque ele distribuía doce pras crianças.”²⁸

Mas, ao mesmo tempo em que há pessoas que acreditam na bondade de Pé-de-Veludo, outras percebem nas suas ações uma dinâmica muito parecida com a ocorrida atualmente no crime organizado em torno do tráfico de entorpecentes. Há uma relação de cumplicidade: os mais experientes ou líderes comandam e ensinam os menos experientes, incentivam a troca de favores (proteção de ambos os lados) que ocasionará a ascensão dos pequenos na hierarquia da organização. Guardando-se as devidas proporções, esta é uma percepção de alguns entrevistados acerca da figura de Pé-de-Veludo, na sua relação com os jovens do bairro onde ele morava: Pé-de-Veludo presenteava as crianças com balas e doces, ganhava confiança dos pequenos que o protegiam da polícia, alertando-o sobre a presença desses agentes no bairro. Ainda de acordo com alguns entrevistados, os jovens aprendiam com Pé-de-Veludo a praticar furtos:

“Ele distribuía bala para as crianças lá do Cascata. Ahhh..dizem que ele reunia os menores pra dar aula de como se roubava.”²⁹

Ou ainda:

“Sabe, ele fazia na época o que os ladrões do morro do Rio de Janeiro fazem hoje. É, eles agradam a molecada dando bala e doces pra quando chegar a polícia eles avisarem, né. Toda vez que a gente chegava perto dele, ele se escondia.”³⁰

De acordo com as entrevistas e com o levantamento feito sobre os jornais locais, tanto a população mariliense quanto a polícia de Marília demoraram a perceber que Guaracy

²⁸ Entrevista realizada com uma senhora, 81 anos, pertencente à classe social alta, dona de casa e contemporânea a Pé-de-Veludo.

²⁹ Entrevista realizada com um senhor, 75 anos, pertencente à classe social baixa, aposentado e contemporâneo a Pé-de-Veludo..

³⁰ Entrevista realizada com um senhor, 78 anos, policial aposentado e contemporâneo a Pé-de-Veludo.

Marques Pinto e Pé-de-Veludo eram a mesma pessoa. Até então, Guaracy se indispunha com as autoridades locais por “*perturbação à ordem pública*”³¹ nas proximidades da represa do bairro Cascata, mas a descoberta sobre Pé-de-Veludo ocorreu com a sua prisão aos 17 anos, como mostra o jornal *Correio de Marília*:

*“Por fim foi apanhado pela polícia o ousado assaltante que há tempos atrás pôs em sobressalto a população de Marília e mobilizou toda a milícia local (...) O Pé-de-Veludo, conforme foi batizado pelo povo o assaltante que demonstra ter nascido para o crime, teve sua repulsiva carreira truncada na cidade de Araçatuba quando tentava roubar uma residência (...) O pior no entanto é o meliante responsável por centenas de furtos não só em Marília, como em Bauru, Lins, Adamantina, Tupã e outras cidades, não passa de um indivíduo de pouco mais de **17 anos de idade** (...) Os investigadores da Regional de Polícia de Marília estiveram durante todo o dia de ontem com **G.M.P** (estas as suas iniciais), fazendo as reconstituições dos assaltos praticados na cidade.”*³² **(Grifos meus)**.

A notícia do jornal corrobora o discurso de diversos entrevistados quando indagados sobre a relação existente entre Pé-de-Veludo e Guaracy Marques Pinto, e o respectivo conhecimento popular sobre este fato:

*“(...) não sabiam que era aquele cara. Tinham medo do Pé-de-Veludo, mas não sabiam que era o Guaracy Marques Pinto. As pessoas do meio dele faziam questão de conhecer ele, mas isso foi depois de algum tempo das ações criminosas dele. Por um bom tempo, esse Pé-de-Veludo ficou incógnito: - Quem é esse Pé-de-Veludo? Ninguém sabia. Até identificar ele; mas como identificaram ele, eu não sei.”*³³

Ou ainda:

*“Não, ninguém tinha conhecimento. E só depois de 2 ou 3 anos é que chegou a crer que era ele que praticava os furtos e entrava nas residências.”*³⁴

³¹ Termo utilizado diversas vezes por jornais da época, tais como: *Jornal do Comércio e Diário de Marília*.

³² *Correio de Marília*, pp. 4 – data: 30 / 08 / 61. Ver anexo nº 7, pp. 102.

³³ Entrevista realizada com um senhor, 75 anos, pertencente à classe social baixa, aposentado e contemporâneo a Pé-de-Veludo.

³⁴ Entrevista realizada com um senhor, 78anos, policial aposentado e contemporâneo a Pé-de-Veludo.

Contudo, Pé-de-Veludo ficou por pouco tempo retido na instituição destinada a menores infratores da época, continuando, após sua saída, continuou a cometer delitos até os 21 anos, período de sua morte. Como mostra um dos entrevistados ao ser indagado sobre a permanência das ações de Pé-de-Veludo após sua retenção na instituição para menores infratores:

“Ah, ele não parou não, ele continuou roubando mesmo e roubando.”³⁵

Ou mesmo uma notícia de jornal em 03 / 09 / 1963:

“O famoso larápio ‘Pé-de-Veludo’, que há tempos realizou uma série de assaltos sensacionais em Marília, quando menor, ainda não se emendou. Sábado, em companhia de sua ‘gang’, esteve promovendo arruaças na Reprêsa Cascata armado de faca e revólver. Chegou a apoderar-se da torre de contrôle, ameaçando abrir as comportas da barragem, o que, se levado a cabo, seria de consequências desastrosas (...) os ‘barnabés’ do Departamento de Águas escorraçaram da torre os desordeiros, armados de cabo de vassoura. Pé-de-Veludo chegou a ameaçar um dos vigias com uma garrucha, tendo inclusive, disparado a arma.”³⁶

2.2 – SOBRE SEUS DELITOS

Pé-de-Veludo, como já exposto, ficou conhecido em Marília pelo seu jeito peculiar de cometer os furtos, sem provocar ruídos e, muitas vezes, indo até outras cidades da região para efetuar suas ações, conforme mostram as entrevistas:

“Sempre falavam que ele tinha esse apelido de Pé-de-Veludo porque ele entrava sorrateiramente nas casas e ninguém ouvia nada.”³⁷

E também:

³⁵ Entrevista realizada com um senhor, 75 anos, pertencente à classe social baixa, aposentado e contemporâneo a Pé-de-Veludo.

³⁶ Correio de Marília, nº 9568, pp. 1 – data: 03 / 09 / 63. Ver anexo nº 10, pp. 105.

³⁷ Entrevista realizada com uma senhora, 81 anos, pertencente à classe social alta, dona de casa e contemporânea a Pé-de-Veludo.

“(...) e ninguém sabe como ele entrava porque ele abria e fechava a casa e não arrombava nada. Não quebrava nada (...) Ele entrava pelo alçapão. Teve casa que ele entrou pela porta. Às vezes ele tirava as telhas e ia dentro da casa ou entrava pela janela.”³⁸

Ou ainda:

“Hoje os investigadores continuarão o interrogatório, esperando-se que a lista seja acrescida de mais umas 40 vítimas. O delinquente confessou ainda vários furtos em outras cidades, como Bauru, Catanduva, inclusive um roubo de dólares, na cidade de Adamantina, no valor aproximado de Cr\$ 60.000,00 e um vultoso furto de jóias em Lins (...) Os objetos furtados foram vendidos a camelôs por preços muito mais inferiores aos seus valores reais o que dificultará bastante o trabalho de localização e apreensão.”³⁹

Esta maneira peculiar de agir fez com que Pé-de-Veludo ganhasse fama ainda em vida em Marília. Não era raro a população relacionar e creditar qualquer ação criminosa às atividades ilícitas feitas por ele, a exemplo da percepção dessa entrevistada quando relembra um suposto furto de uma caneta⁴⁰ ocorrido em sua casa ou, ainda, da apropriação de outros ladrões quanto à originalidade na escrita dos bilhetes feitos por Pé-de-Veludo.

“Ele entrou até na minha casa, quando eu tava lá na rua XV (refere-se à rua XV de novembro). Ele entrou e tirou a caneta do meu marido; foi só o que ele tirou do meu marido.”

Indagada sobre sua certeza de que havia sido Pé-de-Veludo que furtara a caneta e que se ela não trabalhava com a hipótese de a caneta ter sido perdida; foi obtida a seguinte resposta:

“Ah, porque logo depois a gente ficou sabendo que ele tinha entrado numa casa e todo mundo tava falando e eu falei para o meu marido: - Então foi ele que tirou sua caneta. Meu marido não achava que era ele, meu marido não achava que era ele. E eu falei: - Foi ele.”⁴¹

³⁸ Entrevista realizada com uma senhora, 79 anos, pertencente à classe social baixa, dona de casa e contemporânea a Pé-de-Veludo.

³⁹ Notícia extraída do jornal *Correio de Marília*, nº 8975, pp.4, 30 / 08 / 1961. Ver anexo, nº 7, pp. 102.

⁴⁰ A caneta era um objeto valioso, pois era feita de ouro. Geralmente a caneta de ouro era um pertence de pessoas ricas e com importância política: daí a sua relevância como objeto de furto.

⁴¹ Entrevista realizada com uma senhora, 81 anos, pertencente à classe social alta, dona de casa e contemporânea a Pé-de-Veludo.

Já no que se refere à apropriação feita por outros ladrões sobre os bilhetes escritos por Pé-de-Veludo:

“Aproveitando-se da onda de roubos que se verificou recentemente, um “engraçadinho” vem pondo em polvorosa a família mariliense, valendo desse utilíssimo invento que é o telefone para noticiar ameaças diversas, dizendo que a residência vai ser visitada pelo ladrão Pé-de-Veludo”⁴²

Os elementos expostos acima, tais como a habilidade de Pé-de-Veludo ao entrar nas residências e furtar os pertences das pessoas, a presença de bilhetes jocosos ao terminar suas ações ilícitas, sua coragem em enfrentar a polícia local, sua capacidade de liderança em relação aos seus irmãos mais velhos e o vínculo estabelecido com os jovens de seu bairro, auxiliam na construção da notoriedade da figura de Pé-de-Veludo ainda em vida: ora como elemento carismático, ora como elemento causador de medo. Ainda, a apropriação, por parte de outros ladrões, dos bilhetes escritos por Pé-de-Veludo; bem como creditar grande parte dos furtos ocorridos em Marília de 1958 até 1964 a Pé-de-Veludo aumentam notavelmente a fama alcançada por ele.

Contudo, neste capítulo, pretende-se esboçar quem era Guaracy Marques Pinto, como surgiu Pé-de-Veludo, a maneira peculiar de cometer seus delitos e, por fim, descrever sua morte na visão dos contemporâneos entrevistados e de um policial que presenciou *in loco* o flagrante e a ação policial que culminou na morte de um delegado de polícia, de Pé-de-Veludo e familiares.

2.3 – SOBRE A SUA MORTE E O CENÁRIO POLÍTICO

De acordo com a versão popular, a polícia começou a investigar as ações de Guaracy Marques Pinto devido aos constantes conflitos entre ele, seus irmãos e os policiais locais, sem quaisquer referências ou suposições de interrelações entre o momento político e o episódio da morte de Pé-de-Veludo. Entretanto, não se podem negar algumas “coincidências”: mesmo com os crimes sendo denunciados pela imprensa desde 1961 e nos dois anos seguintes

⁴² Notícia extraída do jornal *Correio de Marília*, n° 8908, p.1, 09 / 06 / 1961. Ver anexo, n°6, pp. 101.

continuarem os fatos, havendo inclusive matérias identificando o autor das ações (Anexo 10), somente em 1964 as autoridades competentes promoveram ações de repressão ao famoso ladrão, momento em que se transferiu para Marília o delegado Ewerton Fleury Curado, declaradamente interessado em pôr fim aos problemas envolvendo Pé-de-Veludo e a polícia. É neste sentido que nos chama à atenção o fato de ser, apenas no início do Regime Militar, 1964, o repentino interesse em prender Pé-de-Veludo.

2.3.1- A Ditadura Militar no Brasil

A questão tratada nesta pesquisa não mostra relação direta com o cenário político, mesmo a despeito de estar protagonizada em um momento de alta repressão política e ter levado centenas de brasileiros à prisão e / ou ao exílio. Mas é fundamental fazer uma breve descrição sobre a ditadura militar no Brasil, pois se entende que a morte de Pé-de-Veludo tem certa relação com as medidas repressoras adotadas pelo regime.

A ditadura no Brasil foi uma organização de poder autocrático liderada por membros militares e teve o apoio de parte da elite. Este poder retirou a representatividade política do povo em favor de uma pequena camada dirigente: os militares. A ditadura militar passou a ser gerida por atos institucionais e constitucionais que não dependiam da aceitação da população e faziam parte de um sistema de idéias e valores em que a segurança nacional e a ordem estavam acima dos direitos políticos da sociedade.

Com a ditadura militar, instalou-se, no Brasil, um complexo sistema simbólico e repressivo com vistas ao combate da subversão e à repressão preventiva de qualquer atividade perturbadora da ordem. Essa modalidade de repressão foi considerada a mais eficiente das práticas ditatoriais e consistia na vigilância e controle cotidiano sobre a sociedade através de valores transmitidos pelo discurso ideológico, em que se elaboravam mensagens que visavam o total apoio e a tolerância da população.

Mas, mesmo com a presença de métodos preventivos através da elaboração de propaganda oficial por meio da imprensa escrita ou outros mecanismos, sabe-se que a ditadura militar também usufruiu dos meios de coerção, tais como o exército, a polícia e a burocracia. No que se refere aos aparelhos repressivos, podem-se detectar alguns mecanismos e discursos dotados de violência e terror, pois o ideal de liberdade da ditadura só era possível se estivesse pautada em princípios de ordem e disciplina:

“Nessas condições, o grau de liberdade social seria definido inteiramente pelos militares, numa relação em que era subtraída das pessoas e dos grupos qualquer liberdade de emitir opiniões divergentes ou contestatórias. A liberdade assumia um significado estritamente singular (...) tinha uma acepção quando atribuída aos governados e outra, para os governantes.”⁴³

Caberia ao regime militar decidir quais os valores que deveriam ser incorporados pelos grupos e indivíduos da sociedade, valores tais como patriotismo, anticomunismo, moralidade, preservação da família e disciplina. Estabelecia-se, assim, uma forma de organização visando ao pleno controle social pelos militares através da consolidação de uma estrutura de informações organizadas e em que as ações eram coordenadas a partir de um núcleo central, o *Serviço Nacional de Informações - SNI*.

Criado em 1964, o SNI era dotado de recursos financeiros e tecnológicos para planejar e orientar as ações militares. Tinha como finalidade subordinar os outros órgãos repressivos, tais como os centros de informações, a polícia federal e as polícias estaduais. Para integrar os órgãos repressivos, criou-se o Destacamento de Operações de Informação - Centro de Operações de Defesa Interna, conhecido como DOI-CODI. Este Destacamento de Operações foi oficializado em 1970, mas já existia desde o começo do regime militar.

A partir de intensos problemas econômicos advindos de diversos fatores, principalmente da crise do petróleo, as medidas políticas ditatoriais passaram a enfraquecer e as modificações lentas de abertura política do país começaram a acontecer e foram finalizadas, de fato, somente com a elaboração da Constituição Federal de 1988.

2.3.2 - Pé-de-Veludo no cenário político

O desenrolar do episódio Pé-de-Veludo, justamente em 1964 – mesmo após anos e anos de impunidade de suas ações criminosas – leva a questionar se teria o mesmo fim, caso não houvesse esse período caracterizado pela crueldade e desrespeito à vida humana.

⁴³ Ver REZENDE, Maria José de. **A ditadura Militar no Brasil: Repressão e pretensão de legitimidade**. Londrina: Ed. UEL, 2001, pp. 85.

Sabe-se que o regime militar promulgava muitas medidas e atos oficiais repressores dirigidos especialmente àqueles considerados contrários à ordem estabelecida, com o intuito particular de preservar os interesses ditatoriais. É de conhecimento que o regime militar:

“ (...) não excluía a repressão, uma vez que ela se colocava, para a ditadura, em dimensões diferentes. Aqueles que não aderiam ao regime militar eram considerados fora dos parâmetros, portanto, expostos a todos os males que isto acarretava.”⁴⁴

Esse momento repressor pelo qual o Brasil passava propiciou o repentino interesse do delegado recém-transferido para Marília, Ewerton Fleury Curado, acabar, sob qualquer circunstância, com os atos criminosos de Pé-de-Veludo; mesmo que fosse necessário o uso da violência para cumprir a finalidade desejada: violência que, a partir da vigência do regime militar no Brasil, passou a ser legitimada pelos governantes e pela mídia no país.

Assim sendo – segundo a fala do policial entrevistado – reunido com vários policiais, o delegado invadiu a casa de Pé-de-Veludo com o objetivo de vistoriá-la, apenas. Lá encontrou diversos objetos valiosos localizados no interior de um fogão à lenha e no fundo falso de uma mesa da cozinha. Ainda segundo o PM entrevistado, a família de Pé-de-Veludo reagiu à invasão e agrediu o delegado com um pedaço de ferro na cabeça: assim começou o tiroteio entre policiais e a família Marques Pinto, resultando na morte do delegado, de 3 membros da família e o ferimento de alguns policiais.

Joscelino Marques Pinto e seus filhos fugiram; alguns para a residência de parentes próximos do local, e outros, para o mais longe possível, sendo um deles encontrado na cidade de Álvaro de Carvalho. Enquanto sua família fugia, Pé-de-Veludo ficou na casa trocando tiros com a polícia, inclusive baleando um policial. A polícia, impossibilitada de adentrá-la, reforçou ainda mais seu efetivo policial e, finalmente, aproveitando-se do fato de a casa ser próxima ao serviço de água e esgoto da cidade, infiltrou cloro puro na residência, matando Pé-de-Veludo asfixiado.

O corpo de Pé-de-Veludo foi encontrado totalmente baleado e também azulado, devido às reações de intoxicação. Aos 21 anos, o jovem Pé-de-Veludo foi sepultado no cemitério da Saudade localizado em Marília, túmulo 127, quadra 51.

Alguns entrevistados corroboram a versão popular sobre a morte de Pé-de-Veludo:

⁴⁴ Ver REZENDE, Maria José de. **A ditadura Militar no Brasil: Repressão e pretensão de legitimidade**. Londrina: Ed. UEL, 2001, pp. 83.

“Quem matou o delegado foi o Gordo, mas eu não lembro muito bem. O delegado invadiu a casa e o Gordo tava lá dentro. O Gordo fugiu e o Guaracy tentou também, mas nisso ele viu que o delegado tava armado e então ele pulou pra casa do vizinho que era pertinho. Falou pra família do vizinho sair de dentro da casa porque a polícia ia atacar ele lá. Aí a polícia fez aquele esquema de "trincheira" na frente da casa e atiravam lá. Mas o Pé-de-Veludo era muito hábil e então ele pulou no telhado inteiro da casa e a polícia não conseguia apertar ele. Mas depois quando ele desceu para os cômodos da casa, aí ele acabou baleando um policial e um civil também.”⁴⁵

Sobre a fuga da família para as proximidades da residência em que viviam, tem-se o seguinte:

“Eu trabalhava com o parente do Pé-de-Veludo e quando aconteceu o tiroteio, os irmãos foram lá e se enconderam no barracão. Foi em 64, eu arrematava costura pra uma tia deles e um dia, a gente nem sabia do que tava acontecendo na rua, era umas 17:30 h da tarde e entrou um deles lá no quintal...agora eu não sei quem foi se foi o Gordo; só sei que entrou um deles lá. Aí ele pôs a cabeça assim na janela e eu tava lá arrematando a costura. Aí ele falou assim: - Manda essa menina ir embora e fala pra ela não olhar nem pra trás viu. Aí a tia deles perguntou: - o que tá acontecendo e o que você tá fazendo aqui? Ele tinha pulado o muro e se escondido no quintal. Aí ela falou pra mim assim: - Ai, é bom você ir embora que eu não sei o que tá acontecendo. Aí quando eu saí eu vi rodeando um monte de polícia e investigador e só sei que foi um forféu. Ficaram escondidos 3 dias na casa da mulher lá (...) Aí eles falavam assim: - Não tia, nós não vamos fazer nada pra você não, a gente só tá aqui porque aqui a gente sabe que os policiais não vão entrar. Eles tinham certeza que os policiais não entrariam lá, mas no fim o investigador entrou lá e desmontou a casa da tia deles inteira.”⁴⁶

Já no que consiste à versão da imprensa escrita, os jornais da época noticiaram os seguintes acontecimentos referentes à morte de Pé-de-Veludo:

“Trágica ocorrência registrou-se na tarde de ontem em Marília, quando uma diligência policial comandada pelo delegado de polícia adjunto foi recebida a bala por Guaracy Marques Pinto, vulgo Pé-de-Veludo, e mais dois irmãos que o acompanharam na vida criminosa. Ao chegar à casa de Pé-de-Veludo, os policiais foram surpreendidos por cerrado tiroteio, tendo o delegado Ewerthon Fleury Curado sido

⁴⁵ Entrevista realizada com um senhor, 75 anos, pertencente à classe social baixa, aposentado e contemporâneo a Pé-de-Veludo.

⁴⁶ Entrevista realizada com uma senhora, 60 anos, pertencente à classe social baixa, dona de casa e contemporânea a Pé-de-Veludo.

atingido por duas balas: uma na cabeça e outra no coração. A diligência visava revistar a casa, pois era do conhecimento da polícia que armas e munições ali havia em grande quantidade, uma vez que o próprio Pé-de-Veludo nas suas andanças e anarquias pelo bairro Cascata não escondia essa existência. Além do delegado que morreu, foram feridos pelos marginais, o investigador Roberto Mahs, o soldado Alfeu Segantin e o guarda civil Dorival Grilo (...) toda a polícia mariliense se concentrava ao redor da casa do famigerado elemento disposta a prendê-lo vivo ou morto. O bairro Cascata viveu uma tarde de extrema agitação, vendo a polícia dando caça ao jovem que há anos vem comandando a desordem naquele populoso setor da cidade.”⁴⁷

E, ainda:

“O jovem morto pela polícia no fortim da avenida Cristo Rei foi identificado como Guaracy Marques Pinto, vulgo Pé-de-Veludo(...) saiu de circulação perfurado de balas e com a cor da pele sensivelmente alterada pela ação dos gases das bombas lançadas ao interior da casa em que se abrigava. Os remanescentes da quadrilha – pai e dois filhos – continuaram sendo caçados por homens e cães pastores movimentando toda a região de Marília que atentamente passou a acompanhar o desenrolar da caçada com inusitado interesse.”⁴⁸

Conforme o *Jornal do Comércio*, nº 2511 (Anexo 14), a entrevista do policial e de alguns contemporâneos a Pé-de-Veludo; os Marques Pinto formavam um grupo de jovens transgressores, cujo líder era Guaracy Marques Pinto, conhecido como Pé-de-Veludo. Ciente do que estava acontecendo na cidade de Marília, o delegado Ewerton Fleury Curado resolveu fazer uma averiguação na casa da família Marques Pinto a fim de apreender armas, munições e jóias furtadas por Pé-de-Veludo. Assim que chegou com os demais policiais, a diligência foi recebida a bala por Pé-de-Veludo e dois irmãos, resultando no ferimento e posterior morte do delegado adjunto. Além da morte do delegado, houve outros feridos com a troca de tiros e, depois de 3 horas de tiroteios, a polícia valeu-se de um carro protegido por chapa de aço para aproximar-se da residência dos Marques Pinto. Após a morte de Pé-de-Veludo por intoxicação – devido à ação policial em injetar cloro puro na casa da família – os irmãos e o pai de Pé-de-Veludo foram presos no dia seguinte ao ocorrido, sendo dois deles mortos na cidade de Álvaro de Carvalho; como mostra os trechos a seguir:

⁴⁷ *Jornal do Comércio*, nº 2509, ano 9, pp. 1 – data: 10 / 12 / 64. Ver anexo, nº 11, pp. 106.

⁴⁸ *Jornal do Comércio*, nº 2510, ano 9, pp. 1 – data: 11 / 12 / 64. Ver anexo, nº 12, pp. 107.

“(...) Joscelino Marques Pinto foi detido nas imediações da rua Mato Grosso, depois de haver procurado uma padaria para comprar um pão. Joscelino havia pernoitado nos fundos da casa de um parente naquele setor da cidade (...) Mais tarde, aproximadamente 8:00 horas, na fazenda Cascata, os policiais acuraram Jair Marques Pinto (...) Outro irmão de Pé-de-Veludo, Delacyr Marques Pinto, foi detido mais ou menos ao meio dia de ontem, em área da Fazenda São Paulo, distrito de Padre de Nóbrega (...) Outros irmãos menores também foram detidos no período da manhã, inclusive um que se encontrava na cidade de Tupã (...) Outros membros do bando, porém, logo cedo eram cercados nas proximidades de Álvaro de Carvalho, para onde seguiu forte contingente policial.”⁴⁹

A respeito da fuga dos irmãos de Pé-de-Veludo em Álvaro de Carvalho, existe o seguinte relato:

“Depois de várias horas de resistência nas imediações de Álvaro Carvalho, dois irmãos de Guaracy Marques Pinto, vulgo Pé-de-Veludo, foram mortos pela caravana de policiais que os cercavam e que tentam apanhá-los vivos. Os meliantes – Alcir, vulgo Gordo e Osmair, vulgo Peu, não atenderam aos inúmeros apelos dos policiais, respondendo sempre com rajadas de metralhadoras que não se sabe onde conseguiram (...) não tiveram os representantes da lei a não ser pôr fim à caçada liquidando os dois bandidos.”⁵⁰

Sobre o discurso da polícia a respeito da morte de Pé-de-Veludo, segue abaixo a entrevista feita com um dos policiais que participaram do acontecimento:

“No mês de novembro chegou de Londrina uma carta precatória pedindo a prisão do Pé-de-Veludo. Chegou esse pedido de prisão para ele. O delegado disse que ele havia feito um furto lá, juntamente com outras pessoas de lá de Londrina. Esse era um grande roubo de armas e as pessoas que ficaram presas por lá denunciaram que tinha sido o Pé-de-Veludo que havia ficado com as armas. O delegado mandou uma intimação pra ele nos primeiros dias de dezembro, 2 ou 3 de dezembro, marcando para no dia 8 de dezembro ele comparecer na delegacia. E no dia 8 de dezembro, naquela época não era feriado, nem dia santo; o pessoal trabalhava. Mas no dia 8 ele não compareceu, no dia 9 compareceram na delegacia o pai dele, seu Joscelino e o advogado Dr. Waldemar da Rocha Bastos. Compareceram na delegacia e o pai dele afirmando categoricamente ao delegado de que o que havia na verdade, era uma perseguição em

⁴⁹ Jornal do Comércio, nº 2511, ano 9, pp. 1 – data: 12 / 12 / 64. Ver anexo, nº 14, pp. 109.

⁵⁰ Jornal do Comércio, nº 2511, ano 9, pp. 1 – data: 12 / 12 / 64. Ver anexo, nº 14, pp. 109.

cima do Pé-de-Veludo e que o Pé-de-Veludo não era ladrão e que essa denuncia de Londrina era falsa. O delegado conversou com o advogado e disse que queria que trouxessem o Pé-de-Veludo até a delegacia, porque o delegado gostaria de conversar com ele. O pai dele disse que a polícia perseguia ele sem saber se ele era cidadão ou não. O doutor Ewerton falou assim: - Então traz o seu filho aqui porque eu quero conversar com ele e se tiver alguém perseguindo ele, nós vamos tomar providências e instaurar inquérito contra a polícia. No dia 9, compareceu na delegacia somente novamente o advogado e o pai do Joscelino. Aí deu um estalo na cabeça do delegado e ele disse: - Bom, já que ele não vem até aqui e vocês estão alegando que ele tá em Bauru, eu quero conhecer a sua casa. E a casa dele era um terreno comprido 12 de frente por 30 de fundo e a casa dele era uma casa de madeira no fundo e no meio do terreno tinha um muro e depois outro muro na frente. Aí o delegado me chamou e disse: - Nós vamos lá na casa do Pé-de-Veludo. O advogado vai nos acompanhar e o pai também vai nos acompanhar e nós vamos fazer uma revista lá. E eu disse para o delegado: - Olha, quantos policiais o senhor vai levar? Aí ele disse: - Não, só nós dois. Aí eu disse assim: - Nem pensar, só nós dois não vamos não, porque a família é grande. A delegacia naquela época tinha uma perua Kombi que era usada pela polícia técnica e os policiais entraram na Kombi da polícia técnica e eu fui chamar eles para irem com a gente, então eles ficaram aguardando lá a nossa saída. Quando o advogado viu que tinha 8, 10 policiais, ele disse para o delegado: - A situação que o senhor tá colocando a família do seu Joscelino é constrangedora, fica uma situação chata para a família. Eu garanto que o senhor pode aparecer lá e que pode conversar lá com todos. Aí o delegado dispensou os outros policiais, confiando na palavra do advogado. Nós entramos na casa e lá fomos cercados pelos irmãos de Pé-de-Veludo. Inclusive o Gordo perguntou se nós tínhamos mandato de busca e nós dissemos que não tínhamos. Mas o advogado pediu que os irmãos se afastassem da casa e fossem para o quintal, porque nós (**o policial e o delegado**) iríamos conversar. Nessa altura, o delegado não ficou somente na conversa, mas ele passou a revistar a casa. Todos os colchões que o delegado ia levantando das beliches dos quartos, todos ele ia encontrando armas, jóias, tudo quanto é tipo de armas e várias jóias. Isso foi em todos os cômodos. O delegado falou pra mim: - Pega uma toalha grande e vai recolhendo essas jóias e as armas. Aí eu peguei lá um cobertor “seca-poço” e nessa altura nós chegamos na cozinha. Nessa altura, o delegado sentou e disse: - Nós vamos relacionar a arma e as jóias. Comprovando que isso aqui é deles, nós devolvemos. Se não comprovar, isso aqui tudo vai ser apreendido. Hoje nem existe mais, mas antes tinha uma mesa que as pessoas denominavam mesa de correr. Essas mesas que puxavam e emendavam e embaixo era um armário. Eu escrevendo, o delegado separando as jóias da relação. Terminada essa primeira fase, o delegado abriu a porta da mesa. E tava cheio de armas. Nessa altura, já não tinha mais onde colocar armas. O delegado começou a abaixar e colocar as armas na mesa e disse pra mim: - Arruma um saco para colocar essas armas.

Novamente um dos irmãos falou: "vocês não têm documento de busca e apreensão e nós não vamos deixar vocês mexerem mais aqui. E mais uma vez o advogado conversou com eles e falou que era para eles (os irmãos) se tranquilizarem porque ele (o advogado) estava lá para defendê-los. Da cozinha, eles estavam reformando o banheiro. Eu saí e peguei um saco de cimento, mas o seu Joscelino saiu comigo. Eu fui na área de construção, peguei o saco de cimento, ainda tive o cuidado de bater o saco de cimento e coloquei o saco de cimento ali. Então, o delegado foi colocando as armas e ele mesmo foi relacionando as armas e dava para mim e eu ia colocando no saco. O seu Joscelino, quando ele saiu pra fora comigo; então, eu não vi, eu realmente não vi, que ele havia pego um pedaço de ferro e deixou do lado. E uma das vezes que o delegado foi abaixar pra apanhar a arma, o Joscelino levantou o ferro e - era um ferro grande - tacou na cabeça do delegado e o delegado caiu com a cabeça em cima da mesa, já sangrando. Nesse momento começou o tiroteio, tinha arma escondida pelo quintal todo: em cima de árvore, enterrada no chão. O delegado levou 5 tiros nas costas, isso porque tava deitado na mesa. Eu estava com bastante revólveres na cinta porque eu havia pego antes. Aí eu saquei a arma, foi quando o seu Joscelino ficou na frente e eu dei dois tiros no seu Joscelino. O revólver era tão ruim, mas tão ruim, que os dois tiros um pegou numa mão e o outro pegou na outra e nem atravessou. De tão ruim que era o revólver. E o tiroteio continuou. Eu estava perto da porta, do lado de uma geladeira. E essa geladeira onde eu estava, ela ficou pipocada de bala. Nessa altura, eu não vi alguém por trás, um dos irmãos, não sei quem ... me puxou pra trás da porta e me derrubou e com a enxada, tentou me agredir com a enxada. Aí eu saquei outro revólver e para me defender, comecei a atirar. Tanto é esse ombro meu é ruim até hoje, por causa da pancada que eu levei. E nessa altura, eu devo ter levado mais de 100 tiros, mas somente 1 acertou que foi no peito, perfurou o pulmão e saiu nas costas. Nessa altura já tinha passado gente na rua, ouviu o tiroteio. Eu e o doutor Ewerton ficamos lá, a mercê deles. Eu saí e eles saíram atirando em mim e eu atirando neles. Uns 30 metros lá da casa, pra baixo, tinha um bar. Eu entrei e pedi para os empregados fecharem as portas, porque eu tava sendo perseguido e eles estavam atirando nas minhas costas e erravam todos. Aí chegou o reforço. Quando chegou o reforço, todos foram recebidos na bala. Quando eu percebi que a polícia tinha chegado, eu voltei novamente na casa. Alguns deles já começaram a empreender fuga e outros ficaram atirando na polícia. Eu quando voltei, eu vi que o delegado não tava com vida não. Nessa altura, eu tive uma hemorragia interna e comecei a botar sangue pelo nariz e pela boca e apareceu o Pé-de-Veludo na porta, no portão do meio. Aí eu dei uns 4 tiros nele, um dos tiros acertou na boca dele e saiu no pescoço. Mas nessa altura eu fui socorrido pela ambulância do Posto de Saúde. Só que eu entrei no carro e disse para o delegado regional que chegou: - Doutor, o Pé-de-Veludo tá dentro da casa - e saí. Só que com essa minha saída, a

*minha hemorragia foi tão grande que eu desmaiei, mas eu cheguei na Santa Casa em coma, fui ser socorrido e o tiroteio ficou.*⁵¹

Semelhante às notícias dos jornais, percebe-se nesse discurso que o policial qualifica a família de Pé-de-Veludo como única responsável pela tragédia ocorrida. Além disso, justifica todas as ações policiais – desde a vistoria na residência de Pé-de-Veludo até as mortes dos membros da família – através do violento comportamento pregresso de Pé-de-Veludo e de seus irmãos. A imprensa escrita local apoiou em diversas notícias a conduta da polícia em revistar a casa e, mesmo percebendo a atitude violenta da polícia em matar Pé-de-Veludo e seus familiares, os jornais justificam essa ação policial devido às atitudes criminosas do ladrão. Porém, a visão popular difere-se da versão policial e também da imprensa, pois afirma que nada justifica as violentas ações policiais para capturar Pé-de-Veludo e seus irmãos, nem mesmo o comportamento pregresso do ladrão.

Percebe-se que muitas são as versões em torno da morte de Pé-de-Veludo. Em alguns pontos há divergências entre os discursos e, em outros momentos semelhanças, nas visões abordadas. Constatam-se, durante as 3 versões, a substituição de personagens, interpretações invertidas, seleções e ênfase em alguns fatos ocorridos durante o episódio, de acordo com o interesse de cada segmento em manter ou não as histórias acerca de Pé-de-Veludo.

Especificamente sobre a versão da população, notam-se indícios de sentimentos de proximidade com Pé-de-Veludo através da substituição de personagens, a partir do momento em que se rejeita a idéia de que ele tenha matado o delegado, atribuindo esse fato ao seu irmão Alcir, o Gordo. Além disso, todos os **entrevistados**, exceto o policial, foram contrários às manifestações violentas dos policiais com os membros da família e também com Pé-de-Veludo, pois pensam ser injustificáveis a violência sofrida na captura e a morte do ladrão e de seus dois irmãos.

Já a imprensa escrita da época, assim como a visão popular mostrada acima, percebem violência nas ações policiais. Diferentemente da população entrevistada, a mídia justifica essas ações violentas da polícia devido aos crimes cometidos por Pé-de-Veludo, bem como dos espólios encontrados após a sua morte; mostrados constantemente em notícias do dia 13 / 12 / 1964 e 15 / 12 / 1964, respectivamente:

⁵¹Entrevista realizada com um senhor, 78 anos, policial aposentado e contemporâneo a Pé-de-Veludo.

“Material bélico, jóias e dinheiro foram apreendidos pela polícia: (...) Além do dinheiro procedente de diversos países, incluindo-se dólares, guaranis, pesos argentinos, libras, etc., num total que, somados os crueiros, ascende a casa dos três milhões em moeda nacional (...) um anel de senhora (brilhante), outro anel, tipo chuva, ainda mais um anel não avaliado e, finalmente, um relógio marca ‘Movado’, com pulseira, tudo em ouro. Foram encontradas ainda diversas armas e cerca de 800 balas.”⁵²

E, também:

“Moambas apreendidas: Dando sequência às buscas na casa do falecido ‘Pé-de-Veludo’, a polícia apreendeu mercadorias de alto valor que se achavam escondidas sob o assoalho, inclusive grande número de canetas. As buscas prosseguem, esperando-se que novos valores sejam encontrados no interior do prédio que abrigava a quadrilha de marginais.”⁵³

Verifica-se que a imprensa reiterou e atribuiu o tempo todo a morte do delegado adjunto a Pé-de-Veludo, aproximando-se da versão policial ao demonstrar a figura da polícia como agente passivo diante das ações de Pé-de-Veludo. A imprensa divulga, em suas notícias, que a polícia agiu apenas para se defender (mesmo que de maneira violenta) contra aquele que estava proporcionando a desordem por anos em Marília, conforme se percebe na matéria abaixo:

“Quando tombou na residência fatídica da avenida Cristo Rei, Guaracy, conhecido pela alcunha de ‘Pé-de-Veludo’, portava dois revólveres ‘colt’, calibre 32 e um FDC; tinha a sua disposição 525 balas intactas, além de 6 ‘môlhos’ com cerca de 70 chaves variadas. Êste é o legado de um jovem delinquente que não atendeu os inúmeros apêlos da polícia para que se entregasse, preferindo o suicídio quando deveria deixar o fortim dominado pelo cloro.”⁵⁴

A visão da mídia impressa da época se explica em parte pelo contexto ditatorial em que o país vivia. Como mostra Rezende:

“ O regime, segundo os militares e civis que faziam parte do grupo de poder e se empenhavam na busca de aceitabilidade para a ditadura, estaria incumbido de preservar os valores e os interesses condizentes

⁵² Jornal do Comércio, nº 2512, ano 9, pp. 1 – data: 13 / 12 / 64. Ver anexo, nº 15, pp. 110.

⁵³ Notícia veiculada no dia 15 / 12 / 1964, no **Jornal do Comércio**, nº 2513, ano 9, pp.1.

⁵⁴ Jornal do Comércio, nº 2512, ano 9, pp. 1 – data: 13 / 12 / 64. Ver anexo, nº 15, pp. 110.

com uma suposta ordem democrática, o que era constantemente reafirmado por órgãos de imprensa.”⁵⁵

Preservar a tranquilidade cotidiana da população e auxiliar na manutenção da ordem do regime ditatorial passou a ser uma das funções dos jornais da época. Portanto, percebe-se, no discurso da mídia, a tentativa de legitimar a punição – mesmo que desrespeitosa aos direitos humanos – realizada pela polícia como forma de evitar a presença de indivíduos contrários à ordem estabelecida no período.

No que diz respeito à morte de Pé-de-Veludo, são 3 discursos que ora se aproximam e ora se distanciam – o discurso presente na polícia, na mídia e na população mariliense em geral – mas todos eles auxiliam na elaboração do significado de Pé-de-Veludo no imaginário popular local. Afinal, os feitos em vida e a morte de Pé-de-Veludo foram fundamentais para compreender as diversas percepções sobre Pé-de-Veludo: teria sido ele um perigoso transgressor que em vida amedrontava a população? Teria se transformado ainda em vida em um bandido justiceiro e, após a sua morte, em santo milagreiro intermediando centenas de pessoas em seus pedidos com o sobrenatural até os dias de hoje, principalmente no dia de finados? Ou “*deus*” e “*diabo*” em vida e herói e santo em morte?

A partir de agora, é necessário analisar a dinâmica criminal existente nos tempos em que Pé-de-Veludo agia, bem como suas diferenças e semelhanças ao perfil criminal de hoje para compreender como os atos peculiares na realização dos delitos cometidos por ele auxiliaram na sua inserção no imaginário popular mariliense e na formação do discurso da população local.

⁵⁵ Ver REZENDE, Maria José de. **A ditadura Militar no Brasil: Repressão e pretensão de legitimidade**. Londrina: Ed. UEL, 2001, pp. 83.

CAPÍTULO 3

CRIME E IMPRENSA ACERCA DE PÉ-DE-VELUDO

CAPÍTULO 3: CRIME E IMPRENSA ACERCA DE PÉ-DE-VELUDO

3.1– CONCEITUAÇÃO DE CRIME E VIOLÊNCIA

Não se sabe ao certo quando ocorreu o primeiro crime, contudo, sabe-se que o crime inicialmente era uma ação individual e com índole ligada à natureza humana. Crime é um desvio em relação às normas sociais e sua definição pode ser restrita a todos os atos que violam a lei. O estudo de crimes não é uma especificidade do Direito. Existem outras áreas científicas como a Psicologia, a Economia e a Sociologia que lidam com o tema.

A primeira vertente teórica que estudou a questão criminal foi a Teoria Determinista, a qual explica o homem condicionado pela sua natureza biológica e tem em Cesare Lombroso⁵⁶ o principal teórico da criminologia científica do século XIX. Para ele, o criminoso já nasce com características físicas e psicológicas que o diferenciam do homem “de bem” da sociedade, ou seja, há uma predisposição genética no indivíduo para cometer crimes.

Além dessa linha teórica determinista de tendência genética à criminalidade, há também a influência das condições físicas na formação do criminoso. De acordo com os estudos feitos por Sueli Felix⁵⁷ sobre as interpretações deterministas, tem-se que os indivíduos estão mais propensos à agressividade quando sujeitos ao meio físico de extremo calor, às doenças epidêmicas e à grande quantidade de umidade do ar – geralmente os indivíduos de status econômico mais baixo sofrem mais as intervenções do meio físico em suas vidas do que os indivíduos de status econômico mais elevado.

Existem ainda, os criminólogos ortodoxos que definem juridicamente crime como exclusivamente todo ato humano contrário à lei penal, desconsiderando, por conseguinte, os crimes que representam os diversos interesses que permeiam o âmbito social; como exemplo os de classes, posições sociais e regimes políticos.

Além de Lombroso, outro teórico que estudou sobre o crime foi Émile Durkheim:

*“O crime é normal porque uma sociedade isenta dele é completamente impossível”.*⁵⁸

⁵⁶ A criminologia científica tem origem com o trabalho de Cesare Lombroso (1835 – 1909): o autor desenvolveu uma teoria na qual o verdadeiro criminoso sofre de uma anomalia hereditária que o diferencia do indivíduo não-criminoso. Ver LOMBROSO, Cesare. **O homem criminoso**. RJ: Ed. Rio.

⁵⁷ FELIX, Sueli. **Geografia do crime: interdisciplinaridade e relevâncias**. Marília: Unesp-Publicações. 2002, pp. 9 e 10.

⁵⁸ DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. SP: Nacional, 1966, pp. 83.

Para a sociologia, Durkheim iniciou seus estudos sobre o crime, tratando-o como um fenômeno social normal e necessário. Para ele, o crime é parte da natureza humana que persiste em todas as épocas e em todas as classes sociais. O crime é normal porque é impossível imaginar uma sociedade na qual o comportamento criminoso esteja ausente totalmente. Não existe sociedade sem atos criminosos, o que existe são modificações na forma da criminalidade, não sendo a mesma de um período para outro: sempre e em todas as partes haverá ações qualificadas como crime, porque sempre existirão ações que irão ferir sentimentos coletivos.

Durkheim afirma que o crime é uma espécie de mal necessário para a sociedade, pois uma sociedade sem crimes entraria em completa deterioração. Para o autor, na ocorrência de um crime, reações contrárias reafirmam os laços sociais e confirmam a vigência e validade das normas regulamentadoras do convívio.

Atualmente, na abordagem sobre a questão criminal, o crime caracteriza-se pela massificação da sociedade moderna e está intrinsecamente relacionado à questão urbana, à percepção que o ato criminoso provoca no indivíduo e às condições sócioeconômicas. De acordo com Sueli Felix:

“Um mesmo crime (homicídio, por exemplo) provoca respostas totalmente diferentes, dependendo de quem são os atores da tragédia. A morte de pessoas de status elevado e suas circunstâncias e, de outro lado, as arbitrariedades (esquadrões da morte, batidas policiais, execução sumária de criminosos em confronto com a polícia etc.) a que estão sujeitos os pobres, moradores de favelas e subúrbios originam reações diferentes, embora sejam dois aspectos de uma mesma realidade – a violência onipresente no cotidiano da grande maioria da população brasileira.”⁵⁹

Para Sergio Adorno, crime são formas codificadas de violência descritas no Código Penal: no Brasil, são caracterizados pelos comportamentos mais graves e destinam-se às penas que atingem até trinta anos. A seguir, para Adorno, são definidas como tipologia criminal:

“Compõe a chamada criminalidade urbana violenta ocorrência de crimes contra o patrimônio (roubos e latrocínios); contra a vida (homicídios dolosos), contra a saúde pública (tráfico e uso de drogas), contra os costumes (estupros), além das contravenções

⁵⁹ FELIX, Sueli. **Geografia do crime: interdisciplinaridade e relevâncias**. Marília: Unesp-Publicações. 2002, pp. 7.

*penais (porte ilegal de armas). Incluem-se nesta categoria tanto as tentativas quanto os atos consumados.*⁶⁰

Assim sendo, este trabalho corrobora as interpretações com conotações sócio-econômicas e políticas, a exemplo de Sergio Adorno e Sueli Felix; excluindo, portanto, idéias deterministas sobre o tema.

Já a palavra “violência” é derivada do latim *violentia* que remete a *vis* – força, vigor. Para a sociologia, a violência se constitui quando a força é usada em excesso, provocando dano a outrem ou à sociedade. A violência implica todo tipo de ação que resulte em problemas materiais ou psíquicos profundos na vida das pessoas. Nas palavras de Alba Zaluar:

*“Quando a violência ultrapassa um limite que perturba acordos tácitos e regras que ordenam relações, adquirindo carga negativa ou maléfica. Portanto, é a percepção do limite e da perturbação (e do sofrimento causado) que vai caracterizar um ato como violento, percepção que varia cultural e historicamente.”*⁶¹

São caracterizadas quatro formas de violência:

1. O crime urbano – crime comum e crime organizado;
2. Graves violações de Direitos Humanos;
3. Violência nas relações de classe social;
4. Violência nas relações interpessoais⁶².

Muniz Sodré alega que a violência é tanto o ‘ato’ que está presente, por exemplo, em crimes contra a pessoa e crimes contra o patrimônio; quanto o ‘estado’, entendido como o modo de organização social existente em países com alta desigualdade sócioeconômica.

Ainda, para Marcelo Lopes de Souza, a violência urbana são as diversas manifestações da violência interpessoal explícita que têm lugar no ambiente urbano e apresentam uma conexão bastante forte com a espacialidade urbana, bem como com os problemas decorrentes

⁶⁰ ADORNO, Sergio e PINHEIRO, Paulo Sérgio. **Violência contra crianças e adolescentes, violência social e Estado de Direito**. SP: São Paulo em Perspectiva. Fundação Seade, v.7, n.1, jan./mar. 1993, pp. 106 – 118.

⁶¹ ZALUAR, Alba. **Integração perversa: pobreza e tráfico de drogas**. RJ: Editora FGV, 2004, pp.228 e 229.

⁶² Entende-se por violência nas relações interpessoais como sendo ações de conflitos entre pessoas conhecidas, cujo desfecho acaba, em grande parte das vezes, na morte de um dos envolvidos. São eles: conflitos entre companheiros, entre parentes, entre vizinhos, entre amigos, entre colegas de trabalho, entre conhecidos, entre patrões e empregados, entre comerciantes e seus clientes etc.

da interação do homem e essa espacialidade. Além disso, essas manifestações revelam, ao observador, particularidades que remetem à cidade, ainda que não sejam exclusivamente do meio citadino – já que tanto a pobreza quanto a criminalidade são fenômenos tanto rurais, como urbanos.⁶³

Corroborar-se, em parte, a visão do autor em não restringir a violência urbana aos crimes passionais ou patrimoniais inespecíficos, acrescentando a devida relevância aos atos terroristas, às guerrilhas urbanas ideológicas e aos delitos referentes ao tráfico de entorpecentes, formas de violência que integram o quadro urbano⁶⁴

Como já disse Paulo Sérgio Pinheiro:

*“ (...) Não existe sociedade pacífica. A sociedade brasileira sempre foi intensamente violenta, com ou sem mídia dando espaço para a violência.”*⁶⁵

Assim como o crime, a violência também sempre esteve presente na sociedade – seja ela a brasileira ou outra sociedade – com influências da mídia para corroborá-la ou não. Exemplo disso são os vários mitos existentes – gregos, romanos, cristãos, astecas, afros – que mostram que não existe sociedade originariamente sem crime e sem violência. Alguns desses mitos podem ser vistos neste trabalho e o primeiro deles trata da história bíblica dos irmãos Caim e Abel⁶⁶: Caim, por ciúmes, assassinou Abel. Esta história bíblica – na visão dos cristãos – foi o primeiro homicídio da história da humanidade. Outro mito que evidencia a relação existente entre crime e sociedade desde a sua origem foi o mito grego de Édipo⁶⁷: Édipo mata Laio – rei de Tebas – sem saber que ele é seu pai. Após matá-lo, Édipo se casa com Jocasta, também sem saber que ela é sua mãe. Ao descobrirem a tragédia, Jocasta se mata e Édipo fura seus dois olhos. Por fim, há um deus asteca – Xipe Totec – que evidencia o caráter de violência e crime existente nas sociedades desde seu início. Sobre ele, René Girard diz:

⁶³ Para Marcelo Lopes de Souza, não se deve restringir a violência urbana a elementos sociais sem motivações políticas fortalecidas, a exemplo de crimes passionais inespecíficos; mas sim, devem-se considerar atos terroristas, guerrilhas urbanas ideológicas ou ainda, acrescentar manifestações de violência tais como agressividade das torcidas organizadas em estádios, brigas no trânsito: todos os elementos que demonstrem problemas relativos às questões urbanas – estresse, deterioração do meio urbano, delitos referentes ao tráfico de entorpecentes, etc.

⁶⁴ Há diversas pesquisas realizadas pelo IBGE, pelo GUTO, pelo NEV, além de outros grupos e instituições ligadas ao estudo da violência nas cidades.

⁶⁵ PINHEIRO, Paulo Sérgio. **Mídia e Violência urbana**. RJ: Faperj, 1994, pp.108.

⁶⁶ Sobre a história bíblica de Caim e Abel, ver a bíblia, antigo testamento: Gênesis 4:3, 4 e Hebreus 11:4.

⁶⁷ Sobre a história de Édipo, Laio e Jocasta, ver: BULFINCH, Thomas. **O livro de ouro da mitologia. Histórias de Deuses e Heróis**. 23ª edição. RJ: editora Ediouro, 2001, pp.152 e 153.

“Ora o deus é morto e esfolado sob as aparências da vítima que o substitui, ora, ao contrário, este mesmo deus se encarna no sacrificador; é ele que esfolo as vítimas para se revestir com sua pele, transformando-se de alguma forma nelas.”⁶⁸

Para Alba Zaluar, a percepção relativa à violência varia historicamente e apresenta, com o decorrer do tempo, manifestações diferentes. A dinâmica do crime muda de acordo com as transformações sociais, psicológicas e econômicas. Para cada transformação ocorrida, surge um novo paradigma do crime que tende a perder o caráter hábil e carismático e dá lugar a um ato caracteristicamente violento.

Corroborando a idéia de Zaluar, para Michel Wieviorka⁶⁹ o conceito de violência mudou ao longo dos tempos, pois também se consideram as percepções que circulam sobre os fenômenos criminais e as representações que os descrevem. Para ele, a violência é responsável por exprimir uma nostalgia do passado daquele que a sofre, pois o tempo minimiza o medo sentido em uma determinada época e a violência do presente altera a percepção do indivíduo em relação à situação passada, nele provocando uma nostalgia do passado. Através da violência, o indivíduo percebe a fragmentação da tradição e passa, a partir de então, a reconstruí-la por meio do processo de construção de si mesmo. Por outro lado, a violência torna-se a negação da alteridade e da subjetividade daquele que a exerce. Ela é a expressão desumana do ódio, da destruição do outro e tende, portanto, à barbárie⁷⁰.

3.2 – OS CRIMES CONTRA O PATRIMÔNIO E OS CRIMES CONTRA A PESSOA

Como visto anteriormente, o crime é um problema que acompanha a sociedade desde os primórdios dos tempos e que altera significativamente o bem-estar do Homem. O crime é consequência de fatores sociais, econômicos e políticos e adota características de acordo com o ambiente, as classes sociais, condições espaciais e os valores existentes em cada sociedade.

⁶⁸ GIRARD, René. **A violência e o sagrado**. SP: Ed.Unesp. 1990, pp. 306.

⁶⁹ WIEVIORKA, Michel. **O novo paradigma da violência**. SP: Tempo social – Revolução social. USP, 9(1), maio de 1997, pp. 5.

⁷⁰ WIEVIORKA, Michel. **O novo paradigma da violência**. SP: Tempo social – Revolução social. USP, 9(1), maio de 1997, pp. 35 e 37.

Já em 1890, o artigo 330 do Código Penal Brasileiro definia como furto “*subtrair para si, ou para outrem, coisa alheia ou móvel, contra a vontade de seu dono*” e o roubo – de acordo com o mesmo código penal e artigo 356 – definia-se como “*subtrair para si, ou para outrem, coisa alheia ou móvel, fazendo violência à pessoa ou empregando força contra a coisa*”. Foi a partir da formulação do Código Penal de 1942⁷¹ que o roubo com destreza e rompimento de obstáculos passou a ser denominado como furto qualificado – apesar dessa diferenciação já existir teóricamente no Código Criminal do Império – , deixando de ser referido como crime contra a pessoa e passando a integrar os delitos contra a propriedade. Isso ocorria porque, até então, consistia em violência contra as pessoas e contra as coisas, respectivamente⁷²:

“Além de ameaças ou agressões a esta, a entrada a noite na casa, por meio de escaladas, chaves falsas ou verdadeiras, fortuita obtida pelo criminoso, ou com algum doméstico, que tenha sido subornado, ou fingindo-se o delinquente autoridade pública, ou autorizado a tomar a propriedade alheia.”

“Os arrombamentos, perfurações de paredes, a introdução dentro da casa por conduto subterrâneo, por cima dos telhados ou por qualquer caminho que não seja destinado a servir de entrada ao edifício e a qualquer das suas dependências.”

Os crimes são conceituados em crimes contra o patrimônio ou propriedade e crimes contra a pessoa ou violento. De acordo com o Código Penal Brasileiro, os crimes contra o patrimônio são os que se referem às coisas materiais: roubo (roubo com emprego de armas – denominado *assalto*), roubo seguido de morte (*latrocínio*), furto e estelionato (popularmente conhecido como *golpe*). Já os crimes contra a pessoa são os que atentam contra a vida como o homicídio, a tentativa de homicídio, lesões corporais e estupro.

⁷¹ De acordo com o Código Penal Brasileiro, em vigor desde 1942 e pouco transformado até então, o conceito de furto e roubo são, respectivamente:

Dos crimes contra o patrimônio: Capítulo I – Furto (art. 155) – “*Subtrair, para si ou para outrem, coisa alheia móvel.*”

Furto Qualificado: Com destruição ou rompimento de obstáculo à subtração da coisa; com abuso de confiança ou mediante fraude, escalada e destreza; com emprego de chave falsa; mediante concurso de duas ou mais pessoas.

Roubo (art. 157) – “*Subtrair coisa móvel alheia para si ou para outrem, mediante grave ameaça ou violência à pessoa, ou depois de havê-la, por qualquer meio, reduzida à impossibilidade de resistência.*”

Com **emprego de armas**; se há concurso de duas ou mais pessoas; se o agente mantém a vítima em seu poder, restringindo sua liberdade (incluída pela Lei nº 9.426, de 1996).

⁷² Sobre a denominação de furto e roubo no Império, bem como as formas de punição existentes para cada delito, ver FAUSTO, Boris. **Crime e cotidiano: a criminalidade em São Paulo (1840 – 1924)**. SP: Editora Brasiliense. 1984, pp. 126.

No passado, o crime privilegiava muitas vezes a vingança, em que o ato feito a alguém era legalmente retribuído da mesma forma (Lei de Talião). Já no Brasil, desde o período colonial até a presença da crescente urbanização territorial, o tipo predominante era o crime contra a pessoa, particularmente os passionais.

Nessa época o país era predominantemente rural não apenas sob o ponto de vista territorial, mas também no que se refere aos valores e costumes da sociedade. A sociedade paulista tinha sua forma de organização primordialmente patriarcal e dotada de traços oligárquicos. A herança rural⁷³ presente na formação da sociedade brasileira se fez atuante inclusive na dinâmica criminal paulista existente até o período de urbanização. Portanto, a tipologia criminal era muitas vezes carregada de elementos que sugeriam o envolvimento emocional e de posse entre as partes, bem como propagado geralmente no espaço privado e entre pessoas conhecidas. Crimes passionais comuns no período podem ser explicados como o reflexo da sociedade patriarcal com predomínio de atitudes de preservação da honra, principalmente da honra masculina.

Com os primeiros esboços da urbanização no Brasil, já no final do século XIX e início do século XX, começou uma mudança na dinâmica criminal do país, com o aumento da criminalidade relacionada ao patrimônio em detrimento de crimes contra a pessoa. Ainda no início da formação dos centros urbanos no Brasil, aumentaram os crimes de furto, incluindo-se os qualificados. Eram comuns os crimes com marcas e técnicas próprias de cada criminoso, com pouca violência e muita habilidade e destreza no ato de furtar e com pouca sensação de medo por parte das vítimas, já que o contato físico e psicológico com o criminoso era mínimo ou inexistente. Não havia a coação da vítima por parte do ladrão, pois os atos criminosos eram cometidos de maneira a aproveitar a esperteza do criminoso. Prezava-se pela capacidade de comunicação e pela habilidade física do ladrão. Boris Fausto, em seu livro destaca que a própria arquitetura das cidades – em especial, São Paulo – auxiliava nas ações e no êxito do ladrão, aproveitando as janelas e portas existentes nas residências:

*“A configuração da cidade, sobretudo da zona central, com um número relativamente pequeno de prédios e uma série de construções com telhados próximos uns dos outros, incentiva o aperfeiçoamento de uma habilidade especial: a fuga pelos telhados, que aproximam os ladrões dos malabaristas circenses.”*⁷⁴

⁷³ Sobre a questão da herança rural brasileira, o patriarcalismo e os valores oligárquicos, ver HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. SP: Cia das letras, 1995.

⁷⁴ FAUSTO, Boris. *Op.cit.*, pp. 144.

Essa característica habilidosa, a capacidade de verbalização do ladrão a fim de conseguir o desejável, propiciava, muitas vezes, uma aproximação do criminoso à vítima. Frequentemente, a população tornava-se favorável às ações desse bom ladrão, criando simpatia por ele, ou, ainda, transformando suas ações em algo benéfico para a sociedade. É o caso da criação do “mito de Robin Hood”, em que o criminoso tirava dos ricos e dava os espólios conseguidos aos pobres⁷⁵. Esse mito foi altamente propagado pela população aos furtos realizados por uma série de ladrões, dentre eles: Meneghetti⁷⁶ em São Paulo e, em especial, Pé-de-Veludo, em Marília.

Outro elemento tão importante quanto à questão do mito robinhhodiano é a conceituação de malandro. Tanto Meneghetti quanto Pé-de-Veludo são considerados o típico *malandro*, não nos moldes do malandro carioca que usa de vários elementos a fim de conseguir o que quer, mas no sentido de ser um indivíduo deslocado das regras formais da sociedade:

“O malandro é um ser deslocado das regras formais da estrutura social, fatalmente excluído do mercado de trabalho, aliás definido por nós como totalmente avesso ao trabalho e altamente individualizado, seja pelo modo de andar, falar ou vestir-se.”⁷⁷

A malandragem está na recusa em utilizar como moeda de troca a força de trabalho do malandro, pela preferência na ocultação dessa força. O malandro muitas vezes opta por ficar de fora da dinâmica de trabalho capitalista, preferindo flutuar, participar e transcendê-la quando lhe for conveniente:

“A astúcia, por seu turno, pode ser vista como um equipamento do jeito (ou do jeitinho) como um modo definido de utilizar as regras vigentes na ordem em proveito próprio, mas sem destruí-las ou colocá-las em causa.”⁷⁸

Ecléa Bosi chama a atenção para o grande número de recordações dos entrevistados por ela no que se refere aos crimes realizados por Meneghetti na cidade de São Paulo. Havia a

⁷⁵ O mito de “Robin Hood” caracteriza-se pela figura do bandido social, ou seja, o criminoso que transgride a lei a fim de representar o povo em suas reivindicações e ser legitimado por este mesmo povo. Sobre o bandido social, ver HOBBSAWN, E. J. **Bandidos**. RJ: Forense, 1975.

⁷⁶ Ver BERNARDI, Célia de. **O lendário Meneghetti: Imprensa, memória e poder**. SP: Editora Annablume, 2000.

⁷⁷ DA MATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. RJ: Zahar editores, 1981, pp. 204.

⁷⁸ DA MATTA, *op.cit.*, pp. 226.

percepção popular de que Meneghetti era bom, pois tirava dos ricos para dar aos necessitados; bem como a superestimação de suas ações – a exemplo das palavras de um senhor entrevistado por Bosi em seu livro:

“Quando eu era moço houve um ladrão famoso aqui que deu muito trabalho para a polícia. Ele saltava 20 metros de altura, subia nas paredes como um gato, pulava de uma casa para outra (...) Ele não tinha culpa nenhuma. Ouvi falar que ele roubava dos ricos e dava para os pobres.”⁷⁹

Aspecto semelhante é verificado no caso de Pé-de-Veludo, criminoso conhecido na região de Marília e que, por sua destreza em praticar furtos, ganhou a simpatia de grande parte da população e se transformou em santo popular na região. Hoje, o túmulo de Pé-de-Veludo é um dos mais visitados do Centro-Oeste paulista.

Era comum, portanto, a aproximação popular aos atos criminosos, a retenção dos feitos do ladrão à memória das pessoas e, conseqüentemente, a transformação do criminoso em mito⁸⁰ pela sociedade local. Favoravelmente aos preceitos de Boris Fausto, os crimes que se baseiam em capacidades intelectuais e na figura do malandro não desapareceram, mas sim, mudaram de feição, uma vez que acompanharam o movimento de transformação pelo qual passou a cidade. Fausto refere-se às mudanças na feição criminal do passado em relação ao presente, exemplificando:

“ O conto do vigário, por exemplo, tornou-se quase uma relíquia do passado; em seu lugar, cresceram os delitos correspondentes à expansão de novas operações e novos meios de pagamento – cheques sem fundos, os cheques visados falsos sobretudo nas sextas-feiras etc. Isto para não se falar dos golpes mais recentes que se valem do maior anonimato das operações por computador.”⁸¹

Cresceram os delitos sem marca própria, acompanhados de violência e também da utilização de armas, como mostra a tabela a seguir:

⁷⁹ BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: Lembrança de velhos**. SP: Cia das letras, 2006, pp. 166.

⁸⁰ Aqui, como dito na introdução, não se compreende o conceito de mito como sendo o modo como um povo ou civilização explica a sua origem, a origem do mundo ou ainda entende os principais acontecimentos da vida através do sobrenatural; mas sim, mito neste trabalho é analisado como sinônimo de herói mítico, conforme a compreensão teórica de Roberto Da Matta.

⁸¹ FAUSTO, *op.cit.*, pp. 143.

Anos	Roubos	Furtos
1995	25.943	69.472
1996	31.325	71.634
1997	40.752	85.201
1998	52.017	98.884
1999	53.669	96.680
2000	52.794	104.808
2001	55.071	114.372
2002	55.922	125.092
2003	60.699	136.731
2004	55.560	141.517
2005	55.639	133.295
2006	51.783	138.364

Dados sobre a incidência de furtos e roubos no Estado de São Paulo de 1995 até 2006 –
Secretaria de Estado da Segurança Pública de São Paulo

Percebe-se que, apesar de o número de furtos ser superior ao de roubos no Estado de São Paulo, o índice de roubos sofreu grande transformação no período analisado. Corroborando Sueli Felix, deve-se também considerar que os registros estatísticos podem estar condicionados aos procedimentos policiais, políticos e às regras de interpretação. A multiplicação de delitos pode significar esforços maiores por parte da polícia ou maior eficiência nos tribunais, ao invés de um significado real. Devem-se considerar as falhas das informações estatísticas oficiais, bem como ampliar a análise da criminalidade para além dos registros estatísticos através do estudo da percepção social em relação ao crime.

Embora os dados estatísticos forneçam uma idéia do volume de ocorrências, mesmo a despeito da subnotificação (omissão de denúncia), essa não é uma verdade quando se trata da análise da criminalidade em certos períodos, como as décadas de 1950 e 1960: a exemplo do Arquivo do Estado de São Paulo que mantém boletins de ocorrências e outros documentos criminais somente do período de 1717 até 1913, obrigando o pesquisador que tiver interesse em outro período mais recente (e não atual) a recorrer aos procedimentos como a percepção da população.

Sueli Felix (2002) chama a atenção para a transformação dos delitos, especialmente dos cometidos pelos jovens, e para as formas de percepção da sociedade: em tempos não muito distantes, os delitos cometidos pelos jovens eram vistos como parte de um espírito aventureiro para afirmarem uma identidade característica dos adolescentes. Atualmente, esses atos – que antes eram vistos como rebeldia propícia da juventude – são cometidos com tamanha violência que não se limitam à simples aventura, dando lugar à violência pela violência:

“ Grande parte dos delitos cometidos por jovens envolvem o uso de drogas, independentemente de classe social. Há um grupo de infratores, componentes de gangues, que foge radicalmente dos clássicos modelos de delinquência caracterizados pela pobreza, por condições precárias de habitação, desagregação familiar etc. (...) quebram vitrines e vidraças, assaltam motoristas de táxi, roubam automóveis (às vezes só para se divertir) e depois os abandonam, entram em festas sem serem convidados e destroem o que encontram, agridem e chegam a eliminar integrantes de gangues rivais.”⁸²

O crescimento dos delitos criminais está relacionado à modificação na postura criminal individual bem como no perfil dos que estão envolvidos com a delinquência. Verifica-se a presença cada vez maior do crime sem marca, acompanhado da violência cada vez mais inútil e da utilização cada vez maior de armas de fogo.

Mas, por que houve essa transformação na dinâmica criminal e quais foram os fatores que auxiliaram nessa modificação?

3.3–FATORES FUNDAMENTAIS NAS MUDANÇAS DA TIPOLOGIA CRIMINAL

Com o crescimento do setor industrial, com o aperfeiçoamento dos meios de transportes e com a fundamentação econômica de cada região do país através de um determinado produto agrícola (no estado de São Paulo houve, durante o final do século XIX e a primeira metade do século XX, o predomínio do café como principal produto agrícola), as cidades passaram por um intenso e rápido crescimento e agregação de pessoas. A industrialização atingiu o meio rural, subordinando a produção agrícola ao processo industrial⁸³. Aliado a isto, estava a reelaboração de pensamentos e valores que propagavam a integração da sociedade através do mercado econômico capitalista. Esta integração entre a sociedade e o mercado estimulou o governo brasileiro a intensificar a exportação de seus produtos agrícolas, porém, sob a ótica do mercado capitalista. A subordinação da produção rural ao processo industrial elevou as más condições de trabalho e de vida no campo. A

⁸² FELIX, Sueli. **Geografia do crime: interdisciplinaridade e relevâncias**. Marília: Unesp-Publicações. 2002, pp.36.

⁸³ MARTINS, José de Souza. **Modernização e problema agrário no Estado de São Paulo**. SP: Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, IEB-USP, vol.6, 10/12/1969, pp. 121 – 145, mostra que a introdução crescente de técnicas modernas no campo, juntamente com o comportamento empresarial e capitalista das relações de produção no meio rural estão relacionadas à realidade do processo econômico e capitalista no Brasil.

crescente produção agrícola visando à exportação e à monocultura fez com que ocorresse uma diminuição no incentivo governamental para a produção da agricultura caracterizada pela subsistência, pela diversidade de produtos e pela presença de pequenos proprietários.

De um lado, via-se o crescimento e o desenvolvimento urbano e de outro, notava-se o trabalhador rural imerso nas más condições de vida no campo graças às intensificações das regras do mercado capitalista. Esta falta de perspectiva no meio rural para a maioria dos trabalhadores, aliada às convidativas condições de desenvolvimento da cidade, fez com que muitos deixassem o campo na tentativa de prosperar nos centros urbanos. O inchaço nas cidades ocasionado pelo êxodo rural e pela imigração constante aumentou o contraste social e a desigualdade nos centros urbanos, não havendo, assim, oportunidade suficiente para todos na cidade.

Todavia, nem sempre os locais com grande densidade populacional são mais propensos ao crime. Yi- Fu Tuan ressalta que, além da aglomeração, há outros elementos fundamentais que explicam a presença da violência nas cidades⁸⁴, tais como o medo, a solidão, a dificuldade em delimitar o espaço público e o privado. Contudo, a vida na cidade expõe o indivíduo a mais opções e acesso à modernidade e conforto e, em contrapartida, a grandes problemas de saneamento básico, frustrações, sacrifícios e prejuízos para a maior parte da população.

Esta discrepância do meio urbano está também relacionada à grande desorganização econômica. Esse desplanejamento econômico é também fruto da chamada 3ª fase da industrialização, iniciada em 1945 (pós 2ª Guerra Mundial) e atuante até os dias de hoje: esta fase caracteriza-se pela produção de bens de capital, tais como máquinas, equipamentos, material de transporte e instalação de indústria. Devido à pequena capacidade investidora dos empresários brasileiros, o Estado associou-se à iniciativa privada em alguns ramos de atividade (a exemplo dos setores de base e prestação de serviços). Porém, como havia falta de capital nacional, optou-se por atrair os estrangeiros dando-lhes amplas garantias e liberdade às suas atividades. A desorganização econômica gerou no país uma estratégia de substituição rápida dos produtos, intensificação no consumo de bens-materiais, desemprego e subemprego e aumento da desigualdade social (na qual o poder aquisitivo fica concentrado e direciona-se para uma minoria) bem visualizada no estado de São Paulo como um todo.

⁸⁴ TUAN, Yi-Fu. **Geografia humanística**. In: CHRISTOFOLLETTI, Antonio. **Perspectiva da geografia**. SP: Difel. 1982. Exemplifica duas cidades: Hong Kong apesar de ter maior densidade populacional tem índices de distúrbios sociais menores do que a cidade de Nova York, que possui menor densidade populacional.

O indivíduo percebe que a cidade, ao mesmo tempo, apresenta opções diversas que proporcionam uma vida confortável e retiram oportunidades de alcançar esse bem-estar, gerando, assim, um clima propício para o aumento da criminalidade e da violência. Outro fator apontado por alguns pesquisadores como um elemento auxiliar no aparecimento e aumento de crimes é a degradação (deterioração) do espaço. A partir do momento em que o indivíduo percebe o espaço social debilitado, ele tem dificuldades em dar significado a esse espaço, em se aproximar e em diferenciar o espaço público do privado. O espaço, ao tornar-se centro de significado emocional para o Homem, transforma-se em *lugar* e a importância desse lugar relaciona-se ao interesse do indivíduo com o meio em que vive, assim como a degradação do espaço físico está diretamente ligada ao descarte desse meio indesejável⁸⁵. Para que um espaço se torne lugar, é necessário haver interesse por parte da população local em fazer deste meio uma unidade, decorrente de valores sentimentais, estéticos, sociais e físicos. No entanto, verifica-se cada vez mais um afrouxamento nos laços sociais e conseqüentemente um aumento da individualidade. Essa tendência em desenraizar as relações coletivas produz a sensação de desconhecimento do outro, bem como o enfraquecimento dos espaços de sociabilidade. Não há separação no significado de espaço público e privado e esta falta de percepção é intensificada cada vez mais pela degradação e indiferença dos indivíduos ao espaço social. Acerca disso, Reginaldo Prandi exemplificou a dificuldade dos indivíduos em se comportarem em ambiente público:

*“A falta de respeito que hoje se tem quando se quebram os telefones públicos e caixas de correio, quando se pixam monumentos e outras construções, quando se joga tudo quanto é lixo nas ruas e calçadas são exemplos de um jeito de viver de quem não tem a menor idéia de que há coisas de propriedade pessoal e outras que são para uso coletivo.”*⁸⁶

Os indivíduos, muitas vezes, não têm ideia da diferença entre o espaço público e o privado porque não se sentem partícipes desses espaços, não os veem como lugar. Essa é, sem dúvida, uma herança da mentalidade atual causada pelo processo de desordenamento social advindo da concretização do processo acelerado de urbanização.

Outro fator importante à questão do não-pertencimento do indivíduo ao espaço em que vive é a Globalização. A Globalização é um suposto processo de integração econômica,

⁸⁵ Ainda de acordo com Tuan, a importância dada ao espaço pelo indivíduo é complexa e varia conforme a percepção de cada sujeito social; seja através de razões econômicas, estéticas, sentimentais ou sociais existentes.

⁸⁶ PRANDI, Reginaldo. **Religião, sociedade e política**. In: PIERUCCI, Antonio Flávio e PRANDI, Reginaldo. **A realidade social das religiões no Brasil**. SP: Hucitec, 1996, pp. 26.

social, cultural e política, impulsionada pelo avanço dos meios de transporte e comunicação dos países do mundo a partir da década de 80. É formada pela necessidade da dinâmica capitalista de integração de uma aldeia global que permita maiores mercados para os países centrais e periféricos. Contudo, conforme Wagner Costa Ribeiro⁸⁷, essa aldeia é erroneamente classificada como global devido à impossibilidade do acesso da sociedade de consumo a todas as partes do planeta, pois sabe-se que a presença de instrumentos tecnológicos, tais como o aparelho de TV que capte as mensagens dos satélites, o computador ligado em rede não é o mesmo em todos os lugares do mundo e também não são todas as pessoas que possuem essas condições. Na Globalização, os indivíduos tendem a transpor as barreiras geográficas que definem territorialidades próprias e que ultrapassam fronteiras nacionais, étnicas e religiosas a fim de estabelecerem uma nova identidade internacional. Por isso, essa transposição territorial – seja através de migrações devido à profissão, seja devido aos meios de comunicação – é um dos elementos fundamentais para o desenraizamento do indivíduo ao espaço em que vive.

Existem outros aspectos que ajudam na propagação do crime e da violência como o medo e a fala do crime. O medo é uma ansiedade e um mal-estar recorrentes que as pessoas sentem diante de um perigo real – ou ainda, de uma incerteza – existente no meio em que vivem. Segundo informa Felix (2002), o medo do crime relaciona-se à insatisfação ao modo de vida urbano, ao enfraquecimento da vida em comunidade, à descrença popular na instituição policial, à desigualdade social e à conduta da imprensa em alimentar esse medo. Esta percepção do medo está inserida no cotidiano, nos valores morais e sociais das pessoas; por possuir historicidade⁸⁸, podendo ser alterada conforme as modificações ocorridas com os fatores mencionados.

O fato é que, na tentativa de retomar a harmonia e o equilíbrio idealizado desde os tempos da Antiguidade, as relações sociais e as relações entre os indivíduos e o espaço por eles ocupado passaram a ser permeadas por uma série de controle da ordem pública, no sentido principalmente de punir e isolar os elementos causadores dos inúmeros medos presentes nas cidades. Para acabar ou, ao menos, amenizar o caos e o medo, os indivíduos reformulam novas *paisagens do medo*⁸⁹ nas cidades. Mas, com isso, passaram a criar novos

⁸⁷ RIBEIRO, Wagner Costa. **A quem interessa a Globalização?** SP: Revista ADUNESP, vol. 2. Abril/1995.

⁸⁸ De acordo com Tuan, o medo não é algo naturalizado, pois existem diversas sociedades que não inserem o medo em suas vidas sociais, a exemplo dos Semang na Malásia e os boxímanes!Kung do deserto do Calaári. Ver TUAN, Yi-Fu. **Paisagens do medo**. SP: Editora Unesp.2005, pp.71.

⁸⁹ De acordo com Yi-Fu Tuan, paisagens do medo são as quase infinitas manifestações das forças do caos, naturais e humanas. Ou seja, é tudo aquilo que o Homem constrói mental e materialmente a fim de controlar o caos e descansar temporariamente de novos conflitos e dúvidas. TUAN. *Op.cit.*, pp.12.

medos e reiterar, assim, as relações conflituosas existentes entre os indivíduos e seu meio geográfico.

No que diz respeito aos elementos como o medo da escuridão, por exemplo, até a chegada da luz nas cidades, as pessoas permaneciam em suas casas e em seus bairros e só saíam em raríssimas ocasiões, porque tinham medo de se aventurarem em um local desconhecido, escuro e estreito e acabarem mortos ou feridos pelos ladrões:

“ Quando a noite se aproximava, os próprios cidadãos reconheciam a necessidade de se recolher para a segurança de seus lares, deixando os becos escuros para os ladrões e aos imprudentes foliões (...) as pessoas respeitáveis erguiam barricadas nas entradas de suas casas, as lojas ficavam silenciosas e os comerciantes passavam correntes seguras pelas portas. ”⁹⁰

Havia ainda o problema da falta de regulamentação quanto ao horário permitido para fazer barulhos e a falta de regulamentação no controle do trânsito. Havia também os acidentes com os constantes desmoronamentos de casas e o incômodo em relação à desorganização das ruas.

O medo de estranhos, multidões e de estrangeiros também fez e ainda faz parte das relações dos indivíduos com o espaço em que vivem, pois existe a alegação de que esses elementos destroem o tecido social, fragmentam as relações existentes e acabam com a harmonia e equilíbrio das cidades⁹¹

“Turba, ralé, massa, os “sujos” – esses são alguns dos termos que os residentes fixos e as autoridades usam para expressar repugnância e horror quando vêem pessoas estranhas chegando a sua cidade. Um mundo ordenado e ameaçado pelo caos e todo esforço é feito para evitá-lo. ”⁹²

Corroborando Tuan, Sueli Felix afirma que o medo do crime diminui consideravelmente as atitudes e relações sociais. Ainda, a redução das práticas coletivas auxilia na deterioração espacial, na dificuldade em perceber o espaço público e o privado e no aumento da criminalidade: cria-se, nos tempos atuais, um ciclo infundável em que do crime

⁹⁰ TUAN, Y. F. *Idem*, pp. 256 – 257.

⁹¹ TUAN. *Op. cit.*, pp. 250. A questão do medo de indivíduos estrangeiros é vista até os dias de hoje, afinal, qualquer semelhança com as dificuldades cada vez maiores em permitir a livre circulação de pessoas estrangeiras em países como EUA, Espanha, Inglaterra, França, entre outros; não é mera coincidência.

⁹² TUAN. *Op. cit.*, pp. 270.

surge o medo e esse medo cresce com o aumento da criminalidade, causando a fragmentação das relações sociais e espaciais:

“A relação crime e insegurança (medo de tornar-se vítima) determina uma geometria sócio-espacial urbana que ultrapassa as classes sociais e as condições físicas do ambiente, relacionando-se especialmente ao modo como as pessoas sentem o ambiente urbano com as suas contradições. O espaço urbano, apesar de coletivista, é essencialmente individualista e, em alguns casos, restrito a certos segmentos da população, como os shoppings, os clubes sociais e até mesmo, alguns hospitais.”⁹³

Na modernidade, a violência é uma das figuras que caracterizam a desordem contagiosa, incontrolável que torna o indivíduo e a coletividade em prisioneiros da insegurança e do medo. Cada ação caracterizada pela violência justifica a reprodução da insegurança, do medo e da necessidade de constantes medidas de segurança. Contudo, essas mesmas medidas acabam por acentuar a insegurança e o medo, provocando, por sua vez, novas ordenações sociais⁹⁴.

Adorno acredita que, desde a década de 70, o sentimento de medo e insegurança no Brasil vem aumentando: as estatísticas de criminalidade indicam o crescimento de todos os tipos de delitos no Brasil a partir da década de 1970. Portanto, intensificam-se os crimes que envolvem a prática de violência, a exemplo dos homicídios, dos roubos, dos seqüestros e dos estupros.⁹⁵

Mas como disse Boris Fausto, dados objetivos e sensações *tendem* a seguir a mesma direção, mas *podem* divergir simplesmente porque a sensação de insegurança, muitas vezes, independe apenas do aumento ou decréscimo de delitos ocorridos em um determinado local e pode provocar a análise incompleta da realidade. É necessário observar a percepção dos indivíduos ao se depararem com uma ação delituosa ou com uma história referente à ação criminosa:

“(...) terá de lidar não só com as precárias e manipuladas estatísticas, mas com o problema do medo que para nós é fácil detectar, a partir de vários sinais: a história dos assaltos, dominantes nas conversas, chegando a superar os anódinos e congraçadores comentários sobre o tempo; os conselhos policiais no sentido de aceitarmos a menos

⁹³ FELIX, Sueli. *Op. Cit.*, pp. 138.

⁹⁴ BALANDIER, Georges. **A desordem: Elogio do movimento**. RJ: Bertrand Brasil. 1997, pp. 207 - 212.

⁹⁵ Ver sobre as mudanças na tipologia criminal a partir da década de 1970, ADORNO, Sérgio. **Crime e violência na sociedade brasileira contemporânea**. *Jornal de Psicologia - PSI*, n. Abril / Junho, pp. 7-8, 2002.

danosa das alternativas (entregar a bolsa para salvar a vida); os cuidados dos pedestres em evitar espaços que lhe são destinados (as calçadas das ruas desertas à noite); a ultrapassagem, como norma, de sinais vermelhos em horas mortas; a freqüente recusa da população pobre a discutir a violência policial nos bairros populares etc.”⁹⁶

Fausto chama a atenção para a mesma problemática apontada por Alessandro Baratta e outros teóricos sobre a questão da vitimização: a diferença existente entre o medo do perigo criminal e a percepção real de ser vitimizado no meio em que se vive, ou seja, a atitude por meio da qual o indivíduo se coloca como vítima de circunstâncias aterrorizantes, dando, assim, justificativa ao sentimento de medo desse indivíduo. O sentimento de temor pode ser desproporcional à realidade de sofrer o crime. Baratta afirma em seus estudos que o medo da criminalidade muitas vezes não é influenciado pela experiência real vivida pelas pessoas:

“O medo genérico da criminalidade aumenta quanto mais vaga é a noção que os entrevistados têm da criminalidade e quanto esta noção está afastada das situações reais em que vivem.”⁹⁷

Para o autor, não há a total reciprocidade entre o medo e o real aumento da criminalidade. Deve-se sempre analisar outros fatores – que, para ele, são simbólicos – como a desorganização social e o conseqüente isolamento em que as cidades colocam a sociedade.

Zaluar, em suas pesquisas sobre vitimização, também trata a questão acima proposta por Baratta. Para a autora:

“Se, em um dado ano, houvesse 90 assassinatos a mais e 100 arrombamentos a menos, a maioria das pessoas diria, seguramente, que as vítimas sofreram mais, ainda que o número de crimes fosse menor.”⁹⁸

Ainda para Zaluar, dois pontos são enfatizados na discussão a respeito dos efeitos do crime sobre as vítimas: o montante agregado no ato criminal – tanto o valor real dos bens roubados, quanto o valor dado pelas vítimas a esses bens – e a vulnerabilidade das vítimas, vista de acordo com a idade, a raça, a classe social e o sexo das mesmas.

⁹⁶ FAUSTO, *op.cit.*, pp. 167 – 168.

⁹⁷ BARATTA, Alessandro. **Filósofo de uma criminologia crítica**. In: Mídia e violência urbana. RJ: Faperj. 1994, pp. 16.

⁹⁸ ZALUAR, Alba. **Integração perversa: pobreza e tráfico de drogas**. RJ: Ed. FGV. 2004, pp.246.

Além desses elementos analisados por Zaluar na compreensão da percepção do medo e na conseqüente propagação atual da violência – real e imaginária – na sociedade; há também um outro importante elemento, denominado por Teresa Caldeira como a “fala do crime”.

A fala do crime⁹⁹ é a narrativa, a conversa, enfim, tudo o que retrata o crime de alguma maneira, causando uma estigmatização. Ela é contagiante, repetitiva, fragmentada, estereotipada e tem a finalidade de reforçar a sensação de medo e perigo. A fala do crime auxilia na transformação e percepção da qualidade do espaço público e privado, pois passa a restringir o acesso ao espaço público na medida em que esta fala do crime corrobora as suspeitas e o medo que a população tem de tudo e de todos. A fala do crime, portanto, é um elemento fundamental para a permanência de isolamento do indivíduo da sociedade paulista atual.

Com a fala do crime, para Teresa Caldeira, o medo é algo constantemente criado e recriado pelas pessoas, visto que elas contam e recontam suas experiências de violência através de comentários, conversas, brincadeiras, piadas. Percebe-se que a fala do crime reorganiza a ordem que, por sua vez, fora rompida pela experiência do crime, como Caldeira demonstra:

“Nas narrativas, o crime organiza a estrutura de significado e, ao fazer isso, combate a desorganização da vida produzida pela experiência de ser vítima da violência. No entanto, esse uso do crime como divisor entre um tempo bom e outro ruim simplifica o mundo e a experiência. Recurso teórico que dá dramaticidade à narrativa, a divisão entre antes e depois acaba reduzindo o mundo à oposição entre o bem e o mal, que é a oposição central que estrutura as reflexões sobre o crime. Ao fazer essa redução, as pessoas normalmente apresentam relatos simplistas e tendem a criar caricaturas: o antes acaba virando muito bom; o depois, muito ruim.”
100

Ainda segundo a autora, a fala do crime produz também efeitos contraditórios, pois combate a violência e também faz com que ela dissemine e prolifere o medo na sociedade; impondo separações, diferenças sociais, exclusões e proibições:

“De fato, a fala do crime faz a violência proliferar ao combater e simbolicamente reorganizar o mundo. A ordem simbólica engendrada na fala do crime não apenas discrimina alguns grupos, promove sua

⁹⁹ Ver sobre a fala do crime, CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. **Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo**. SP: Ed.34 / Edusp, 2000.

¹⁰⁰ *Ibid.*, pp. 33.

criminalização e os transforma em vítimas da violência, mas também faz o medo circular através da repetição de histórias e, sobretudo, ajuda a deslegitimar as instituições da ordem e a legitimar a privatização da justiça e o uso de meios de vingança violentos e ilegais.”¹⁰¹

Por fim, percebe-se que a violência não é a mesma de um período a outro e que a forma de se cometer um crime transforma-se ao longo dos tempos. Cresceram os índices de roubo a partir da forte industrialização e urbanização no estado de São Paulo. O crescimento de crimes relacionados à utilização de armas e de violência está também relacionado à continuidade do aperfeiçoamento tecnológico e científico presente em todos os segmentos do mundo contemporâneo, estendendo-se na questão do domínio das armas. Atualmente, a dinâmica criminal parece modelar um novo paradigma, com a intensificação da utilização de armas, de coação física e psicológica. O aumento e aperfeiçoamento tecnológico, a impessoalidade das relações sociais, o afrouxamento dos mecanismos de controle social, o aumento da desigualdade social e da sensação de medo transformam a tipologia criminal. As destrezas no ato de furtar e os crimes sem violência perdem gradativamente lugar para as ações violentas e com predomínio de armas, as quais, cada vez mais potentes, desbancam os atos habilidosos outrora utilizados pelo ladrão; verifica-se que o ladrão não precisa mais da utilização de meios inteligentes e de sua esperteza para persuadir a vítima para conseguir o seu intento. O acesso fácil à compra de armas, o domínio tecnológico das armas, a descrença nas atividades policiais, a propagação do medo, bem como outros fatores discutidos levam a uma mudança na tipologia criminal, caracterizada cada vez mais pela violência.

3.4 – A RELAÇÃO ENTRE A MÍDIA E A CRIMINALIDADE

Conforme foi visto, muitos fatores propiciaram as mudanças na dinâmica criminal ao longo dos tempos. Uma importante questão a ser estudada nesta pesquisa é a relação entre a mídia e a criminalidade e seu papel na construção do perfil de Pé-de-Veludo.

¹⁰¹ *Ibid.*, pp. 43.

De acordo com Baratta,¹⁰² sobre a questão da criminalidade e da mídia, há os definidores primários e os definidores secundários. Os definidores primários compreendem as pessoas e instâncias capazes de informar o fato criminal aos conhecimentos da opinião pública. Geralmente são definidores primários a polícia e demais órgãos públicos de controle. Já os definidores secundários são tão importantes para a propagação do fato criminal quanto os definidores primários: correspondem àqueles que fazem parte diretamente dos meios de comunicação, tais como o jornal, o rádio e a televisão. É justamente a relação entre os definidores secundários e a criminalidade; bem como o papel da mídia escrita na propagação de Pé-de-Veludo, ora como herói mítico, ora com estigma de criminoso perigoso que serão tratados neste capítulo.

Embora os meios de comunicação atuais – em especial os jornais – existam há muito tempo, foi através da revolução industrial e da tecnologia nos meios-de-produção que o jornal passou a fazer parte do cotidiano das pessoas e das relações sociais. Com Gutemberg houve o aperfeiçoamento desse meio de comunicação através da transformação da função da prensa, pois, antes de Gutemberg, ela era usada para impressões em tecidos e na cunhagem de moedas. No Brasil, a imprensa escrita foi legalizada com a vinda da família real portuguesa e com a impressão do periódico *Correio Brasiliense*. Embora existissem alguns periódicos não-oficiais no Brasil, foi a partir do século XIX que questões como as lutas sociais separatistas, a abolição da escravatura e a República no país, passaram a conflitar com a Imprensa oficial – que, em seu início, informava exclusivamente as benfeitorias realizadas pelo governo imperial.¹⁰³

Um elemento fortemente presente na mídia é a violência e suas consequências na sociedade, conforme Milton Santos:

*“É só ligarmos a televisão e o mundo invade a nossa intimidade e com ele todo tipo de experiência boas e más, fatos reais e fictícios, sensacionalismo extremado nas notícias, principalmente de violência. E, dessa forma, a realidade por mais cruel que seja, quando tornada corriqueira, acaba sendo incorporada como algo normal e acabamos por conviver com ela.”*¹⁰⁴

¹⁰² BARATTA, Alessandro. **Filósofo de uma criminologia crítica**. In: Mídia e violência urbana. RJ: Coordenação FAPERJ. Seminário realizado nos dias 1 e 2 de julho de 1993, pp. 22.

¹⁰³ Sobre a formação da Imprensa no Brasil, ver SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. 4ª edição, RJ: Mauad, 1999.

¹⁰⁴ SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. RJ: Record. 2002.

Contudo, sabe-se que a violência tratada por Santos não atinge apenas a imprensa televisionada, mas a todos os meios de comunicação: essa incorporação dos fatos noticiados ao cotidiano da sociedade torna-se uma das principais características existentes na relação entre os definidores secundários e o fato criminal.

Além disso, os definidores secundários usam a linguagem coloquial para veicular notícias capazes de dramatizar e também de tranquilizar o público em relação aos fatos criminais: a realidade, desta forma, é usada como pano de fundo da expressão da notícia e o fato criminal é confirmado como presença constante dessa realidade, vista como uma realidade absoluta para todos. Ainda, a mídia é eleita como a representante legítima da população, em uma relação de reciprocidade que se alterna e se condiciona de acordo com as modificações conjunturais da sociedade. Essa reciprocidade é explicada por Adorno:

*“(...) o receptor – seja um indivíduo ou grupos sociais – é constitutivo de um universo cultural amplo, complexo e diversificado, explorável de distintos modos, por diferentes agências, quer sejam veículos de comunicação de massa querem agências de socialização às quais ele esteja submetido em sua vida cotidiana. Em decorrência, o receptor encontra-se inserido em contextos comunicativos abertos que lhe facultam leituras próprias de uma série de experiências pelas quais passa no mundo social que o rodeiam e nas relações que o cercam. Sob esta perspectiva, as mensagens veiculadas pela imprensa e pela mídia eletrônica são necessariamente lidas pelo receptor. **Por isso, a relação entre a mídia e a violência não é de causalidade, porém de comprometimentos recíprocos (grifos meus).**”¹⁰⁵*

Outra característica da mídia é projetar a maior parte das mazelas da sociedade aos vândalos, considerados externos ao restante da população. A vadiagem é, na visão da sociedade, o habitat natural da delinquência. Pode-se constatar essa característica através dos seguintes trechos de jornais da cidade de Marília em 1961, diante de uma onda de furtos na cidade:

“(...) do anormal que nos últimos tempos vem pondo a população em polvorosa, zombando da polícia e praticando atos de incrível atrevimento.”¹⁰⁶

Ou ainda:

¹⁰⁵ ADORNO, S. **La criminalidad violenta urbana en Brasil: tendencias y características**. Economía y ciencias sociales. Universidad Central de Venezuela, n° 2 - 3, jan - 1997, pp. 184.

¹⁰⁶ Correio de Marília, n° 8905, pp. 6 – data: 06 / 06 / 61. Ver anexo n° 4, pp. 99.

*“Iremos agarrar pelo gasganete esse malandro ou êsses malandros, asseverou-nos o dr. (...) uma investigação em massa será procedida na cidade, quando **todas as pessoas suspeitas serão interrogadas e todas as que não consigam explicar e provar as atividades de trabalho, serão detidas para averiguações (grifos meus).**”¹⁰⁷*

Conforme visto no último trecho grifado acima, percebe-se que o estigma de vadio se relaciona com a situação de desemprego, sendo passível de ser combatida com punições, como mostra a fala do delegado em entrevista ao jornal. De acordo com Sueli Felix¹⁰⁸, o problema de estigmatização em relação aos desempregados é algo recorrente na história das sociedades ocidentais. A ociosidade foi combatida e punida com a morte por diversas sociedades. No século XIV, a Inglaterra já combatia os desempregados e suas leis foram modificadas por duas vezes: primeiro em razão do alto índice de mortalidade devido às doenças características do período e a consequente desistência dos trabalhadores em permanecer em seus postos de trabalho e, por último, já no século XVI, devido à oferta de trabalho no comércio e na indústria inglesa. A partir de então, os vadios, aos olhos da sociedade, tornaram-se delinquentes e passaram a ser punidos inclusive com a pena de morte. Atualmente, as formas de punir estão mais brandas. No Brasil, por exemplo, só há pena de morte em casos de guerra declarada; contudo, a maneira de tratar o desempregado, relacionando-o ao vandalismo, continua existindo: é comum a pré-existência de um conceito sobre desempregado, do trabalhador informal e de qualquer um que não possua registro na carteira trabalhista e sua consequente comparação com o indivíduo que age de forma ilícita: penalizando-o fisicamente, conforme a lei determina e também moralmente, conforme mostra a imprensa.

No caso de Pé-de-Veludo, o estereótipo do malandro também está explícito na descrição dos jornais quando ele foi capturado pela polícia em 1961:

(...) usando um linguajar típico de malandro, ia o anormal descrevendo os seus métodos de assalto.”¹⁰⁹

Sob o título, *Preso o indesejável*, o jornal continua:

¹⁰⁷ Correio de Marília, n° 8899, pp. 3 – data: 28 / 05 / 61. Ver anexo n° 1, pp. 96.

¹⁰⁸FELIX, Sueli. **Geografia do crime: interdisciplinaridade e relevâncias**. Marília: Marília-Unesp publicações. 2002, pp. 21 – 22.

¹⁰⁹ Correio de Marília, pp. 4 – data: 30 / 08 / 61. Ver anexo n° 7, pp. 102.

“As famílias marilienses, todavia, terão tranquilidade plena quando souberem que êsse indivíduo foi internado em estabelecimento especializado.”¹¹⁰

Pé-de-Veludo era considerado um vândalo ou malandro – nos moldes daquele que transgredia a ordem, era avesso ao trabalho e praticava atos ilícitos – e como tal, possuía características próprias do malandro: usava *“um linguajar típico de malandro”*. Percebe-se, como já mostrou Da Matta¹¹¹, o caráter deslocado e individualizado do malandro; seja pela sua maneira de vestir, andar e falar.

Aqui é importante esclarecer que o crime não é dado somente pelos jornalistas que os relatam, mas também pelas pessoas ou representantes de instituições que aparecem nos noticiários através da fala direta ou indireta. Muitas vezes, os meios de comunicação negociam com estas diversas instâncias sociais e discursivas para produzir consensos: a hegemonia no discurso que qualifica Pé-de-Veludo faz o jornal legitimá-lo como um típico malandro e faz com que Pé-de-Veludo passe a carregar consigo todos os malefícios da vadiagem para a opinião pública. Uma vez que este discurso legitima Pé-de-Veludo como malandro, ele passa a ser punido como tal: seja por meio de humilhações verbais – *anormal, indesejável* – ou por punições mais severas, como a prisão ou até mesmo a morte.

O jornal muitas vezes incentiva a violência como forma de proteger-se contra a violência alheia; através da representação policial e das ações da própria população:

“(...) tudo diz tratar-se de um ‘pé de chinelo’, como nos disse um policial, o ladrão que arranjou essa nova forma de divertir-se (...) alguém na penumbra e na defesa de seu domicílio, poderá descarregar-lhe um revólver nas ‘fuças’ e será, pelo benefício que prestar à tranquilidade pública, aquinhoado com um ‘título’ de cidadão benemérito de Marília!”¹¹²

E ainda:

“(...) ouvimos de várias pessoas, que tantas famílias já se ‘preparam’ para receber ‘cordialmente’ êsses atrevidos, adquirindo armas a fim de que, no devido tempo, possam se valer do dispositivo legal da legítima defesa. Talvez liquidando-se uns dois ou três, volte a população a ter tranquilidade. Dissemos a vários deles que, antes de tudo, deve-se confiar na ação eficiente de nossa polícia, solicitando

¹¹⁰ Correio de Marília, pp. 1 – data: 31 / 08 / 61. Ver anexo nº 8, pp. 103.

¹¹¹ A respeito do significado de malandragem para Da Matta, ver página 48 deste capítulo.

¹¹² Correio de Marília, nº8904, pp. 1 – data: 04 / 06 / 61. Ver anexo nº 3, pp. 98.

prontamente o seu concurso sempre que algum suspeito perambular pelas imediações de sua residência. Será sempre melhor do que ter de se enfrentar, de armas às mãos, dentro de casa, um desses indesejáveis que, de tempos à esta parte, intranquilizam as famílias marilienses. E se for menor-marmanjão o atrevido, azar dele, porque 'no escuro todos os gatos são pardos' e ninguém, numa hora de desespero, ao ver seu domicílio assaltado, iria pedir certidão de idade ao assaltante para depois dar o devido corretivo.”¹¹³

Percebe-se nas duas notícias a presença da violência – seja esta através do aprisionamento do criminoso pela polícia, seja pelo desejo exposto pelos próprios meios de comunicação e por algumas vítimas, em uma espécie de “olho por olho e dente por dente” – como forma de conter essa mesma violência. É a violência da punição na tentativa de combater a violência nas relações sociais, agravando ainda mais as fragmentações sociais, as desigualdades existentes; o que contribuiu para o isolamento existente na sociedade atual. Ou seja, já existia esse ato transgressor, embora não fosse tão frequente e evidente como hoje, pois os próprios delitos criminais prezavam mais a habilidade do que a força física.

Nota-se a cobrança por parte dos jornais de Marília, na década de 60, de uma ação policial mais repressora a fim de diminuir os delitos cometidos por Pé-de-Veludo ou de outros criminosos:

“Recolhimento para menores delinquentes: Bom requerimento apresentou o Sr. , solicitando ao poder competente a construção de um recolhimento para menores delinquentes que vêm intranquilizando as nossas famílias. Já era tempo disso se fazer, pois que tais indesejáveis continuam soltos por aí, preocupando a população ordeira.”¹¹⁴

A esse respeito, de acordo com Michel Foucault¹¹⁵, a prisão é um aparelho disciplinar exaustivo e caracterizado por uma ação ininterrupta, onde existe o poder e a coação total sobre os detentos. Além disso, a prisão é a aparelhagem que condiciona os indivíduos a pessoas dóceis e úteis, ou seja, no comportamento esperado pela sociedade. Sua função é repartir, fixar, distribuir espacialmente, classificar, treinar os corpos, modelar o comportamento, observar e centralizar o indivíduo de acordo com o que se espera na convivência em sociedade. A prisão está fundamentada da seguinte forma: primeiro ela centraliza o castigo em dias, meses, ou anos; estabelecendo a duração para os delitos e

¹¹³ Correio de Marília, nº 8881, pp. 4 – data: 06 / 05 / 61. Ver anexo nº 2, pp. 97.

¹¹⁴ Notícia vinculada do dia 13 / 08 / 1960, pelo jornal **Correio de Marília**, nº 8565, pp. 6.

¹¹⁵ Ver FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. Petrópolis: Ed. Vozes, 2006.

castigos e, por fim, transforma-se em um método legalizado de correção do indivíduo a fim de privá-lo de sua liberdade e modificá-lo de acordo com as regras estabelecidas pela sociedade.

Em relação à conduta do jornal ao incentivar a violência por parte das próprias vítimas, para se protegerem dos delitos cometidos por criminosos e, em especial, dos crimes cometidos por Pé-de-Veludo, verifica-se uma descrença nas instituições criadas para a proteção¹¹⁶ da população: o incentivo à violência para acabar com ela produz a sua disseminação.

Outra questão importante ao analisar a relação da mídia com a percepção social acerca de Pé-de-Veludo diz respeito à morte: é a partir desse momento que, muitas vezes, a vida passa a ter sentido e o indivíduo começa a (re)construir a memória e o imaginário social. No caso de Pé-de-Veludo, algumas pessoas tinham medo dele em vida: fato que se transformou após a sua trágica morte. Essa (re)construção da memória está relacionada, muitas vezes, à maneira como a mídia emprega o discurso diante de uma situação determinada. A mídia caracteriza-se, por um lado, pelo excesso de informação disponível que habitualmente leva ao esquecimento e, por outro, pela reconstrução da memória e do imaginário popular. No caso de Pé-de-Veludo, a mídia retrata a percepção popular sobre o ladrão, pois alguns sentiam medo de Pé-de-Veludo e ela também opera como produtora de consenso, por agrupar vários discursos.

Algumas vezes, a população sentia medo real de Pé-de-Veludo e essa sensação era passada através dos jornais da época e, outras vezes, a própria mídia construía discursos amedrontadores à população para causar impactos repressivos aos delitos cometidos por Pé-de-Veludo. Contudo, não só a forma como esses discursos propagados pela mídia era ambígua, mas também os efeitos causados por ela eram duplos: o mesmo jornal que defendia a punição de Pé-de-Veludo auxiliou na construção de sua fama ao longo dos tempos. A divulgação constante dos delitos de Pé-de-Veludo aproximou o ladrão à grande parte da população, devido aos constantes relatos por parte da mídia impressa em relação à destreza no modo de agir de Pé-de-Veludo. O jornal foi, ao mesmo tempo, o meio que auxiliou na repressão dos delitos cometidos por Pé-de-Veludo e que também ajudou na construção de sua fama e carisma. Inclusive a maneira de comunicar alguma notícia sobre Pé-de-Veludo na época em que ele agia é completamente diferente da maneira tratada 31 anos depois de sua morte, como mostra essa reportagem de 02/ 11 / 1995 :

¹¹⁶ Proteção não só como forma de repressão, mas também como forma de políticas públicas a fim de assistir ao cidadão.

“Pé-de-Veludo, o ladrão cultuado como milagreiro: (...) quem o conheceu o descreve como uma pessoa elegante, de boas maneiras, muito querido e hilariante (...) Versões populares também indicam que Pé-de-Veludo roubava dos ricos para dar aos pobres.”¹¹⁷

Esta notícia está diretamente relacionada ao que Adorno considera na relação entre a mídia e a violência: uma relação construída não por causalidade, mas sim, por comprometimentos recíprocos.

Após os constantes delitos cometidos por Pé-de-Veludo e sua maneira peculiar de agir já terem alcançado proporção lendária, qualquer acontecimento criminoso em Marília ou nas cidades vizinhas era imediatamente atribuído a Pé-de-Veludo; tanto pelos jornais, quanto pela polícia. Pé-de-Veludo era constantemente lembrado por outras pessoas e seu nome usado como brincadeira, conforme a notícia a seguir comprova:

“(...) um ‘engraçadinho’ (ou ‘engraçadinhos’) vem pondo em polvorosa a família mariliense, valendo-se dêsse utilíssimo invento que é o telefone, para noticiar ameaças diversas, dizendo que a residência vai ser visitada pelo ladrão Pé-de-Veludo.”¹¹⁸

Mas até que ponto o bandido já traz em si a figura mítica?

O fator fundamental da passagem de uma identidade criminosa a uma identidade mítica parece ser a dor, uma vez que o sofrimento é construtor dessa transformação. Nesses rituais é necessário sofrer para que se efetue a inserção no imaginário popular. Como especificado acima, acredita-se que tenha sido a morte violenta e gradual de Pé-de-Veludo e grande parte de sua família – segundo relatos de testemunhas e as notícias dos jornais da época¹¹⁹ – que o transformou de transgressor de regras em santo popular. A exemplo da fala desta entrevistada:

“Eu me lembro que quando eu era pequena, minha mãe tinha medo do Pé-de-Veludo, apesar de saber que ele não roubava dos pobres e a gente era pobre. Mas mesmo assim, ela tinha medo dele. O medo só foi acabar com a morte do Pé-de-Veludo. Aí as pessoas começaram a sentir pena por causa da forma desumana como mataram ele.”¹²⁰

¹¹⁷ Diário de Marília – data: 02 / 11 / 95. Ver anexo nº 19, pp. 114.

¹¹⁸ Correio de Marília, nº 8908, pp. 1 – data: 09 / 06 / 61. Ver anexo nº 6, pp. 101.

¹¹⁹ Sobre notícias da morte de Pé-de-Veludo, ver capítulo 2 dessa dissertação, páginas 21 até 39 e jornais da época: anexos nº 11 até 16, pp. 106 até 111; respectivamente.

¹²⁰ Entrevista realizada com uma senhora, 55 anos, professora e contemporânea a Pé-de-Veludo.

A fala acima reflete uma das vivências do passado com a interferência perceptiva de hoje: o medo sentido pela entrevistada e por sua mãe – mesmo não sendo alvo das ações de Pé-de-Veludo – transformou-se, com o passar dos anos, devido à morte trágica do ladrão. Evidencia-se uma das percepções sociais da época e que se refletia no discurso propagado pela mídia local no período em que viveu Pé-de-Veludo.

Segundo a população local e os relatos da mídia impressa, foi logo após o modo sofrido como Pé-de-Veludo morreu que as peregrinações ao cemitério começaram. Algumas pessoas iam motivadas pela curiosidade para saber se ali estava mesmo a sepultura do famoso ladrão. Já, para a maior parte da população, foi o choque provocado pela morte por asfixia o grande responsável pelas representações ao redor de sua morte: a exemplo dos constantes pedidos, velas e rezas no cemitério, diante de seu túmulo.

Acerca das visitas e dos pedidos feitos pela população a Pé-de-Veludo em seu túmulo, os jornais seguem noticiando desde o início, como mostram as reportagens de 04 / 11 / 1978 e 02 / 11 / 1997, respectivamente:

“Pé-de-Veludo, Iracema e Sola. Os túmulos mais visitados: (...) mais conhecido como ‘Pé-de-Veludo’, que morreu tragicamente em um tiroteio com a polícia e no qual perdeu a vida o delegado Everton Fleury Curado, foi o túmulo mais visitado, pois segundo pessoas mais crentes após o falecido, ‘Pé-de-Veludo’ passou a fazer milagres. Muitas pessoas que queriam queimar vela ou colocar flores no túmulo de Pé-de-Veludo, agora cercado por uma pequena grade, tiveram que esperar a sua vez.”¹²¹

“Maioria procura milagreiros: Todos os anos centenas de pessoas conseguem alcançar graças solicitadas a cinco pessoas enterradas no Cemitério da Saudade e que se tornaram santas aos olhos da população de Marília e região. O Pé-de-Veludo é disparado o campeão de visitas. As pessoas que pedem graças a ele são em sua maioria pobres. ‘Sua fama começou logo após a sua morte, devido aos seus atos de ajuda aos necessitados enquanto vivo’, explicou um funcionário do cemitério. A funcionária pública disse que alcançou uma graça para seu irmão graças ao Pé-de-Veludo. ‘Meu irmão era alcoólatra e depois da segunda vez que foi parar na UTI (Unidade de Terapia Intensiva) eu resolvi pedir um milagre ao ‘Pé’. Hoje ele não bebe mais e não tem mais problemas de saúde’.”¹²²

¹²¹ Diário de Marília, pp. 1 – data: 04 / 11 / 78. Ver anexo nº 18, pp. 113.

¹²² Diário de Marília, pp. 9-A – data: 02 / 11 / 97. Ver anexo nº 21, pp. 116.

A mídia contribuiu muito para a construção da figura de Pé-de-Veludo como o ladrão mais famoso de Marília, além de auxiliar na propagação de sua formação como santo popular local, afinal, de “delinqüente” e “anormal”, o perfil de Pé-de-Veludo passou posteriormente a ser visto nas notícias dos jornais como “elegante”, “querido” e “hilariante”. Ao mesmo tempo, a maneira peculiar de agir de Pé-de-Veludo em contraste com o tipo de violência existente hoje e a morte trágica de Pé-de-Veludo fizeram com que a parte da sociedade mariliense que o via como um perigoso transgressor e sentia medo dele passasse a enxergá-lo como um herói ou, até mesmo, como um santo milagreiro popular. Já a maioria das pessoas que sentia uma proximidade à figura e ações de Pé-de-Veludo passou a enfatizá-lo de forma benéfica em seus discursos.

Verifica-se também que as notícias propagadas pelos jornais da época acerca do ladrão refletiam parte do que a população sentia sobre Pé-de-Veludo e também agregavam vários discursos fragmentados. Além disso, a mídia causava, na propagação de suas notícias sobre Pé-de-Veludo ainda em vida, um duplo impacto: enfatizou o medo sentido por parte da população mariliense e também auxiliou na aproximação popular à figura do ladrão de maneira positiva à construção do mito de Pé-de-Veludo, através das constantes notícias dos delitos cometidos por ele e que foram modificadas ao longo dos anos. É a reciprocidade entre mídia, violência e a percepção popular sobre o crime, referida por Adorno.

CAPÍTULO 4

PERCEPÇÃO POPULAR, MITO E MEMÓRIA SOBRE PÉ-DE- VELUDO

CAPÍTULO 4: PERCEPÇÃO POPULAR¹²³, MITO E MEMÓRIA SOBRE PÉ-DE-VELUDO

4.1–A ANÁLISE DO QUESTIONÁRIO DE OPINIÃO PÚBLICA ATRAVÉS DA PERCEPÇÃO POPULAR E DO IMAGINÁRIO

O ponto fundamental deste capítulo é compreender o significado da percepção através da Fenomenologia elaborada por Edmund Husserl, bem como analisar o questionário¹²⁴ referente ao perfil de Pé-de-Veludo aplicado no dia de finados de 2007 no cemitério da Saudade em Marília.

A percepção tem como principal função o conhecimento da realidade externa em relação ao objeto percebido, a partir das experiências de vida de cada um. A vivência de cada ser humano faz parte da subjetividade, é própria do sujeito. A performance de Pé-de-Veludo aliada aos valores da sociedade reforçou, em alguns aspectos, o seu significado para a população, tanto em vida quanto após a sua morte. Ao longo dos tempos, as percepções sobre Pé-de-Veludo sofreram transformações: de criminoso, em vida, converteu-se em herói mítico e santo popular. Essas transformações dos significados e valores da sociedade podem ser vistas porque são ordenadas historicamente.

As percepções sobre o significado de Pé-de-Veludo para a sociedade mariliense são, simultaneamente, reproduzidas e alteradas: recriaram elementos na tentativa de reproduzi-los, gerando novos significados e valores para a sociedade. É a partir dessa constante reprodução e alteração que se compreende a formação dos discursos dos entrevistados contemporâneos a Pé-de-Veludo e daqueles que não presenciaram suas ações, mas passaram a formular valores sobre ele a partir de informações obtidas de terceiros, bem como do discurso adotado pela mídia e pela polícia.

Seria uma visão reducionista dizer que o discurso dos entrevistados contemporâneos a Pé-de-Veludo é igual ao dos entrevistados não contemporâneos a ele: um discurso que

¹²³ A escolha do título deste capítulo diz respeito à conceituação de percepção, memória e mito. Apesar do estudo sobre a percepção, sobre a memória e sobre o mito já ser evidente desde o início do trabalho; é no 4º capítulo que se conceituam plenamente os termos *percepção*, *mito* e *memória*.

¹²⁴ Questionário de opinião pública. Ver anexo nº 26, pp. 121.

propaga *totalmente* a idéia de que Pé-de-Veludo foi um “Robin Hood” em vida e se transformou em santo popular após a sua morte, em contraposição à visão da mídia, que repudia essa percepção robinhoodiana.

Embora admitido por poucos entrevistados, o medo existia e era explorado como mecanismo de poder e de coação:

“Quando eu era garoto e estava na escola, muitos meninos – quando brigavam um com o outro – diziam que iam chamar o Pé-de-Veludo para bater no outro. Aí a briga parava porque na escola todo mundo tinha medo do Pé-de-Veludo.”¹²⁵

Essa percepção de medo era explorada por amigos, por inimigos, por jovens em brincadeiras (conforme Anexo 6) e até por outros criminosos oportunistas, como demonstram algumas matérias da época¹²⁶. Quando este medo passou a fazer parte do discurso da mídia e da polícia local, o perfil de Pé-de-Veludo se aproximou do significado de *diabo* – visto no título do trabalho.

Outro fator importante neste mecanismo simultâneo de criar e recriar elementos através de julgamentos feitos pela população a Pé-de-Veludo é a *intencionalidade*: é ela quem orienta a percepção, pois reconstitui e dá significado aos valores da consciência a partir da visão subjetiva. Sobre a questão da percepção e da intencionalidade, Husserl, através de uma folha de papel em branco, exemplifica:

*“Aqui, diante de mim, há uma folha de papel branco. A folha de papel é por nós percebida, nós estamos percebendo a folha, a vemos e a tocamos. O perceber, o ver e o tocar a folha de papel é o que nós estamos vivendo. A folha de papel não é em si mesma uma **Erlebnis** (vivência), porque ela está fora de nós. Mas a folha enquanto percebida (e não a existência da folha) é nossa vivência.”¹²⁷*

Todas as vivências do ser humano estão em movimento e cada uma delas tem características próprias em momentos diferentes. Pode-se lembrar de algo ou alguém, mas esta recordação está em constante modificação ao longo do tempo, ou seja, os valores tanto do indivíduo, quanto da sociedade estão inseridos no passado, presente e no futuro de maneira emaranhada. Vale-se, como exemplo, a seguinte fala exposta anteriormente:

¹²⁵ Entrevista realizada com um senhor, 60 anos, advogado e contemporâneo a Pé-de-Veludo.

¹²⁶ Ver matérias a respeito: anexos 3, 5 e 6; páginas 98, 100 e 102, respectivamente.

¹²⁷ HUSSERL, E. **Ideas relativas a uma fenomenologia pura y una filosofia fenomenológica**. México: Fondo de cultura económica, 1992, pp. 79.

“Eu me lembro que quando eu era pequena, minha mãe tinha medo do Pé-de-Veludo, apesar de saber que ele não roubava dos pobres e a gente era pobre. Mas mesmo assim, ela tinha medo dele. O medo só foi acabar com a morte do Pé-de-Veludo. Aí as pessoas começaram a sentir pena por causa da forma desumana como o mataram.”¹²⁸

Percebe-se a mudança de percepção das pessoas na fala desta entrevistada: em vida, Pé-de-Veludo causava medo a algumas pessoas, modificada já nos dias atuais por grande parte da sociedade mariliense: idéias, sentimentos, imagens que fazem parte das relações do homem e que obedecem a leis próprias, segmentam-se, reproduzem-se e transformam-se quando possível.

Assim sendo, a percepção abarca todas as idéias individuais e coletivas de uma sociedade e esta percepção popular é fundamental para a construção do imaginário desta sociedade. Para Gilbert Durand, o imaginário é:

“O conjunto de imagens e de relações de imagens que constituem o capital pensado do homo sapiens”¹²⁹

Conjunto de imagens e relações estas que passam a ter significado a partir da percepção individual e coletiva e auxiliam na formação do imaginário da sociedade. Este significado ocorre ao mesmo tempo em que as percepções e experiências vivenciadas são direcionadas já pelo próprio imaginário: afinal, cada um tem seus conteúdos de vida que podem ser captados pela sociedade e o contrário também é verdadeiro, já que a vida em sociedade também é responsável pela formação da vida do indivíduo.

Portanto, acrescenta-se a este trabalho a ideia de imaginário dada por Maria Milagros López (*apud* TEIXEIRA e PORTO, 1998): o imaginário opera como mediação simbólica entre o indivíduo e a sociedade, consolidando crenças, dúvidas, fantasmas, articulando-os em uma totalidade que guarda significações coletivas acumuladas e serve de guia para interpretar as percepções e experiências vivenciadas.

A sociedade é uma comunidade de idéias e o que une os homens ao seu entorno é a maneira comum de pensar, ou seja, de representar algo que os afeta. Muitas vezes, o imaginário abarca fatores simbólicos¹³⁰, sagrados e sobrenaturais. Ele age nos mistérios, nas

¹²⁸ Entrevista realizada com uma senhora, 55 anos, professora e contemporânea a Pé-de-Veludo.

¹²⁹ DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**. Lisboa: Presença. 1989, pp. 41.

¹³⁰ O elemento simbólico é, de acordo com Durand; o inconsciente, o metafísico e o sobrenatural, ou seja: as coisas apenas possíveis de serem percebidas quando existe um sentido ao símbolo em relação à realidade. Afinal, são os símbolos que integram a sociedade, porque tornam possível compreender o mundo para a simultânea reprodução e transformação da ordem social.

relações cotidianas e nas experiências individuais e coletivas e tem a finalidade de estabelecer uma ordem social a partir do momento em que facilita a comunicação entre os indivíduos para o estabelecimento de códigos sociais. O imaginário não é o reflexo imutável do real, pois, quando concretizado, estimula uma dinâmica simbólica e leva o real a um patamar intransponível. Sobre isso, Legros afirma:

“(...) não apenas se modifica, como também deve sua mutação, igualmente, às interações que sustenta.”¹³¹

Esta primeira parte do capítulo deverá mostrar como todas essas ideias conceituais de Husserl sobre percepção e de Durand e Milagros sobre o imaginário aplicam-se no estudo de caso de Pé-de-Veludo. Mas, para isso, é crucial estabelecer os métodos de análise de dados presentes neste capítulo.

Primeiro, foi aplicado um questionário com 15 questões previamente elaboradas sobre a relação estabelecida entre Pé-de-Veludo e o entrevistado no dia 02 de novembro de 2007, dia de finados, no cemitério da Saudade, em frente ao túmulo de Pé-de-Veludo. Foram entrevistados homens e mulheres, totalizando 76 pessoas.

A aplicação do questionário visou principalmente descobrir a percepção da população que se encontrava no cemitério, naquele dia, visitando o túmulo de Pé-de-Veludo, especialmente os indivíduos que “ouviram falar” dele de algum modo¹³², sem conhecê-lo pessoalmente.

Qual a memória que cada uma dessas pessoas possui sobre Pé-de-Veludo? Será que é o medo um sentimento predominante na população não contemporânea a ele? Será a proximidade com o ladrão? De que forma ocorre a percepção dos entrevistados contemporâneos a Pé-de-Veludo: ambos os sentimentos também se misturam com a população não contemporânea?

De posse das respostas, foram elaboradas seis tabelas agregando os dados dos entrevistados para a elaboração do perfil dos visitantes do túmulo de Pé-de-Veludo, considerando o gênero e a classe social.

¹³¹ LEGROS, P. **Sociologia do imaginário**. Porto Alegre: Sulina. 2007, pp. 135.

¹³² A princípio buscou-se aplicar o questionário somente às pessoas não contemporâneas a Pé-de-Veludo, contudo, verificou-se importante inserir também as respostas dos indivíduos contemporâneos a ele a fim de identificar quem são as pessoas que frequentam o túmulo de Pé-de-Veludo. Constatou-se que, apesar de grande parte visitá-lo por conhecer suas histórias ainda em vida, a maioria da população encontrada no cemitério em dia de finados é a população não contemporânea a ele.

Por fim, houve a análise das tabelas a partir do conceito de percepção proposto por Husserl, de imaginário analisado por Durand e de outros elementos que explicam o perfil de Pé-de-Veludo, como os vistos a seguir:

Tabela 1 – Dados gerais dos entrevistados

Características	Nº Absoluto	Porcentagem do total
Sexo feminino	56	73,69%
Sexo masculino	20	26,31%
Residentes em Marília	73	96,05%
Residentes em outras localidades	03	03,95%
Total de entrevistados	76	100,00%

FONTE: Entrevistas aplicadas aos visitantes do túmulo de Pé-de-Veludo ORG.: Verdi, A.M.

Tabela 2 – Escolaridade

Grau de escolaridade	Nº Absoluto	Porcentagem do total
Básico	35	46,05%
Fundamental	16	21,05%
Médio	14	18,45%
Superior	04	05,25%
Não estudou	07	09,20%
Total	76	100,0%

FONTE: Entrevistas aplicadas aos visitantes do túmulo de Pé-de-Veludo ORG.: Verdi, A.M.

Tabela 2a – Escolaridade – Dados específicos

Grau de escolaridade	Feminino	Masculino	Porcentagem do total entrevistado
Básico	29 (38,15%)	06 (7,9%)	46,05%
Fundamental	09 (11,85%)	07 (9,2%)	21,05%
Médio	10 (13,15%)	04 (5,25%)	18,45%
Superior	03 (3,95%)	01 (1,31%)	05,25%
Não estudou	05 (6,56%)	02 (2,64%)	09,21%
TOTAL	56 (73,68%)	20 (26,32%)	100,0%

FONTE: Entrevistas aplicadas aos visitantes do túmulo de Pé-de-Veludo
ORG.: Verdi, A.M.

Tabela 3 – Atividades profissionais – Dados gerais

Atividades profissionais	Feminino	Masculino	Porcentagem do total entrevistado
Dona-de-casa	31	-----	40,78%
Doméstica	12	-----	15,79%
Serviços gerais	05	-----	06,56%
Aposentado	-----	05	06,56%
Motorista	-----	03	03,93%
Professora	02	-----	02,62%
Pedreiro	-----	02	02,62%
Estudante	01	-----	01,31%
Enfermeira	01	-----	01,31%
Babá	01	-----	01,31%
Funcionária pública	01	-----	01,31%
Funcionária pública aposentada	01	-----	01,31%
Consultora de vendas	01	-----	01,31%
Desempregado	-----	01	01,31%
Engenheiro civil	-----	01	01,31%
Lavrador	-----	01	01,31%
Porteiro	-----	01	01,31%
Segurança	-----	01	01,31%
Bordador	-----	01	01,31%
Técnico em telecomunicações	-----	01	01,31%
Enfermeiro	-----	01	01,31%
Metalúrgico	-----	01	01,31%
Sem declaração	-----	01	01,31%
TOTAL	56	20	

FONTE: Entrevistas aplicadas aos visitantes do túmulo de Pé-de-Veludo ORG.: Verdi, A.M.

É necessário destacar que o questionário aplicado aos frequentadores do seu túmulo permitiram avaliar como Pé-de-Veludo se insere no imaginário popular, como ele é percebido e representado na sociedade mariliense.

A maior parte dos entrevistados (tabelas 2, 2a e 3) e devotos de Pé-de-Veludo possui o grau de escolaridade básico e atividades profissionais relacionadas a esse mesmo nível escolar. Essa informação permite especular que a inserção de Pé-de-Veludo como um santo popular no imaginário local está nessa relação de proximidade entre os devotos e o santo. Pé-de-Veludo era da classe popular, com poucos recursos financeiros, poucos anos de estudos e residia em uma casa muito modesta. Isso explica uma parte da identificação entre os entrevistados com a figura de Pé-de-Veludo.

A relação de interação que faz nascer entre os homens a imagem do outro denomina-se *imaginação*: a imagem se configura nas mais diversas formas sociais, a exemplo dos heróis, mártires e ídolos dos segmentos diferenciados. Verifica-se, portanto, a proximidade das pessoas a Pé-de-Veludo – geralmente de classes sociais mais baixas – por se sentirem representadas por ele e reproduzirem na figura do herói mítico suas próprias aspirações. Da Matta, refere-se a essa identificação da seguinte forma:

“(...) são indícios de uma transformação em celebridades justamente pela negação da ordem estabelecida (...) que alguns indivíduos conseguiram transformar-se, ganhando peso, valor, respeito, e às vezes, poder dentro da sociedade que de vários modos os explorava violentamente.”¹³³

As afirmações de Da Matta estão indiretamente nos discursos dos entrevistados, que sempre destacam as condições de vida (humilde e justo ao roubar dos ricos para dar aos pobres) e de morte (tortura e morte pela polícia), de um indivíduo com o qual se identificam não apenas pela classe social, mas pela submissão às arbitrariedades do poder dominante.

Nessa linha, na fala dos entrevistados devotos percebe-se a busca de solução para os problemas financeiros, sendo que os envolvidos, em sua maioria, possuem emprego de baixa remuneração (quando o possuem) e, em consequência, entram em dívidas para complementar adequadamente essa renda ao longo do mês. Por conseguinte, não têm condições de procurar um bom atendimento médico em casos de problemas de saúde, sendo essa uma das causas que mais levam os devotos a solicitarem auxílio dos santos milagreiros. Isso significa que o perfil dos entrevistados condiz com a sua realidade vivida e com as expectativas em ver atendidas as suas promessas: *“A existência precária encontra o santo”¹³⁴*.

Conforme a idéia de Fernandes, as limitações terrenas estão em constante contraste com as forças sobrenaturais e essas limitações se tornam uma das responsáveis pela proximidade e identificação do homem com as potências superiores.

Os santos – e não diferentemente do que ocorre na relação entre Pé-de-Veludo e seus devotos – são acessíveis ao operário e ao chefe, ao iletrado e ao erudito, ao pobre e ao rico, ao policial e ao ladrão, ao honesto e ao desonesto. Sua relação com esses diversos sujeitos sociais estão embasadas em três elementos: o problema do devoto, a cura do devoto por meio do

¹³³ DA MATTA, R. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. RJ: Zahar Editores. 1981, pp. 248.

¹³⁴ FERNANDES, R. C. **Romarias da paixão**. RJ: Ed. Rocco. 1994, pp.199.

santo e a lealdade estabelecida entre o devoto e o santo. Essa linguagem simbólica ultrapassa o entendimento da razão prática e o plano das leis e da moral.

Tabela 4 – Religião – Dados gerais

Acerca da religião	Sim	Não
Total	75 - 98,69%	01 - 01,31%
Feminino	56 - 73,69%	-----
Masculino	19 - 25,00%	01 - 01,31%

FONTE: Entrevistas aplicadas aos visitantes do túmulo de Pé-de-Veludo ORG.: Verdi, A.M.

Tabela 4a – Opção religiosa – Dados gerais

Tipos de religião declarados	Feminino	Masculino
Evangélica – 05,26%	03 - 03,95%	01 - 01,31%
Espírita – 03,95%	02 - 02,64%	01 - 01,31%
Católica – 85,15%	51 - 67,1%	16 - 21,05%
Candomblé – 01,31%	-----	01 - 01,31%
TOTAL	56 – 26,31%	19 – 75,02%

FONTE: Entrevistas aplicadas aos visitantes do túmulo de Pé-de-Veludo ORG.: Verdi, A.M.

Tabela 4b – Frequência religiosa – Dados masculinos

Frequência Masculina	Evangélica	Espírita	Católica	Candomblé
Sempre vai	-----	01	10	01
Às vezes vai	01	-----	04	-----
Não vai	-----	-----	02	-----

FONTE: Entrevistas aplicadas aos visitantes do túmulo de Pé-de-Veludo ORG.: Verdi, A.M.

Tabela 4c – Frequência religiosa – Dados femininos

Frequência Feminina	Evangélica	Espírita	Católica
Sempre vai	02	03	37
Às vezes vai	-----	-----	13
Não vai	-----	-----	01

FONTE: Entrevistas aplicadas aos visitantes do túmulo de Pé-de-Veludo ORG.: Verdi, A.M.

Em relação aos papéis desempenhados por cada indivíduo na sociedade, constata-se que estes são dotados de significados importantes para a manutenção e existência da própria sociedade. Além disso, o resultado obtido no êxito ou fracasso dessa manutenção social relaciona-se com o papel estabelecido para cada membro da sociedade: desde a célula familiar

até atingir a totalidade social. Para Bourdieu¹³⁵, o papel das mulheres na sociedade não é algo natural, mas sim construído: construção esta que se ressignifica com o tempo, ainda que sem a perda da relação de dominação existente entre homem e mulher. Ele ainda afirma que, no passado, a ausência da atividade remunerada da mulher no trabalho em casa, fez com que ela passasse a realizar atividades de caráter religiosos, beneficentes e imateriais, indicando que, na maior parte das sociedades, há o direcionamento do papel do homem para o empreendedorismo e proteção, enquanto o papel da mulher restringe-se às atividades domésticas¹³⁶.

Voltando à análise do perfil dos entrevistados devotos, visitantes do túmulo de Pé-de-Veludo, corrobora-se as afirmações de Bourdieu: a maioria dos que rezam por ele e acreditam em seus milagres é do sexo feminino, dona-de-casa ou doméstica (40,78% e 15,79%, respectivamente, tabela 3). Paralelamente, analisando as tabelas 1, 4, 4a, 4b e 4c, as mulheres também são, de longe, as que mais seguem uma religião entre as que freqüentam o túmulo de Pé-de-Veludo e acreditam na obtenção de graças. O papel desempenhado pelas mulheres na sociedade, observado pelas entrevistas – tanto para as que trabalham no âmbito doméstico, quanto as que desempenham uma atividade fora de casa – tem relação com as questões religiosas e imateriais da família.

No aspecto religioso (tabelas 4, 4a, 4b e 4c), a amostra segue o comportamento geral. Apesar da quase totalidade admitir que tem uma religião, – grande parte dos entrevistados adota uma religião específica em suas vidas, sendo a quase totalidade seguidora do catolicismo (85%), seguida pela religião evangélica (5,3%), espiritismo (3,9%) e pelo candomblé (pouco mais de 1%).

Ainda, a maior parte dos religiosos entrevistados são frequentadores assíduos de seus respectivos templos. Contudo, 25% dos homens e 26% das mulheres católicas frequentam de vez em quando a igreja e mostram que a instituição nem sempre é elemento fundamental na construção da crença religiosa, denominando o que se conhece por catolicismo popular.

O catolicismo popular é uma prática típica da religiosidade da população que se expressa de maneira espontânea, não atrelada aos códigos ou insituições religiosas e busca respostas para os problemas concretos. Além disso, esta prática desenvolve-se sem a necessidade de um padre ou da própria Igreja, por estar à parte da religião Católica

¹³⁶Para o autor, mesmo atualmente, as sociedades mantêm o papel feminino sob domínio masculino, na medida em que, muitas vezes, o trabalho beneficente e doméstico desempenhado pelas mulheres em um passado não tão distante acabou por transpor-se nas empresas e demais estabelecimentos em que as mulheres se encontram: ou seja, o papel social permanece o mesmo, mudando apenas o lugar de desempenho.

institucionalizada. O que as pessoas visam, em suas promessas e outros rituais, é ao conforto para as desventuras imediatas, como problemas financeiros, de saúde, conflitos familiares; mais do que solucionar problemas de ordem espiritual e buscar redenção a longo prazo.

Martha dos Reis¹³⁷ (1993), em um estudo do imaginário popular sobre Iracema, uma menina morta brutalmente com 7 anos, em Marília, na década de 50; constatou a partir de entrevistas e depoimentos, que o catolicismo popular era amplamente praticado em Marília já nos anos 50. Esta prática permaneceu forte nas décadas seguintes e se mantém até os dias de hoje: como mostra a tabela 4b e 4c, respectivamente, as aspirações populares e os problemas imediatos permanecem os mesmos.

Abaixo, os dados sobre como os visitantes do túmulo de Pé-de-Veludo tomaram conhecimento de sua história e também a frequência com que as pessoas vão ao túmulo de Pé-de-Veludo: observam-se curiosos que não conheciam sua história, nem em vida e nem após a morte, frequentadores assíduos de seu túmulo, contemporâneos a Pé-de-Veludo e terceiros.

Tabela 5 – Existência da visitação – Dados gerais

Como conheceram Pé-de-Veludo	Feminino	Masculino	% do Total
Curiosos que não conheceram sua história, apenas passaram pelo túmulo	01	-----	01,31%
Frequentam o túmulo desde a sua morte	06	-----	07,89%
Conheceram Pé-de-Veludo ainda em vida e frequentam seu túmulo	13	07	26,31%
Através das histórias contadas por outras pessoas e frequentam seu túmulo	36	13	64,47%

FONTE: Entrevistas aplicadas aos visitantes do túmulo de Pé-de-Veludo ORG.: Verdi, A.M.

Tabela 5b – Frequência da visitação – Dados gerais

Frequência da visita ao túmulo	Feminino	Masculino	% do Total
1ª vez que visita	01	02	03,94%
às vezes visita	03	02	06,57%
só em dia de finados	22	04	34,21%
ao menos 1 vez por semana	30	12	55,26%

FONTE: Entrevistas aplicadas aos visitantes do túmulo de Pé-de-Veludo ORG.: Verdi, A.M.

¹³⁷ REIS, M. *Iracema, a santinha de Marília: um estudo sobre a criação de um imaginário popular*. Assis: Unesp. 1993, pp. 66.

Assim sendo, pelas informações das tabelas 5 e 5b, embora o contato dos devotos com o mito Pé-de-Veludo tenha ocorrido através de terceiros (cerca de 65%), a visitação ao túmulo é muito grande, com mais da metade (55,2%) admitindo freqüentar o local ao menos uma vez por semana. Essas informações permitem verificar que muitas das recordações anexadas ao nosso passado não nos pertençam: elas são relatadas por terceiros e incorporadas de tal forma às nossas lembranças que passam a integrar nossos juízos de valores. É o que se percebeu com a maior parte dos entrevistados, pois partiram do princípio do que *ouviram dizer* a respeito de Pé-de-Veludo e, a partir disso, incorporaram a memória coletiva em suas vidas, auxiliando na construção da representação sobre o perfil de Pé-de-Veludo.

Mas, de acordo com Bosi, o “*ouvir dizer*” em relação ao “*vivenciar de fato*” pode causar uma desfiguração do acontecimento em si, pois o indivíduo quando cai em um erro de identificação do relato, pode fazer com que este relato seja realçado à medida em que for propagado. Como mostra a entrevista feita a uma senhora a seguir:

“Eu ouvia falar que ele era ladrão, mas não conheço ninguém que foi roubado por ele.”

Ainda, de acordo com a mesma entrevistada:

“Ele não assaltava pobre, ele só assaltava rico. Ele ajudava os pobres: pobre que tava com fome ele ia lá e dava comida.”¹³⁸

Em um momento a entrevistada diz que ficou sabendo através de terceiros que Pé-de-Veludo era ladrão, apesar de nunca ter conhecido ninguém que tenha sido sua vítima. No momento seguinte, a entrevistada afirma que ele tirava dos ricos em benefício dos mais pobres: isso elucida a divergência entre o que Bosi afirma haver entre o “*ouvir dizer*” e o “*vivenciar de fato*”. Verifica-se nas duas falas da entrevistada como as informações reais e irreais se misturam e se reconfiguram em novas lembranças.

¹³⁸ Entrevista realizada com uma senhora, 79 anos, pertencente à classe social baixa, dona de casa e contemporânea a Pé-de-Veludo.

Tabela 6 – Crenças, pedidos e formação do mito – Dados gerais

Sobre os pedidos e crenças em Pé-de-Veludo	Feminino	Masculino	Total
Acredita em seus milagres	56	12	89,47%
Não acredita em seus milagres	-----	08	10,53%
Fez pedidos e foi atendido	30	05	46,05%
Não fez pedidos	25	14	51,31%
Fez pedido e não foi atendido	01	01	2,63%
Acredita no mito “Robin Hood”	53	19	94,00%
Não acredita no mito “Robin Hood”	01	01	02,63%
Não sabe opinar a respeito	02	-----	02,63%

FONTES: Entrevistas aplicadas aos visitantes do túmulo de Pé-de-Veludo
 ORG.: Verdi, A.M.

Sobre a crença nos milagres de Pé-de-Veludo após a sua morte, a tabela 6 mostra que quase 90% dos entrevistados o reconhecem como um santo popular local. Mesmo aqueles que lhe fizeram pedidos e não foram atendidos acreditam na veracidade dos poderes sobrenaturais e, muitas vezes, explicam a não eficácia em seus pedidos devido à maneira como foram feitos, nunca culpando o intermediador: os pedidos sempre estão relacionados a uma promessa, ou seja, a retribuição à graça com a oferta de algo em troca. Logo, se a graça não foi concedida, a culpa – na visão do devoto – não foi daquele que intermediou o pedido ao sobrenatural, mas do próprio crente que não seguiu corretamente a que fora prometido como oferta.

Os devotos acreditam que acender uma vela a Pé-de-Veludo auxiliará na eficácia do cumprimento da promessa e efetivará o milagre concedido. Este mecanismo simbólico denominado milagre está presente nas idéias de Da Matta:

“(...) o milagre é a prova de um ciclo de trocas que envolve pessoas e entidades sobrenaturais na forma de desejos, motivações, sentimentos e vários objetos.”¹³⁹

Ou, ainda, para a percepção popular, como exemplifica Rubem César Fernandes:

“Quando a mão ou a receita do médico é bem-sucedida, tem-se uma ‘graça’. Quando o doutor desengana e o paciente sobrevive, tem-se um ‘milagre’.”¹⁴⁰

¹³⁹ DA MATTA, R. **O que faz do Brasil, Brasil?** RJ: Ed. Rocco. 1991, pp. 116.

¹⁴⁰ FERNANDES, R. C. *Op. Cit.*, pp.163.

Ambos são sinais da presença sobrenatural às manifestações terrenas, mas a graça é uma ação direcionada por meio do sobrenatural a uma situação que o homem consegue contornar. Já o milagre não só é uma ação direcionada por elementos sobrenaturais, como sua eficácia consiste exclusivamente na realização da troca entre o devoto e o santo de devoção, quando uma situação já não requer a menor esperança de ser contornada pela vontade do homem. Assim sendo, verifica-se a crença em Pé-de-Veludo, tanto na concessão de graças, quanto na de milagres.

Mas seja pela concessão de graça ou de milagre, o que leva um criminoso a se tornar um santo popular local?

Um exemplo da diferença do perfil dos atos criminais na década de 50 e 60 em relação à atualidade é a maneira como os jornais da época lidavam com os crimes de Pé-de-Veludo e como ele foi ganhando, mesmo em vida, a simpatia de parte da população local. Não se pode esquecer, também, de um importante fator que auxiliou na inserção de Pé-de-Veludo ao imaginário popular mariliense: o desfecho violento de sua vida.

Como bem disse Walter Benjamin: “ *O sentido da sua vida somente se revela a partir de sua morte.*”¹⁴¹

O sofrimento é necessário para que exista a redenção esperada. A morte¹⁴² lenta, gradual, sofrida de Pé-de-Veludo é o elemento fundamental para a transformação do criminoso em mito e em santo: é o compartilhamento e identificação da sociedade com o sofrimento alheio, participando positivamente de sua transformação. É o que explica o fato de tantos devotos irem pedir pelos seus e também pedir pela alma de Pé-de-Veludo: o devoto reza para que Pé-de-Veludo o ajude, e ele, por sua vez, recebe suas orações que pedem a Deus que o redima. Ele necessita dessas orações não apenas no sentido de sua permanência como santo, mas também no sentido imediato por ainda sofrer no momento presente.

Mas essa santidade está em continuidade com a identidade criminosa em vida ou trata-se de outra identidade, completamente separada do criminoso que Pé-de-Veludo foi no passado?

Para Caillois, tanto o excesso de honra como a indignidade ocupam um lugar específico na vida cotidiana da sociedade. O sagrado, o profano, o puro e o impuro podem ser revertidos no outro: o impuro, portanto, pode se tornar fonte de purificação. Assim sendo:

¹⁴¹ BENJAMIN, W. **O narrador: considerações sobre a obra de Nicolai Leskov.** In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura.* SP: Brasiliense. 1985, pp. 214.

¹⁴² No que compete à morte de Pé-de-Veludo, ver capítulo 2 e também o capítulo 3 deste trabalho – em especial, o tratamento dado pela mídia local à sua morte.

“(...) a santidade do culpado aumenta o peso da falta do mesmo modo que a grandeza dos pecados dá por vezes a medida da santidade futura. (...) é que a sua impureza intrínseca torna o criminoso sagrado.”¹⁴³

Há uma conexão entre essas duas identidades, porém não para todos os criminosos, mas somente para aqueles que possuem uma força simbólica suficientemente diferenciada em seus atos criminais¹⁴⁴. Existe uma espécie de encantamento por essa personagem e por seus atos ao mesmo tempo perigosos, extraordinários e transgressores, pois os homens comuns não transpõem regras sociais entrando na propriedade alheia de maneira a despertar o interesse popular de maneira benéfica: como visto, algumas vezes essa transgressão amedronta e, muitas vezes, causa um fascínio na população.

O passado dos crimes cometidos por Pé-de-Veludo, embora relativamente recente, passa a ser algo lendário e vívido na memória e no conhecimento da população: passado este que se torna um elemento enfatizador para o aumento e legitimidade dessa santidade.

No que diz respeito às graças concedidas por Pé-de-Veludo aos seus devotos, sabe-se que um santo em construção é mais promissor para o interesse dos crentes do que um santo concretizado, porque deixa o santo mais próximo ao devoto, além de torná-lo mais propício às trocas entre santo e crente.

Além disso, 94% dos entrevistados acreditam hoje que Pé-de-Veludo tenha sido uma boa pessoa em vida e que auxiliou aos mais necessitados com atos de bondade. Essas pessoas acreditavam que Pé-de-Veludo tirava dos ricos para ajudar aos mais pobres, como o lendário Robin Hood: definido como bandido social¹⁴⁵, conforme Hobsbawn.

Ainda, neste caso, é fundamental a transformação do criminoso em mito para que, posteriormente, haja a sua transformação em santo popular. Reafirmando o que foi dito na introdução deste trabalho, aqui, o significado de mito é o mesmo de herói mítico proposto por Da Matta. Conforme Da Matta, o herói mítico é aquele que:

(...) por meio de instrumentos, modos diversos e níveis diferentes, rejeita o mundo social tal como ele é e se apresenta.”¹⁴⁶

¹⁴³ CAILLOIS, R. **O Homem e o Sagrado**. Lisboa: Edições 70. 1988, pp. 49.

¹⁴⁴ Essa força simbólica foi abordada também no capítulo 3 deste trabalho, no que diz respeito às idéias de Boris Fausto sobre as destrezas contidas nos delitos antigamente em relação aos crimes atuais.

¹⁴⁵ Para Hobsbawn, o bandido social pauta sua história e a construção de sua personalidade no limiar entre a bondade / generosidade e a crueldade, tirando assim dos ricos para dar aos mais necessitados: em uma espécie de justiça social que o legitima enquanto herói. Ver: HOBBSBAWN, E. J. **Bandidos**. RJ: Forense. 1975.

¹⁴⁶ DA MATTA, R. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. RJ: Zahar Editores. 1981, pp. 205.

Portanto, embora nem todos os mitos passem a ser visto como santos pelo imaginário popular, no caso de Pé-de-Veludo – como mostra o questionário aplicado – esse foi o caminho estabelecido para a incorporação de Pé-de-Veludo à imaginação popular.

De acordo com as entrevistas realizadas e demonstradas nesta pesquisa, outro aspecto que fez a maior parte da população mariliense incorporar os feitos de Pé-de-Veludo a seu imaginário foi a sensação de proximidade dos próprios habitantes a ele, ainda em vida, através da admiração de seus atos extraordinários: não só dos delitos, mas principalmente da mistura da re-significação dada pela população aos delitos cometidos – *tirar dos ricos para dar aos pobres, como Robin Hood* – e pela admiração da sociedade pelas destrezas ao cometê-los, ao entrar imperceptivelmente na propriedade alheia, ao enviar os bilhetes jocosos e ao enfrentar a polícia local.

De acordo com Da Matta, o sucesso é algo que se faz e que se tem, sem que haja, para isso, qualquer tipo de transmissão social. Portanto, não é algo que se receba como títulos, nome e sangue. Através do sucesso, harmonizam-se as diferenças entre as classes sociais com o desejo de igualdade presente no homem e, no caso de Pé-de-Veludo, não é diferente, pois grande parte dos contemporâneos parece fazer parte do sucesso e carisma alcançado por ele em vida e aqueles que só o conheceram através de suas histórias propiciam a propagação do mito até os dias de hoje. Isto ajuda a entender o fato de a maior parte dos devotos de Pé-de-Veludo ser oriundo das classes populares. Era o sucesso de Pé-de-Veludo representando as aspirações de notoriedade da população. Para Da Matta o significado do herói está diretamente relacionado ao significado dado as personagens nas dramatizações:

“A promessa geralmente contida nos nossos dramas raramente é feita da conquista da felicidade com os recursos e posição dos possuídos ou ocupados pelo herói na abertura da narrativa, mas ao inverso, sempre narramos e ficamos deveras fascinados com contos de enriquecimento e ascensão social violenta e irremediável do herói. Ou seja, a base do drama é fazer o personagem central terminar com muito mais do que possuía quando da abertura da estória (...) como se estivéssemos realmente interessados na transformação da pessoa comum numa super pessoa. Desse modo, a trajetória do herói segue a mesma curvatura da sociedade que engendra a dramatização, já que, em ambos os casos, deve-se ser o que ainda não se é, o aceno do futuro aberto (...) se constituindo do ponto crucial de todas as reviravoltas e tragédias que reproduzimos em nossas narrativas.”¹⁴⁷

¹⁴⁷ DA MATTA, R. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. RJ: Zahar Editores. 1981, pp. 199.

É o herói que rejeita a ordem estabelecida e obtém êxito em suas ações transgressoras, despertando simpatia popular até quando se trata de um criminoso, como é o caso do Pé-de-Veludo, que ainda é visto como representante da classe baixa por dela fazer parte. Diferentemente do que acontece atualmente, por exemplo, com a ascensão social do traficante, um bandido social confundido com o benfeitor por suprir algumas necessidades da comunidade diante da omissão do Estado. Conforme relata Marcelo Lopes de Souza (1999), a partir da década de 80 surgiram no Brasil alguns traficantes que, para muitos, devido à falta de apoio do Estado, tornaram-se uma espécie de Robin Hood. Contudo, não passa de um equívoco, pois os benefícios trazidos pelos traficantes para a comunidade são ínfimos, comparados com o preço que a população paga para manter seguros os traficantes em favelas:

“Em uma época tão carente de razões verdadeiramente político-ideológicas para a violência, teatralizações e pseudo motivações ideológicas muitas vezes constituem uma cortina de fumaça a envolver o conteúdo real de certos fenômenos.”¹⁴⁸

O verdadeiro desenvolvimento sócioespacial é uma tarefa que compete ao Estado e a admiração despertada na sociedade pelos transgressores, alimentada pela visibilidade dos seus atos através da publicidade no seu meio, também é consequência da ausência de políticas públicas eficientes. No caso de Pé-de-Veludo, há quem afirme que a propagação do mito “Robinhoodiano” advinha da carência de políticas públicas eficientes para os mais necessitados na época em que ele cometeu os delitos. Outros, porém, afirmam que Pé-de-Veludo se aproveitou da carência material de pessoas que viviam próximas a ele e usou alguns métodos – como a distribuição de doces e alimentos – para barganhar a sua proteção.

Portanto, as necessidades materiais e a presença cada vez maior de delitos com violência são responsáveis por parte do conforto trazido pela crença no mito do bandido social às pessoas que esperam a chegada de políticas públicas adequadas para a formação de um real desenvolvimento social.

4.2– A MEMÓRIA POPULAR NA CONSTRUÇÃO DA FIGURA DE PÉ-DE-VELUDO

¹⁴⁸ SOUZA, Marcelo Lopes de. **O desafio metropolitano: um estudo sobre a problemática sócio-espacial nas metrópoles brasileiras**. RJ: Bertrand Brasil. 1999, pp. 108.

Um dos principais elementos utilizados na relação com a percepção e o imaginário social é a memória. A partir da memória há o direcionamento do olhar para as experiências vividas no passado. Contudo, a memória trata de vivências passadas, mas não deixa de ser atual, pois passado e presente se complementam e se misturam. Para François Dosse:

“Essa memória consiste portanto em uma trama ao mesmo tempo privada e pública. Ela advém como emergência de uma narrativa constitutiva de uma identidade pessoal incrustada em histórias que faz da memória uma memória compartilhada.”¹⁴⁹

Para Le Goff, a memória como propriedade de conservar certas informações, faz adequações às informações passadas e as representa como sendo passadas. A memória é composta de fragmentos que ora se compõem de lembranças e ora de esquecimentos. Deve-se atentar a essas manifestações da memória e compreendê-las enquanto elementos reveladores da reconstrução das subjetividades¹⁵⁰ e das relações sociais.

O que se vê no caso de Pé-de-Veludo é que as pessoas contam as suas próprias ou as vivências de outras pessoas, incorporando ambas em emaranhadas e fragmentadas manifestações da memória. Foi o que Walter Benjamin denominou de *reminiscência*, ou seja, a transmissão dos acontecimentos de maneira simultaneamente fragmentada e articulada de geração para geração.

Apesar de os elementos subjetivos influenciarem na construção da memória – afinal, é o indivíduo que recorda seu passado, retendo e acessando todos os elementos significativos para a sua vida – esta ação individual de lembrar o passado está entrelaçada às relações comuns dos grupos aos quais o indivíduo pertence ou pertenceu no momento em que vivenciou algo. A partir do momento em que indivíduo lembra as suas vivências e as transmite para o outro, este outro passa a ser a testemunha de algo que até então só existe para o indivíduo que o recorda: a memória individual transforma-se, assim, em memória coletiva. Portanto, para a permanência de um determinado significado mítico é necessária a recorrência à memória coletiva:

¹⁴⁹ DOSSE, F. **História e Ciências Sociais**. Bauru: Edusc. 2004, pp. 181.

¹⁵⁰ Ver D’ALESSIO, Márcia Mansor. **Intervenções da memória na Historiografia: identidades, subjetividades, fragmentos e poderes**. In: Projeto História. Revista do programa de Pós-Graduação em História PUC / SP, nº 17, nov / 98, pp. 269 – 280. Ela chama a atenção em seu artigo para a introdução da subjetividade pela memória no conhecimento, pois esta mesma subjetividade é a responsável pela sensibilidade, pela história, pela privacidade e pelo cotidiano no centro do acontecimento narrado e lembrado.

“ Subindo a rua onde morei, lembro-me de que ela se unia à avenida Rebouças por uma transversal de calçadas altas com degraus. Encontro de um amigo que se tenha sentado nos mesmos degraus nos traz uma espécie de euforia e tranquilidade. Deixamos de ser por um momento os visionários da cidade antiga que só existia em nós, e que, de repente, ganha a sanção de uma testemunha: passa a ser uma lembrança coletiva, portanto uma realidade social.”¹⁵¹

Mas é também característica da memória coletiva residir onde um grupo social ou uma parte das pessoas se recorda dos fatos, mesmo que o indivíduo que faz parte desse grupo não se lembre, pois a memória estabelece mecanismos próprios que independem da lembrança do indivíduo, a partir do momento em que a ela deixa de ser individual e incorpora-se à realidade social. Todavia, para que a memória individual esteja em conexão com a memória coletiva é fundamental que existam pontos em comum entre o indivíduo e o grupo. Para isso, é necessário que os indivíduos em questão façam parte de uma mesma sociedade.

Joserlina Maués (2003) enfatiza que as dimensões coletivas e individuais não podem ser dissociadas em abordagens que insistem em criar dicotomias e dualizar dimensões que estão intimamente articuladas. Portanto, não há processos coletivos que não sejam vividos por indivíduos inseridos em determinados contextos sociais¹⁵².

Conforme Halbwachs sobre a dinâmica e flexibilidade da memória:

“(...) cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda conforme o lugar que ali ocupo, e que este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios.”¹⁵³

No caso de Pé-de-Veludo, verifica-se que, na maioria das entrevistas realizadas, a percepção em relação ao que ele foi em vida não foi amplamente transformada ao longo do tempo: os entrevistados, quando perguntados, afirmam nunca terem sentido medo de Pé-de-Veludo e contam histórias sobre seu carisma e os atos de bondade com as pessoas próximas, como visto a seguir:

“(...) eu não tenho pra dizer assim: que ele era uma pessoa perigosa..isso não. Que ele tinha um convívio com todo mundo da cidade, andava na cidade como qualquer cidadão, que ele era temível por aqueles que cruzavam o caminho dele, isso não (...) ele não agredia ninguém, não era um cara violento”

¹⁵¹ BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: Lembrança de velhos**. SP: Cia das letras. 2006, pp. 413.

¹⁵² É característica da memória possibilitar a complementarização entre as percepções individuais e coletivas nas relações humanas, através do entendimento da integração entre o passado e o presente.

¹⁵³ HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. SP: Ed. Vértice. 1990, pp. 51.

Algumas pessoas diferem-se da opinião majoritária, a exemplo desta entrevistada¹⁵⁴ que, perguntada sobre o que sentia por Pé-de-Veludo, respondeu de maneira mais tranquila em relação a ele e próxima do discurso da maioria da população da época: discurso de que Pé-de-Veludo era bondoso, carismático e inofensivo:

“É coitado! Eu tive dó dele, porque ele não era violento não. Ele não acordava as pessoas da casa, por isso que ele tinha o nome de Pé-de-Veludo.”

E quando questionada se as pessoas sentiam medo dele, ela continua:

“Ahh tinham, tinham bastante. A gente andava na rua e só ouvia as pessoas falando o nome dele...ihhh coisa horrível, a gente não gostava de falar o nome dele não (...) a gente ficava meio ressabiada, mas medo, medo mesmo eu não fiquei não. Porque ele não matava ninguém: ele entrava quietinho e saía quietinho...ele não andava com arma.”

Quanto à permanência da visão e do relato da entrevistada, é importante perceber se o que ela considera verdade hoje, também o era no passado; pois o indivíduo, ao narrar, agrega às lembranças aspectos individuais, elementos familiares e grupais, constrói suas próprias representações e transforma essas idéias e imagens em realidade: o que faz com que o discurso da entrevistada tome rumos diversos, ora se negando e ora se reforçando em um mesmo depoimento e em tempos diferentes. Como afirma Bosi:

“A lembrança (...) ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela nossas idéias, nossos juízos de realidade e valor.”¹⁵⁵

Ou ainda, se ela relata hoje uma percepção real do passado e que se transformou em algum ponto de sua vivência, pois, no caso da memória desta entrevistada percebe-se que sua memória é dinâmica e mudou juntamente com as relações sociais que foram estabelecidas e acrescentadas às suas lembranças ao longo do tempo. Este dinamismo também é encontrado nas duas entrevistas a seguir, como já mostradas anteriormente:

¹⁵⁴Entrevista realizada com uma senhora, 81 anos, pertencente à classe social alta, dona de casa e contemporânea a Pé-de-Veludo.

¹⁵⁵ BOSI, E. *Op.cit.*, pp. 55.

“Eu me lembro que quando eu era pequena, minha mãe tinha medo do Pé-de-Veludo, apesar de saber que ele não roubava dos pobres e a gente era pobre. Mas mesmo assim, ela tinha medo dele. O medo só foi acabar com a morte do Pé-de-Veludo. Aí as pessoas começaram a sentir pena por causa da forma desumana como mataram ele.”¹⁵⁶

E, ainda:

“Quando eu era garoto e estava na escola, muitos meninos – quando brigavam um com o outro – diziam que iam chamar o Pé-de-Veludo para bater no outro. Aí a briga parava porque na escola todo mundo tinha medo do Pé-de-Veludo.”¹⁵⁷

O medo sentido por estes entrevistados, provavelmente, vem de suas lembranças relacionadas ao passado e da percepção que os meios de comunicação da época tinham sobre Pé-de-Veludo. Medo percebido por algumas pessoas e enfatizado na mídia impressa através do discurso de que Pé-de-Veludo era transgressor, enfrentava a polícia e causava medo à parte da população local.

O que ocorre no caso é que as percepções individuais ora divergem, ora complementam as repercussões vividas e revividas por um grupo. A lembrança modifica constantemente as experiências, os sentimentos, os hábitos, refazendo seus significados de acordo com a utilidade do presente e misturando esse presente às influências do passado.

Existem muitas visões sobre Pé-de-Veludo, explicadas e enfatizadas por Halbwachs através das repercussões que permeiam a memória. Repercussões que transitam entre o passado e o presente, pelas vivências existentes em tempos diversos¹⁵⁸:

“São as repercussões, e não o acontecimento em si, que penetram e se mantêm na memória popular e conseqüentemente dão legitimidade a essa mesma memória.”¹⁵⁹

As repercussões podem, muitas vezes, ser maiores do que o próprio acontecimento em si. No caso de Pé-de-Veludo, nota-se, por grande parte dos entrevistados, a tentativa – em parte consciente e, em parte inconsciente – de recriar os fatos da sua vida de maneira a imortalizá-lo na lembrança coletiva: o acontecimento em sua morte e o carisma de Pé-de-

¹⁵⁶ Entrevista realizada com uma senhora, 55 anos, professora e contemporânea a Pé-de-Veludo.

¹⁵⁷ Entrevista realizada com um senhor, 60 anos, advogado e contemporâneo a Pé-de-Veludo.

¹⁵⁸ Deve-se pensar essa diversidade de tempos alinhada ao pensamento de estudiosos como Marc Bloch, François Dosse e Jacques Le Goff, que acreditam tanto na compreensão do presente pelo passado, quanto no reemprego do passado pelo presente; como um movimento recíproco, não linear e cheio de descontinuidades inextrapoláveis.

¹⁵⁹ HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. SP: Ed. Vértice. 1990, pp. 106.

Veludo geraram repercussões que o transformaram em mito. Os próprios delitos cometidos por ele passaram a ser reelaborados e repercutidos como atos heroicos e fantasiosos, transformando-o em “Robin Hood” local.

Além das repercussões, outro elemento que torna a memória recriadora dos acontecimentos passados em decorrência de suas necessidades do presente é o *esquecimento*: este mecanismo inconsciente auxilia na escolha dos elementos de um acontecimento para enfatizar somente àqueles interessantes para o indivíduo que recorda a fim de transmitir uma determinada imagem para o ouvinte.

No caso de Pé-de-Veludo, os entrevistados, muitas vezes, esquecem ou omitem algum acontecimento referente ao ladrão: aqueles que acreditam na sua santidade ou, ainda, em sua proximidade com o mito de Robin Hood, provavelmente esquecem ou omitem um fato que não condiz com a sua crença. E o mesmo ocorre com aqueles que defendem que Pé-de-Veludo foi um temível transgressor.

Entretanto, embora o imaginário popular demonstre a permanência de sentimentos, deve-se considerar que houve uma transformação em um curto espaço de tempo. Muitos dos que admitiram sentir medo de Pé-de-Veludo em vida, atualmente aceitam a mudança desse sentimento. O medo se transformou com o fim da causa deste medo (a morte do potencial ofensor), como também pela forma trágica como se deu o seu final. Por outro lado, os que admitiram sentir medo (na época), mas não demonstraram mudanças nos seus sentimentos (pena pela violência da morte ou atualmente, a devoção), pareceram estar em sintonia com o discurso da mídia e da polícia da época por alguns motivos especiais: foram vítimas ou conheceram alguém que o foi. Isto denota, também, sentimentos de ansiedade e mal-estar de quem se vê diante de um perigo real ou incerto. Dos poucos entrevistados que hoje admitem terem sentido medo de Pé-de-Veludo, a *maior parte* pertence à classe social mais elevada, o que é compreensível, já que ela era o público-alvo das ações transgressoras de Pé-de-Veludo: nela se encontravam famílias tradicionais de Marília e também governantes da cidade.

Eu penso que o tempo promove mudanças nas lembranças e nas percepções das pessoas. Tenho certeza que muita gente que temia o Pé-de-Veludo em suas atividades criminosas, hoje está com a sua percepção amenizada pelo tempo, pelo processo trágico e violento da ação policial nas mortes e prisões dele e de seus familiares e pela própria trajetória da vida pessoal de cada um, visto serem pessoas com mais de 50 anos e, portanto, um pouco mais tolerantes com os

*menos favorecidos e mais críticas com as ações autoritárias do poder.*¹⁶⁰

Por fim, nesta segunda parte do capítulo; através da análise do discurso sobre a relação estabelecida entre a população e Pé-de-Veludo, encontram-se vários mecanismos da memória inseridos no discurso do entrevistado: mecanismos estes que tornam a memória flexível, pluralizada, fragmentada e simultaneamente individual e coletiva.

¹⁶⁰ Entrevista feita a uma senhora, professora universitária, 55 anos.

CONCLUSÃO

É importante esclarecer na conclusão deste trabalho o motivo da escolha deste tema. Houve a opção pelo estudo de caso de Pé-de-Veludo devido à peculiaridade da personagem: o interesse em saber como um criminoso se transformou em santo popular, como um elemento de afastamento e medo à população se modificou a ponto de tornar-se elemento de proximidade dessa mesma população é algo instigante e que deve ser pesquisado a fundo. Além disso, realizar um trabalho interdisciplinar – com a presença de visões teóricas sociológicas, antropológicas, filosóficas e também de Direito – é uma experiência enriquecedora tanto para o leitor, quanto para a autora do trabalho.

Assim sendo, diante da exposição da vida e da morte de Pé-de-Veludo, a partir da análise de fontes escritas e orais, observa-se que alguns fatores contribuíram para a inserção de Pé-de-Veludo no imaginário popular local.

De acordo com a análise dos questionários aplicados em 2 de novembro de 2007, conclui-se que os entrevistados não contemporâneos a Pé-de-Veludo o perceberam como um herói mítico e santo popular local. Isso ocorre porque os não contemporâneos recebem informações através da memória da maior parte da população contemporânea a Pé-de-Veludo de maneira a enfatizar características benéficas do perfil do ladrão.

Já as entrevistas realizadas com a população contemporânea a Pé-de-Veludo caracterizam diferentes percepções: a realização do trabalho permitiu entender que Pé-de-Veludo é uma figura que desperta proximidade e medo nas pessoas, pois, apesar de a maior parte da população mariliense acreditar que ele foi um herói mítico ainda em vida, existem algumas pessoas que sentiam medo dele e este medo só foi transformado após a sua trágica morte.

Outro elemento fundamental para explicar as percepções da sociedade mariliense é a presença da mídia e de sua dupla construção do discurso sobre Pé-de-Veludo. Esta mídia – ao mesmo tempo em que defendia a punição de Pé-de-Veludo – auxiliou na construção de sua fama ao longo dos tempos, graças à divulgação de seus atos pelos constantes relatos dos jornais locais. Além disso, o jornal foi fundamental para a formação da opinião local, pois mostrou o discurso vigente na época a respeito da questão dos indivíduos que estavam à margem econômica e social da cidade de Marília e também mostrou o medo sentido por parte da própria população em relação às ações de Pé-de-Veludo. A mídia impressa local foi o meio que auxiliou a repressão dos seus delitos cometidos, bem como na aproximação entre a

figura de Pé-de-Veludo e a população. Outro fator importante a ser evidenciado é o discurso da mídia em relação ao conceito de *malandro* antes e após a sua morte: em vida, Pé-de-Veludo era visto como um malandro com características habilidosas pela maior parte da população e como um vândalo, deslocado de regras sociais pela mídia. Após a morte de Pé-de-Veludo, o termo *malandro* para a mídia modificou sua compreensão; ou seja, Pé-de-Veludo passou a ser um malandro com significado carismático, habilidoso.

Além do papel da mídia, a análise do perfil criminal de Marília propiciou um melhor entendimento sobre Pé-de-Veludo, pois, durante o período que antecedeu a urbanização de Marília, eram comuns os crimes contra a pessoa, especialmente os crimes passionais; os quais, na maioria das vezes, para lavar sua honra, os homens matavam suas companheiras conjugais. Já na década de 1940 e 1950 – com o início da urbanização de Marília – houve uma mudança na tipologia criminal com o incremento de crimes cometidos contra o patrimônio: a realização de furtos, devido ao aumento de propriedades na cidade, crescimento populacional e pela desigualdade social. Esses crimes contra o patrimônio prezavam algumas características diferentes das encontradas atualmente, uma vez que eram crimes providos de marcas e técnicas próprias, prevalência da destreza, habilidade de comunicação e física na realização do ato, com menor sensação de medo por parte das vítimas e menos coação por parte do ladrão.

Situação adversa da que se encontra hoje – fruto das transformações pelas quais passou Marília – em que há a presença cada vez maior de crimes sem marca própria, acompanhados de violência e também da utilização de armas. Atualmente a descrença na polícia, a propagação do medo e daquilo que Teresa Pires do Rio Caldeira tratou em seus estudos como a *'fala do crime'*, propiciam o aumento da sensação de violência.

Assim como as transformações da cidade implicaram na mudança do perfil criminal, essas mesmas modificações foram as responsáveis pelo aumento na intensidade de medo sentido pela população: a quase ausência de sensação de medo nos crimes antes, por quase inexistência do contato direto entre o criminoso e a vítima, conflitua com a presença cada vez maior do medo sentido pela população atualmente. Este conflito de sensações integra a memória tanto individual, quanto coletiva: as pessoas sentem medo ao se depararem com os crimes cometidos hoje e se recordam dos crimes comuns nas décadas de 40, 50 e 60 e inserem alguns elementos desses crimes no imaginário coletivo de forma benéfica, a exemplo dos crimes realizados por Pé-de-Veludo.

Outro elemento fundamental para a aproximação entre Pé-de-Veludo e a população foi a condição trágica da sua morte, que gerou polêmica na época e ajudou a sociedade a

identificar-se com o sofrimento do ladrão. Isto explica muito o motivo pelo qual tantos vão até hoje ao túmulo de Pé-de-Veludo não só pedir pelos seus, mas também pedir pela alma do ladrão: formulando um ciclo de crenças que satisfaz simultaneamente os problemas imediatos dos devotos e a redenção de que Pé-de-Veludo necessita, devido aos crimes cometidos em vida.

Tanto a forma como cometia os crimes – silenciosos, bem-humorados e sinistros que promoviam admiração e muito medo – e a provável distribuição de bens para os mais pobres; quanto as condições de sua morte trágica inspiraram o título deste trabalho: Deus e Diabo nas pontas de um Pé-de-Veludo.

Ao final deste trabalho, o que parece mais marcante é o fato de Pé-de-Veludo ter sido identificado como um bandido social na “fala” e na percepção da maioria dos seus contemporâneos. Conforme os estudos teóricos expostos no 3º e 4º capítulos deste trabalho, acredita-se que a proximidade popular ao mito robinhoodiano também é o resultado da inoperância do Estado ao não prover a sociedade de um real desenvolvimento social: evidenciando, portanto, a substituição no imaginário popular desses mecanismos estatais por um elemento que atuasse numa espécie de justiça social, dando, assim, voz às insatisfações geradas pela desigualdade.

Já sobre a fala daqueles que não acreditam nos milagres e graças concedidas por Pé-de-Veludo, as suas atitudes robinhoodianas se restringiam à distribuição de guloseimas aos jovens da vizinhança em troca de proteção.

Além disso, a análise histórica mostra que o momento político, de início da ditadura militar, só poderia levar ao desfecho violento ocorrido, ao afloramento do mito Robin Hood e a criação de uma espécie de mártir pelo imaginário popular.

Todos esses fatores adentraram no imaginário popular através da constante reprodução e reordenação dos significados sobre Pé-de-Veludo e geraram um mundo de idéias, de sentimentos e de imagens que fazem parte das relações entre o homem e os significados construídos sobre essa personagem.

Esta pesquisa conclui que, em vida, Pé-de-Veludo não obteve total receptividade da população em relação as suas ações. Contudo, hoje – seja através da transformação da relação entre os contemporâneos a Pé-de-Veludo à figura do ladrão, ou seja, através do “ouvirem dizer” transmitidos dos contemporâneos para a população que não conheceu Pé-de-Veludo – a maior parte das pessoas percebe as ações do ladrão como atos justiceiros e o representa no imaginário popular como herói mítico, santo milagreiro e não como um perigoso transgressor social.

ANEXOS

Título: A deficiência da guarda noturna poderá ser responsável pela onda de roubos

Inegavelmente, a população mariliense vive presentemente, dias e noites de inteiro sobressalto e desassossego, geral, face da onda de roubos que vem sendo registradas nos últimos tempos.

Ladrões assaltantes tem agido impunemente na cidade, de maneira seguida, sem que a polícia, até hoje, tenha conseguido deitar mão aos meliantes.

A crônica policial dos últimos dias tem registrado uma série de roubos domiciliares, muitos dos quais praticados de maneira a demonstrar que os malandros são exímios, enquanto outros deixam a antever que os ladrões ou são principiantes, ou são menores de pouca experiência na senda do crime. De qualquer modo, é inegável que os meliantes tem agido com incrível sorte em todos os casos e suas ações vem constituindo um desafio à polícia local.

A palavra da autoridade policial

Nossa reportagem avistou-se ontem com o dr. Novaes Gaeta, respondendo pela regional de polícia. S.S. mostrava-se de veras apreensivo com os acontecimentos a respeito dos seguidos roubos na cidade e nos dizia que estava mobilizando todos os recursos disponíveis e que as providências, apesar da boa vontade e do desvelo dos policiais, estavam sendo infrutíferas.

— Iremos agarrar pelo gansete esse malandro ou esses malandros, asseverou-nos o dr. Gaeta.

E acrescentou a autoridade policial, que mesmo com sacrifício do pessoal da polícia civil e comum, as providências serão desdobradas. Um levantamento em massa será procedida na cidade, quando todas as pessoas suspeitas serão interrogadas e todas as que não consigam explicar e provar as atividades de trabalho, serão detidas para averiguações.

Guarda Noturna deficiente

O dr. Novaes Gaeta não quiz fazer referências diretas ao serviço da Guarda Noturna local. Entretanto, o reporter conseguiu interpretar que os trabalhos de tal organismo são deficientes em Marília. O número dos vigilantes noturnos é pequeno ante as necessidades do marilienses. Muitos vigilantes são de idade avançada, imprópria portanto para a execução desse difícil e responsável mistér.

O Corpo de Vigilância Noturna de Marília é composto de 18 homens, dois dos quais comandantes. Fica reduzido portanto a 16 e estando um hospitalizado em São Paulo, diminui para 15. Desses

15 guardas noturnos, apenas 3 são menores de 45 anos; 9 são maiores de 45 anos, 6 maiores de 50 anos e 3 são maiores de 60 anos!

E, pelos vencimentos que percebem os vigilantes, não se poderá mesmo esperar que pessoas menores de 45 anos se interessem pelo serviço, eis que os vigilantes ganham apenas 6 mil cruzeiros mensais e os comandantes a pequena importância de 7.500 cruzeiros por mes.

Assim, pela realidade, pode-se supor que a deficiência da Guarda Noturna local poderá ser parcialmente responsável pela onda de roubos que presentemente se verificam na cidade.

Assaltos

Está a população seriamente alarmada com a reiteração de audaciosos assaltos noturnos a residências, muitos dos quais com as mesmas características. Nenhuma família julga-se, mais, segura, eis que os indesejáveis invadem lares, à calada da noite, sem ser pressentidos, vasculham as casas e depois dão as de vila Diogo. Utilizar-se-iam de narcóticos? Se tal se der, o perigo é ainda maior, dados os efeitos danosos à saúde. Ouvimos de várias pessoas, que tantas famílias já “se preparam” para “receber cordialmente” esses atrevidos, adquirindo armas a fim de que, no devido tempo, possam se valer do dispositivo legal da legítima defesa. Talvez liquidando-se uns dois ou três, volte a população a ter tranquilidade. Dissemos a vários deles que, antes de tudo, deve-se confiar na ação eficiente de nossa polícia, solicitando prontamente o seu concurso sempre que algum suspeito perambular pelas imediações de suas residência. Será sempre melhor do que ter de se enfrentar, de armas às mãos, dentro de casa, um desses indesejáveis que, de tempos à esta parte, intranquilizam as famílias marilienses. E se for menor-marmão o atrevido, azar dele, porque “no

escuro todos os gatos são pardos” e ninguém, numa hora de desespero, ao ver seu domicílio assaltado, iria pedir certidão de idade ao assaltante para depois dar-lhe o devido corretivo.

Enfim, a situação não é tranquilizadora. Confiemos na ação preventiva e repressiva de nossa polícia, que, dia mais, dia menos, porá as mãos aos indesejáveis. E se cínicos menores ladrões forem, que se envie o máximo de esforços para se interná-los onde de direito. A população, que paga tributos de toda espécie, quer se ver a salvo desses menores delinquentes que conhecem Código penal mais, até, que tantos bachareis e se julgam impunes, sendo tão perigosos como os assaltantes adultos.

Se redigimos esta nota com certo acre, é porque sabemos os males que causam, num lar, os ladrões assaltantes: mais que os prejuízos materiais, são os danos psicológicos que deixam, pelo pavor que implantam às crianças, as quais passam a ter sobressaltos, criando sérios problemas às famílias.

Que reajam, as nossas autoridades, com o máximo de energia, contra essa malta de assaltantes, são os desejos da população.

Há muito alarde, na história dos roubos

Já há um tanto de brincadeira em torno do "play-boy" que vem praticando assaltos aos domicílios, em nossa cidade. Alguns impressionáveis estão levando a sério o divertimento dos bilhetinhos, certamente fruto da "inteligência" de outros "play-bobos". Tudo diz tratar-se de um "pé de chinelo", como nos disse um policial, o ladrão que arranjou essa nova forma de divertir-se, talvez escudado pela idade, mas que vai se arriscando porque na noite que esse anormal tropeçar num tapete, alguém, na penumbra e na defesa de seu domicílio, poderá descarregar-lhe um revolver nas "fuças" e será, pelo benefício que prestar à tranquilidade pública, aquinhoado com um "título" de cidadão benemérito de Marília!

E que, nesta emergência, não se tomem medidas emotivas, que, por um fato passageiro, viessem onerar a população permanentemente. A

questão do "adicional" para a guarda noturna, por exemplo, de que se cogita outra vez, deve ser estudada cautelosamente, depois que passar a onda do ladrão "pé de chinelo", depois que os "play-bobos" deixarem de fazer gracinhas com bilhetinhos, depois, enfim, que passar a "neurose dos roubos" de que, devido ao injustificado alarde, está tomada a população.

Quando o suspeito (já há um suspeito) for agarrado pelos "fundilhos", tudo voltará à calma, tudo será esquecido, como é comum. Por isso, nada de medidas precipitadas, nada de "apêlos trágicos em pro do povo"; deixemos (sem mais explorações) à polícia resolver esse caso, ou seja, a prisão desse bobalhão (de mente com um tanto de estêrco de galinha), que se dá à gracinha de assustar as famílias com roubos noturnos. E talvez com a sua prisão "outras coisas" se esclareçam.

NOTAS POLICIAIS

Tentativa de assalto

Na noite de sexta-feira, por volta das 22 horas, voltou a agir o ladrão que anda inquietando as famílias marilienses. Desta feita a residência escolhida foi a do sr. Osvaldo Sampaio, na rua São Luiz.

A polícia foi mobilizada para o local, tendo providenciado o cerco do quarteirão e vasculhado as vizinhanças, sem achar nenhuma pista. Felizmente não foi constatada a falta de nenhum objeto, tendo o assaltante deixado um bilhete advertindo que voltará em breve.

Muitos emulos de "Arsene Lupin", o famoso personagem de ficção policial, estão surgindo em Marília com o intuito de desmoralizar as autoridades. A brincadeira poderá custar caro para alguém engraçadinho quando for pego com a "boca na botija" e processado por tentativa de assalto.

ANEXO 4 – Correio de Marília, nº 8905, pp. 6 – data: 06 / 06 / 61

Título: Voltou, como prometera, o ladrão dos bilhetinhos

Já atinge as raias do absurdo as peripécias do anormal que nos últimos tempos vem pondo a população em polvorosa, zombando da polícia e praticando atos de incrível atrevimento.

Na noite de sexta-feira, penetrou na residência do sr. Osvaldo Sampaio, à rua S. Luis 248, onde deixou tres bilhetes dizendo ter levado o retrato da filha do proprietario da moradia e avisando que em breve voltaria para vê-la.

Quando ninguem mais supunha pudesse o indesejavel praticar tamanha audaciosidade, resurge ele novamente, conforme prometera, desta feita armado de revolver e com o rosto oculto por uma máscara.

Segundo declarou a policia a empregada domestica da familia, ela e a filha de seus patrões encontravam-se sózinhas na casa, conversando na sala, quando esta lhe disse que iria até seu quarto trocar de blusa, pois fazia muito calor. Minutos depois ouviu gritos que partiam dos fundos da residência, e correndo para lá, deparou com a moça caída no chão, sem sentidos, apresentando arranhões no pescoço e sinais de dentada no braço direito. Não viu, no entanto, nenhum estranho por perto, vindo a saber mais tarde, pela própria vítima, que um individuo mascarado e armado de revolver a havia atacado.

Sabe-se que a vítima lutou alguns segundos com o embuçado, demonstrando muita coragem, chegando mesmo a retirar sua mascara. Trata-se de um individuo loiro, alto, com uma cicatriz abaixo do olho direito.

A policia foi mobilizada para o local e cercado o quarteirão com a ajuda de enorme massa de populares que para ali acorreu atraída pela curiosidade, sem contudo encontrar vestígios no principal protagonista dessa história. Um dia encontrará um cano de revolver pela frente.

A "onda" atinge Tupã

Tambem de Tupã, chegamos noticia de que uma verdadeira "onda" de assaltos atinge a cidade. Nada menos que oito furtos foram verificados nos últimos quatro dias, com as mesmas características dos ocorridos em Marília. Os "modus operandi" é idêntico, o que leva a policia a acreditar tratar-se da mesma pessoa.

NOTAS POLICIAIS

Perícia gráfica nos bilhetinhos

Seguiu na noite de ontem com destino a São Paulo, o delegado-adjunto dr. Pascoal Novaes Gaeta, onde entrará em contato com a Polícia Técnica Paulista, a fim de que se efetue a perícia gráfica dos vários bilhetinhos deixados em diversas residências, pelo ladrão que tem posto em sobressalto a população mariliense.

Que ponham "as barbas de mólho" os engraçadinhos que se aproveitam do clima de inquietação, para forjar bilhetes a título de brincadeira.

TELEFONEMAS

Como se não bastassem as brincadeiras de mau gosto de alguns "play-bobos" irres-

ponsáveis, as autoridades policiais tem recebido queixas de diversos moradores nesta cidade, à respeito de telefonemas anônimos, anunciando a próxima chegada do famoso assaltante. A polícia está mantendo vigilância, constante nas chamadas telefônicas, para identificar o engraçadinho e processá-lo criminalmente.

JUIZ SUBSTITUTO

Acaba de ser indicado para Juiz Substituto da Comarca de Marília, o dr. Marcos Vinícios dos Santos, que permanecerá no posto até a chegada do novo titular.

ATROPELAMENTO

O menor Sinésio Sodré, quando transitava com sua bicicleta pela rua Campos Sales, na confluência com a rua 4 de Abril, na tarde de ontem, foi apanhado pela caminhoneta Chevrolet, chapa 83-55-21, dirigida por Nelson Pinto de Souza, residente a rua Cel. José Braz, 222, ficando ferido no supercílio e na cabeça.

O carro de presos compareceu ao local, tendo os soldados Angelo e Ferreirinha, da Fôrça Pública, tomado conhecimento da ocorrência e providenciado o socorro do menor, que foi medicado pelo dr. Sakae Horita.

ANEXO 6 – Correio de Marília, nº 8908, pp. 1 – data: 09 / 06 / 61

SEJA PRESO E PROCESSADO O TELEFONADOR ANÔNIMO

Irresponsável canalha a família marliense

Deve ser um debil mental ou um cafajeste qualquer, mas não deixa de ser um grande canalha, o desocupado e irresponsável, que, nos últimos dias, vem intranquilizando a família marliense, com trotes telefônicos dos mais diversos.

Aproveitando-se da onda de roubos que se verificou recentemente e que de fato teve mais “onda” do que realidade, um “engraçadinho” (ou “engraçadinhos”) vem pondo em polvorosa a família marliense, valendo-se desse utilíssimo invento que é o telefone, para noticiar ameaças diversas, dizendo que “a residência vai ser visitada pelo ladrão pé de veludo”.

Brincadeira de mau gosto que poderá ser fatal

Essa brincadeira, além de ser de todo condenável e sujeita a processo-crime, poderá ser fatal. Esse canalha poderá telefonar para uma pessoa cardíaca e o susto poderá ter consequências desagradáveis. Poderá avisar uma senhora em adiantado estado de gravidez ou de dieta e as consequências poderão também ser funestas.

A polícia interessada na prisão do telefonador

A polícia está interessada na prisão do telefonador anônimo. Vários aparelhos estão sob observação e investigações estão sendo realizadas. Assim que descoberto o autor

ou autores dessa cafajestada, será o mesmo preso e processado criminalmente.

O povo deve colaborar

A família marliense não pode continuar à mercê de

nenhum debil mental, cafajeste, canalha ou “play besta”. Assim, o povo deve colaborar para identificar esse autor ou autores dos telefonemas anônimos, denunciando à polícia seus nomes ou suspeitas.

Nas malhas da polícia o «Pé de Veludo»

Menor de apenas 17 anos o responsável por dezenas de furtos em Marília

Por fim foi apanhado pela polícia o ousado assaltante que há tempos atrás, pôs em sobressalto a população de Marília e mobilizou toda a milícia local.

Inúteis foram os esforços das nossas autoridades para pôr no xadrez o responsável pela "onda" de furto que até chegou a se transformar em uma verdadeira psicose coletiva.

MENOR, O LADRÃO

O "pé de veludo", conforme foi batizado pelo povo o assaltante, que demonstra ter nascido para o crime, teve sua repulsiva "carreira" truncada na cidade de Aracatuba quando tentava roubar uma residência. Surpreendido por um investigador, reagiu a bala e quase se transforma de um ladrão em um assassino. O pior no entanto é o meliante responsável por centenas de furtos não só em Marília, como em Baurú, Lins, Adamantina, Tupã e outras cidades, não passa de um indivíduo de pouco mais de 17 anos de idade, forte como qualquer adulto, perigosíssimo, eis que andava armado.

VITIMAS

Os investigadores da Re-

gional de Polícia de Marília, estivedam durante todo o dia de ontem com G.M.P. (estas as suas iniciais), fazendo as reconstruções dos assaltos praticados na cidade. Deu o ladrão como seu endereço aqui, rua Sergipe n. 933.

Sem a menor coação, calmo, cínico, usando um linguajar típico de malandro, ia o anormal descrevendo os seus métodos de assaltos e, revelando memória, inumerou os objetos furtados em cada residência, muitos dos quais nem sequer constavam da lista da polícia, esquecidos que foram de serem registrados pelas próprias vítimas.

Até ontem, G.M.T. havia confessado assaltos nas residências dos seguintes senhores: Milton Golçalves, Waki Shibazaki, Aristoteles Garcia, Casa Ibara, Eugenio Regnani, Celso Mendonça Xavier, Adega Rio Grande, Jesús Montolar, Awa Aiex, Messias Pinehiro da Silveira, João André Guilloumont, Augusto de Jesus Júnior, Seike Yshio, Darci Martins Azevedo, Elmir Batista Nogueira, Isauro Padilha, Roberto Oliveira Borges, Osvaldo de Carvalho, Atlântico Petiscos, Felício Vernaschi,

Banco do Brasil (residência), e Gilberto Pastori. Hoje, os investigadores continuarão o interrogatório, esperando-se que a lista seja acrescida de mais umas quarenta vítimas.

O delinquente confessou ainda vários furtos em outras cidades, como Bauru, Catanduva, inclusive um roubo de dolares, na cidade de Adamantina, no valor aproximado de Cr\$ 60.000,00 e um vultoso furto de jóias em

Lins, isso tudo depois que tranquilizou a nossa população.

Os objetos furtados foram vendidos a camelôs por preços muito mais inferiores aos seus valores reais o que dificultará bastante o trabalho de localização e apreensão.

Dada a sua periculosidade confia a nossa população que seja de vez trancafiado em estabelecimento próprio.

ANEXO 8 – Correio de Marília, pp. 1 – data: 31 / 08 / 61

Preso o Indesejável

Tranquilizaram-se as famílias marilienses com a prisão do perigoso indivíduo que, neste ano, praticou em nossa cidade uma série de assaltos aos domicílios e que, após daqui sair, continuou a série de crimes nas cidades de Bauru, Lins, Adamantina, Catanduva e outras. Esse indesejável, menor no consenso legal apenas porque está sob a guarda de um código se menores superado, arcaico. fora do tempo, que mal serviria para o século passado, é um indivíduo de periculosidade a toda prova, de complexão física semelhante a um adulto forte, atarracado, cínico como todo o criminoso crônico e incurável e que, assim, sempre que em liberdade porá em pânico a tranquilidade social. Disse ter nascido em Marília, hoje com 17 anos de idade, mas com físico de adulto, dando como seu endereço, em nossa cidade, o prédio 933 da rua Sergipe. Sua periculosidade ainda é maior quando se sabe que andava armado, tanto assim que resistiu à bala a sua prisão em Catanduva.

As famílias marilienses, todavia, terão tranquilidade plena quando souberem que esse indivíduo foi internado em estabelecimento especializado. Se tal não se der, ou seja, se o mesmo for solto, voltará a reinar o desassossego em nossa cidade.

Assim, confia a população ordeira na diretriz prudente de nosso estimado Juiz de Direito, o ilustre doutor Francisco Matera, certa de que sua excelência envidará o máximo de seus esforços, em prol da tranquilidade pública, no sentido do internamento desse atrevido e incorrigível ladrão, para o qual todos os conselhos seriam vãos, cínico e predisposto ao crime como é, pois que, na polícia, se deu à conhecida tática de mostrar-se "bonzinho", própria dos malandros de sua estirpe.

Pelo tanto que intranquilizou as famílias marilienses, que viveram período angustioso, de sobressaltos, esse indesejável deve, de vez, ser afastada de seu meio.

Água e Luz, reivindicam os moradores dos Bairros Maria Izabel e Cascata

A Associação dos Amigos dos Bairros "Jardim Maria Izabel" e "Cascata", enviaram ofício ao prefeito Barreto Prado, subscrito pelo seu presidente, Bernardo Severiano da Silva, reivindicando os serviços de água e luz àquelas vilas.

"Por toda parte — diz o ofício — do centro aos mais afastados bairros de nossa urbe, observa-se uma onda crescente de otimismo, face aos empreendimentos encetados pela administração municipal, obras todas de interesse público, e que caracterizam o dinamismo de vossa administração.

"Acreditamos que, diante de tantos benefícios os munícipes se sentem revigorados em suas crenças cívicas, ao verificarem o quanto pode fazer uma administração bem orientada e bem intencionada.

"Dirigimo-nos, sr. Prefeito, a V. Excia., para solicitar vossa atenção aos nossos bairros. Parece-nos que foram os bairros Jardim Maria Izabel e Cascata, os únicos que não passaram a fazer parte do plano de obras dirigido por V. Excia..

"Nós, os habitantes dos referidos bairros, vimo-nos em dificuldades com os problemas que enfrentamos em relação

ao abastecimento de água e o fornecimento de luz.

"Servimo-nos de poços, estamos ameaçando os nossos próprios filhos com a contaminação de alguma doença, pois é indiscutível a infiltração que há das fossas para os poços de água. Essa é a razão de nossa maior preocupação, pois mais cedo ou mais tarde, teremos em nossas famílias o fato consumado.

"Apelamos pois, para o alto sentimento de fraternidade cristã de V. Excia., ao mesmo

tempo que para o interesse que sempre tem demonstrado pelos habitantes dos bairros mais afastados.

"Outro problema com que nos defrontamos diuturnamente, é a falta de rede de energia elétrica, em grandes partes de nossos bairros. Essa falta, traz-nos complicações as mais terríveis. Além de representar o conforto de nossas esposas e filhos, e ainda, a luz elétrica, um fator de segurança para todos nós".

EM SAO PAULO



Notas Policiais

ENCONTRADA MORTA — As 10 horas de domingo, foi encontrada morta em seu quarto, à Rua Nápoles, 90, a meretriz Armélia Alves. Procedendo ao exame cadavérico, o médico-legista dr. Romeu Ferraz atestou morte natural.

«PÉ DE VELUDO» — O famoso larápio «Pé de Veludo», que há tempos realizou uma série de assaltos sensacionais em Marília, quando menor, ainda não se emendou. Sábado, em companhia de sua «gang», esteve promovendo arruaças na Represa Cascata, armado de faca e revólver. Chegou a apoderar-se da torre de contrôle, ameaçando abrir as comportas da barragem, o que, se levado a cabo, seria de consequências desastrosas para toda população na sêca que atravessamos. Graças a coragem e o espírito de responsabilidade de alguns funcionários da Prefeitura ali destacados, o pior não aconteceu. Os «barnebês» do Departamento de Águas escorraçaram da torre os desordeiros, armados de cabo de vassoura. «Pé

de Veludo» chegou a ameaçar um dos vigias com uma garrucha, tendo, inclusive, disparado a arma.

A policia, chamada ao local, não conseguiu prender os pequenos «gangsters», que se dispersaram pelo mato. No entanto, domingo, por volta das 10 horas, no Campo da Fazenda Cascata, o guarda-civil Celso Peres deteve Jair Marques Pinto (R. Sergipe, 933), irmão do famigerado «Pé de Veludo», que também foi protagonista das descrdens. Será processado pela policia.

PLAY-BOYS FURTARAM CARRO — Mais uma vez «play boys» voltaram a agir na cidade, em furto de veiculo. Na madrugada de sexta feira, Nilton José Fontoura Camargo úera queixa do desaparecimento de seu jipe DKW, chapa 39.20.75. A policia encontrou o auto abandonado, na madrugada de domingo, na Rua 15 de Novembro, ficando evidenciado que o mesmo fôra «emprestado» para algumas voltas pela cidade.

ANEXO 11 – Jornal do Comércio, nº 2509, ano 9, pp. 1 – data: 10 / 12 / 64

Título: Menor bandido assassinou delegado de polícia

Trágica ocorrência registrou-se na tarde de ontem em Marília, quando uma diligência policial comandada pelo delegado de polícia adjunto foi recebida a bala por Guaracy Marques Pinto, vulgo «Pé de Veludo» e mais dois irmãos que o acompanham na vida criminosa. Ao chegar à casa de «Pé de Veludo», os policiais foram surpreendidos por cerrado tiro, tendo o delegado Ewerthon Fleury Curado sido atingido por duas balas: uma na cabeça e outra no coração. A diligência visava revistar a casa, pois era do conhecimento da polícia que armas e munições ali havia em grande quantidade, uma vez que o próprio «Pé de Veludo», nas suas andanças e anarquias pelo Bairro da Cascata não escondia essa existência. Aliás, «Pé de Veludo» sempre se revelou rebelde e valente, aterrorizando a população ordeira de Marília.

Além do delegado que morreu, foram feridos pelos marginais, todos menores de idade, o investigador Roberto Mahs, ferimento leve; soldado Alfeu Segantine, estado grave. Recebeu um tiro no peito. O guarda civil Dorival Grilo, com uma bala na perna.

Enquanto os feridos eram transportados para a Santa Casa de Misericórdia, toda a polícia marliense se concentrava ao redor da casa do famigerado elemento, disposta a prendê-lo vivo ou morto. O bairro Cascata viveu uma tarde de extrema agitação, vendo a polícia dando caça ao jovem que há anos vem comandando a desordem naquele populoso setor da cidade.

O delegado assassinado estava em Marília há poucas semanas, removido da Delegacia de Ourinhos. Sua família reside na capital.

Polícia inicia caçada humana

Depois da primeira refrega com Pé de Veludo e seu bando, que resultou na morte do Delegado Fleury, toda a máquina policial marliense foi mobilizada para dar caça aos bandidos. A cidade passou a acompanhar o acontecimento que iniciando às 15 horas, teve parte de seu desfecho aproximadamente às 18 30 horas quando a polícia, valendo-se de um carro protegido por chapa de aço, acercou-se da casa onde os bandidos se atolavam, defronte ao Ginásio do Yara Clube, lançando ao seu interior uma bomba de cloro. A seguir, empunhando metralhadora, policiais invadiram o interior do prédio, lá encontrando o cadáver de Maurílio Mar-

ques Pinto, irmão de Pé de Veludo e que sozinho enfrentava a polícia, despiando-a enquanto os outros fugiam. Maurílio, presume-se teria sido o autor do tiro que alcançou o soldado Cantur na cabeça, ferindo-o gravemente e fazendo subir a 4 o número de feridos na tarde sangrenta de ontem. Este miliciano, o segundo a ser baleado, já às primeiras horas da tarde de ontem estava desenganado, dependendo de um milagre para salvar-se.

Além da polícia civil, soldados da Força Pública, membros da Guarda Civil e integrantes do Tiro de Guerra foram mobilizados para a maior caçada humana que se registra na história policial da Região.

Título: **Homens e cães dão caça aos bandidos**

Corpo do Delegado foi sepultado em Goiânia

Em avião da VASP, especialmente fretado para esse fim, seguiu ontem para Goiânia, tendo deixado Marília às 12 horas, o cadáver do delegado Ewer-ton Fleury Curado. Ontem mesmo deu-se o seu sepultamento na capital goiana. Altas autoridades da Secretaria da Segurança Pública estiveram em Marília, prestando derradeiras homenagens àquele que covar-

damente foi assassinado pelo bando de Pé de Veludo, na tarde de quarta-feira.

Nunca é demais registrar que o Delegado, desarmado, fazia uma diligência em casa dos facinoras. Entrou na casa em companhia do pai dos bandidos, para encontrar a morte de maneira barbara, já que foi baleado várias vezes, inclusive pelas costas.

Incansavelmente, dia e noite, representantes da lei dão caça aos dois irmãos do famigerado Pé de Veludo e ao seu progenitor, sobre quem recai grande parte da culpa pelos gravíssimos acontecimentos registrados em Marília, desde a tarde de quarta-feira.

O jovem morto pela polícia no «fortim» da avenida Cristo Rei e que se presumia fosse Maurílio, foi identificado como Guaracy Marques Pinto, vulgo Pé de Veludo. Este, o mais perigoso e tido como o cabeça do bando, salu da circulação perfurado de balas e com a cor da pele sensivelmente alterada pela ação dos gases das bombas lançadas ao interior

da casa em que se abrigava. Os remanescentes da quadrilha — pai e dois filhos — continuaram sendo caçados por homens e cães pastores, movimentando toda a região de Marília que atentamente passou a acompanhar o desenrolar da caçada com inusitado interesse. Além da periferia, amplos setores da zona rural foram vasculhados, não se desprezando nenhuma pista.

Toda a máquina da polícia estadual foi mobilizada, formando-se um círculo que paulatinamente vai se fechando sobre o território mariliense, onde a qualquer instante os membros da quadrilha serão localizados.

Segundo encontro

Ontem à tarde, aproximadamente 16 horas, um dos membros da quadrilha foi localizado nas proximidades do Hospital Espírita, registrando-se novo tiroteio. O meliante, que se presume seja Maurílio, novamente conseguiu varar o cerco fugindo a ação dos policiais. Uma chuva pesada que nasceu meio tempo caiu sobre aquele setor da cidade, favoreceu a nova fuga do comparsa de Pé de Veludo, cujo cadáver continua no necrotério de Marília.

Fortim da Avenida Cristo Rei foi fotografado pela Polícia Técnica

Sòmente por volta das 23 horas de quarta-feira, diminuí-

dos consideravelmente os efeitos dos gases, foram tiradas fotografias no interior da residência da avenida Cristo Rei, fortim de onde um marginal lançou mortal desafio à Polícia que fortemente armada lhe fazia o cêrco. Apresentando ferimentos vários, inclusive os produzidos por arma de fogo, o jovem delinquente jazia estirado sob os umbrais de uma porta, na posição de quem tentasse, do quarto, atingir a sala que dava para o alpendre. Considerando que a arma utilizada foi recolhida no quarto, não muito próxima do cadáver, quando da entrada do primeiro policial por uma das janelas, presunções houveram de que, sob o efeito dos gases, já então desorientado ante a morte eminente, o marginal responsável pela fuzilaria de três horas e meia seguidas, procurava uma saída.

Completamente danificada em seu interior, varejada pelos projéteis que destruíram móveis, utensílios e pertences pessoais, a residência mais parecia uma casamata contra a qual se concentraram os fogos cruzados de um sem número de policiais. O prédio que serviu de fortim para o marginal é de propriedade da Prefeitura Municipal de Marília e se destina à residência de servidores, fazendo fundo com a casa de tábuas em que mora a família Juscelino Marques Pinto. Para que a perigosa quadrilha fôsse desbaratada, houve sacrifício de vida. Constatada, a população marilfense rende seu preito de respeito e admiração àquele que tomou no cumprimento do dever.

Soldado operado

Os milicianos atingidos pelas balas criminosas do bando de Pá de Veludo, até ontem à noite registravam pequenas melhoras. O soldado Osmar Cantu, atingido na cabeça, foi transportado para Bauru onde sofreu delicadíssima intervenção cirúrgica. A bala que estava a-

lojada em seu crânio foi removida depois de três horas de operação. Seu companheiro, o soldado Alfeu Segantini, permanecia na Santa Casa sob constante cuidado. Embora registrando melhoras, ambos continuavam com a vida por um fio.

ANEXO 14 – Jornal do Comércio, nº 2511, ano 9, pp. 1 – data: 12 / 12 / 64

Título: **Marginais caçados pela polícia foram presos**

Na manhã de ontem os esforços da polícia começaram a ser coroados de êxito, na dura empreitada iniciada na tarde de quarta-feira, Jocelino Marques Pinto, pai do grupo de ladrões que vinha pondo a cidade em sobressalto, foi detido nas imediações da rua Mato Grosso, depois de haver procurado uma padaria para comprar um pão. Jocelino havia pernoitado nos fundos da casa de um parente naquele setor da cidade. Logo a seguir, nas proximidades do Parque Infantil, Amauri Marques Pinto, lugar tenente do «Pé de Veludo», era preso. Em seu poder a polícia apreendeu dinheiro de varias partes do mundo, a saber: 969 mil cruzeiros, 317 dolares, 500 libras italianas, milhares de guaranis paraguaios, pesos argentinos, moedas bolivianas etc. Jocelino também levava boa importancia em moeda corrente. Ambos estavam armados.

Apurando fatos

Para apurar os últimos acontecimentos que enlutaram a cidade, pelo bél. Cléto Marinho de Carvalho e sob a escrivania de Ademir Ferreira Farto, foi aberto rigoroso inquérito policial. Atualmente, o mesmo inquérito vem sendo presidido, por determinações da 3.^a Auxiliar, pelo bél. Joaquim Martins de Arruda que, reunindo uma verdadeira legião de escrivães, trabalha incansavelmente, dando vivas mostras de que a polícia está preocupada em apurar os acontecimentos dentro das normas legais. De tal fato, é testemunha a reportagem que, inclusive, presenciou o início do interrogatório de Delacyr Marques.

Isso tudo ocorreu mal começava a clarear o dia. Mais tarde, aproximadamente às 8 horas, na Fazenda Cascata, os policiais acuaram Jair Marques Pinto. O meliante quis esboçar reação mas foi prontamente cercado, entregando-se aos investigadores da Regional de Marília. Outro irmão do «Pé de Veludo», Delacyr Marques Pinto, foi detido mais ou menos ao meio dia de ontem, em area da Fazenda São Paulo, distrito de Padre Nobrega. Ao prestar declarações o moço afirmou que não se encontrava

em companhia dos irmãos na hora do tiroteio, tendo ali chegado quando o Delegado já tinha sido morto. Outros irmãos menores também foram detidos no período da manhã, inclusive um que se encontrava na cidade de Tupã.

Com a prisão desses elementos, os principais depois do famigerado «Pé de Veludo», a polícia passou a respirar mais aliviada. Outros membros do bando, porém, logo cedo eram cercados nas proximidades de Alvaro de Carvalho, para onde seguiu forte contingente policial.

Resistiram e foram mortos

Depois de varias horas de resistencia nas imediações de Alvaro de Carvalho, dois irmãos de Guarcy Marques Pinto, vulgo

Pé de Peludo, foram mortos pela caravana de policiais que os cercavam e que tentavam apanha-los vivos. Os meliantes -- Alcir, vulgo Gordo e Osmair, vulgo Teu, não atenderam aos inumeros apelos dos policiais, respondendo sempre com rajadas de metralhadoras que não se sabe onde conseguiram. Como a situação já se tornava em panico, prevenido-se que a pacata cidade da região acabaria por se tornar palco de graves acontecimentos que inclusive ameaçavam a segurança da população, outro remedio não tiveram os representantes da lei (alguns feridos e hospitalizados) a não ser por fim à caçada liquidando os dois bandidos.

Assim, restava a prisão de Ari, acuado numa chacara do Bairro do Pombo e que até à hora em que encerravamos esta edição não havia sido preso.

DELEGADO ESPECIAL PEDIU PRISÃO PREVENTIVA

O inquérito instaurado pela Delegacia Regional de Polícia de Marília, onde figuram como indiciados Jocelino Marques Pinto e seus filhos Amari, Jair, Delacé, Osmair (Féu), Alcí (Gordo), Guaraci (Pé de Veludo), éres três últimos mortos, e ainda Ari que também foi preso, tem prosseguimento e não deverá se prolongar por muitos dias ainda. Ontem, a fim de que a ação policial não sofra solução de continuidade até que todos os fatos sejam devidamente apurados, o bé. Joaquim Martins Arruda, designado pela 3.ª Auxiliar para presidir o inquérito, solicitou a prisão preventiva de Jocelino e seus filhos Amari, Jair e Delacé, que se acham detidos.

Em seu interrogatório, diário da autoridade policial, Jocelino Marques Pinto confessou ter assistido o golpe iniciado no delegado Evertton Fieury Churdo, utilizando um pedaço de madeira, deixando clápe. Interrogado, trazendo no rosto a tragédia da perda de

três filhos, em lágrimas, afirmou que seus rãos para que palmilhassem pelo caminho do bem nunca foram atendidos.

Engenheiro chega amanhã

Para tratar de assunto ligado a concorrência pública destinada ao projeto de água e esgotos da cidade, de acordo com audiência que o prefeito Armando Blava marcou para amanhã, deverá estar em Marília o engenheiro Andral, representante da firma paulistana Prossan Ltda. Conforme já foi divulgado, a referida empresa venceu a concorrência para tais estudos, apresentando um orçamento que vai pertor aos 16 milhões de cruzeiros. O Governo do Estado concedeu empréstimo de 13 milhões, sendo que o restante deverá ser pago pela Prefeitura Municipal, ao término do trabalho.

Material Bélico, Jóias e Dinheiro Foram Apreendidos Pela Polícia

Na Delegacia Regional de Polícia, de Marília, junto ao escrivão Ademir Ferreira Farto e bé. Joaquim Martins Arruda que representa a 3.ª Auxiliar e presidente o inquérito iniciado pelo regional Cleto Marinho de Carvalho, a reportagem obteve os informes oficiais das apreensões levadas a efeito pelas autoridades, desde o dia 9 do corrente até ontem. Além do dinheiro procedente de diversos países, incluindo-se dólares, guaranis, pesos argentinos, libras, etc., num total que, somados os cruzeiros, ascende a casa dos três milhões em moeda nacional. Para que se tenha uma idéia perfeita da situação criada por Guaracy, desvando de roldão toda uma família para o caminho do crime, basta um relato dessas buscas e apreensões.

Quando tombou na residência do dia fatídica da avenida Cristo Rei, Guaracy, conhecido pela alcunha de "Pé de Veludo", portava dois revólveres "colts", calibre 32 e um FDC; tinha à sua disposição 825 balas inactas, de 70 chaves, aviadas. Este legado de um jovem delinquentes não atendeu os inumeros apêlos da polícia para que se entregasse, preferindo o suicídio quando deveria deixar o fortilm dominado pelo cloro. O presumível chefe de uma quadrilha moveu deixando atrás de si um rastilho de luto.

Perdidos por um dos indiciados, por ocasião da fuga, possivelmente Amari: Cr\$ 22.975,00; 2 canetas-tinteiro; 12 frações de bilhete de loteria de n. 15.231; uma nota fiscal n. 5966, referente a aquisição de armas e uma carteira de curso. Em uma residência da avenida Pedro de Toledo, ampolas de morfina e sedol. Na residência de Guaracy, um anel de senhora (brilhante) avaliado já em Cr\$ 2.500.000,00; outro anel, tipo chuveiro, no valor aproximado de Cr\$ 1.800.000,00; alir- e, finalmente, um relógio mar-

LITOCERÂMICA
SÃO CAETANO
Todos os Turnos --- Todas as Côres
Empresa Constitutora Marília Ltda.
Rua J. Anchieta, 281 --- Fone: 4240 --- Marília

Para uma gostosa macarronada
exija Massas Marília
UM PRODUTO DO
PASTIFICIO MARILIA
o melhor de todo o interior paulista

Saúde dá um milhão a hospital

A assessoria de imprensa do Ministério da Saúde, informou ao JC que aquele Ministério liberou uma verba de um milhão de cruzeiros ao Hospital Espirita de Marília. Referência importante esta, portanto, à disposição da Presidência da República e diz respeito à distribuição de verbas orçamentárias do atual exercício.

Aos meus amigos, companheiros e ao público

Há poucas dias fui coitado de surpresa pela notícia de que meu nome constava na ata de fundação de uma cooperativa de Marília (Cooperativa dos Catecizadores Maril-Garça). Verificando que a notícia tinha fundamento, incumbi meu advogado de proceder às investigações necessárias e, se fosse o caso, às medidas judiciais ou extra-judiciais para total esclarecimento.

Infelizmente a notícia tinha fundamento. Além, sem qualquer autorização minha, se utilizara de meu nome para aquele ato. Já tomei providências para fazer cessar o indevido uso do meu nome.

ANEXO 16 – Jornal do Comércio, nº 2512, ano 9, pp. 2 – data: 13 / 12 / 64

Prêso mais um da quadrilha

No bairro do Pombo, onde estava homiziado desde a manhã de sexta-feira, foi preso ontem, aproximadamente às 12 horas, o jovem Ary Marques Pinto, último dos irmãos que formavam a quadrilha de «Pé de Veludo». Com essa prisão encerrou a Polícia a caçada iniciada na quarta-feira com a morte do delegado Ewerton, e que provocou o extermínio de três jovens delinquentes e vários policiais hospitalizados pelos ferimentos recebidos em típicos roteios com os marginais.

Marginal Que Escreveu Página de Sangue Nasceu da Promiscuidade

O problema da delinquência juvenil é próprio dos grandes centros urbanos; viça entre a infância que se perde na promiscuidade das favelas e caminha pelo tempo desafiando a sociedade. Diga-se de passagem, poucos menores participaram da tragédia inédita que abalou Marília, colocando em polvorosa a sua população; porém, fontes de veios profundos geraram tão brutais cenas e se deram ao lamentável luxo do completo aniquilamento de uma família toda. Dentro do processo repreensivo já então inevitável, os acontecimentos tiveram que ser encarados pelo prisma do furto, pela realidade do crime consumado; ante a ação preventiva que em bom tempo esteve ausente, resta a conclusão consternadora de que a infância reclama um concreto trabalho assistencial.

«Pé de Veludo» foi fruto da promiscuidade e ignorância, passando da infância à juventude entre os pequenos furtos e entrou na maioridade já com as credenciais de um marginal; foi mestre que se impôs mesmo aos irmãos mais velhos, e acabou envolvendo no roldão de suas bravatas um pai até ontem trabalhador e

honesto. Sem reservas, escolheu para a família o caminho certo da completa aniquilação, e deixou atrás de si um rastilho de luto e de dor. «Pé de Veludo», filho de Marília, marcou na história da sua terra natal a mais triste página de sangue.

O ladrão que chegou a criar uma lenda de «visitante fan-

tasma», que mobilizou em Marília os maiores contingentes policiais e não poucas vezes colocou em polvorosa a população, desapareceu finalmente. Trocou a laje fria do cárcere pela sepultura, numa resistência desesperada de quem marcou encontro com a morte. Quem percorre a periferia da cidade sabe perfeitamente que

outros «Pé de Veludo» crescem em barracos, dando continuidade ao terrível problema social da infância desamparada; outras famílias numerosas, às centenas, ensaiam os primeiros passos para um futuro de consequências imprevisíveis, não só em Marília mas em todo o território nacional. É contra isso que devemos lutar.

Vôz pela T.

10 AVIÕES A SUA
DISPOSIÇÃO

Av. Sampaio
Vidal, 693

FONES: 4160 — 2284 — 321



Pé de Veludo, Iracema e Sola. Os túmulos mais visitados.

Segundo o tradicionalismo brasileiro, quase todos os marilienses no dia de Finados na quinta-feira estiveram no Cemitério da Saudade, para visitar os túmulos dos seus entes queridos e amigos já falecidos. Desde as primeiras horas da manhã, um grande número de pessoas e veículos se deslocaram pelas principais ruas da cidade, demandando para aquele campo santo, aproveitando assim a ausência do sol nas primeiras horas do dia, que se prenunciava muito quente.

Filas enormes de pessoas nos portões de entrada, à procura dos vendedores ambulantes de velas e flores, para queimar e depositar nos túmulos. Porém, mesmo assim foi depois do almoço que o movimento se fez ainda mais intenso no Cemitério, pois as donas de casa, livres da obrigação de servir o almoço, aproveitaram a oportunidade para também fazer as suas visitas.

Como era previsto, mais uma vez a enorme população que se fez presente ao Cemitério da Saudade, se ressentiram na necessidade de um número maior de torneiras, bem como de sanitários, já que os dois únicos existentes naquele local foram insuficientes. A quantidade de velas queimadas e de flores colocadas nos túmulos existentes no Cemitério da Saudade, deixaram muitas pessoas surpreendidas, principalmente os residentes em outras cidades da região da Paulista.

OS MAIS VISITADOS

Da grande quantidade de túmulos existentes no Cemitério local, três receberam a preferência do mariliense: "Pé de Veludo", Iracema e Pedro Sola.

"PÉ DE VELUDO"

Juracy Marques, mais conhecido como "Pé de Veludo", que morreu tragicamente em um tiroteio com a Polícia e, no qual perdeu a vida o delegado Everton Fleury Curado, foi o túmulo mais visita-

do, pois segundo pessoas mais crentes após falecido "Pé de Veludo" passou a fazer milagres. Muitas pessoas que queriam queimar vela ou colocar flores no túmulo de "Pé de Veludo", agora cercado por uma pequena grade, tiveram que esperar a sua vez.

A MENINA IRACEMA

Antes da morte de "Pé de Veludo", apenas um túmulo era destacado em dia de Finados, pelo grande comparecimento de pessoas para visitá-lo e, este era da menina Iracema, que também morreu tragicamente nas mãos de um maniaco sexual. Mesmo com o passar dos anos, os marilienses continuam indo em grande quantidade ao túmulo de Iracema, que segundo dizem também, tem feito muitos milagres e, toda e qualquer pessoa que tem uma graça alcançada deposita um placa de agradecimento em seu túmulo, como acontece com "Pé de Veludo".

PEDRO SOLA

A morte do ex-vereador, ex-presidente do MAC e ex-prefeito Pedro Sola, é muito mais recente, mas também trágica, pois ainda está na lembrança de todos o suicídio cometido por Sola com dois tiros de revólver, levado pelo desespero de uma doença que aos poucos o consumia. No túmulo de Sola foi grande o número de marilienses que desfilaram durante todo o dia, acendendo velas, colocando flores, orando e lamentando a sua morte prematura.

Mesmo morto Pedro Sola demonstrou que era muito querido pela população mariliense, uma vez que as visitas aos seus túmulos não foram por causa de milagres, porém muitas pessoas acreditam que Pedro Sola como nos casos de "Pé de Veludo" e Iracema, também passará a ajudar as pessoas carentes de uma graça.

ANEXO 19 – Diário de Marília – data: 02 / 11 / 95

Título: Cemitério espera visita de 60 mil hoje

MERCADO PARALELO**Comerciantes lucram com o feriado**

A prefeitura autorizou 60 barracas a manterem comércio em frente ao cemitério de Marília neste dia de Finados. Os principais produtos vendidos são velas, flores e alimentos.

“Espero lucrar no mínimo 200 reais”, disse o vendedor de flores Clóvis Alves Martins.

Ele contou que é caminhoneiro e pela primeira vez resolveu fazer “um bico” de vendedor ambulante só na semana do feriado para obter um lucro.

Se o negócio der certo, ele pretende voltar nos próximos anos.

Marta Maria de Carva-

lho, outra ambulante, disse que vende todos os dias seus produtos em frente ao cemitério. Na sua barraca, além de flores, tem velas, doces e salgados. Ela não soube calcular o quanto vai lucrar, mas tem certeza que venderá muito mais que nos dias normais.

Os preços variam conforme as barracas.

De acordo com pesquisa feita pelo **Diário**, o pacote mais barato de velas custa R\$ 0,50, esse preço também pode variar de acordo com o número (qualidade) da vela. O preço da vela nº 3, que é considerada a melhor, varia de R\$ 0,60 para R\$

1,00.

Mas, a maior diferença está no preço das flores. Um ramallete de crisântemos foi encontrado por R\$ 1,50 numa barraca e em outra, o mesmo ramallete, custa o dobro, R\$ 3,00.

Outra flor bastante vendida para a ocasião é a palma, que está sendo comercializada a R\$ 3,00 o maço.

Comparados com os preços de floriculturas no centro da cidade, os preços das barracas ainda são vantajosos.

O mesmo vaso de crisântemos chega a custar R\$ 8,00 no centro da cidade, e o ramallete R\$ 4,00.

“Pé de Veludo”, o ladrão cultuado como milagreiro

Esse foi sem dúvida o ladrão mais conhecido da cidade. Ele viveu na década de 60, e quem o conheceu o descreve como uma pessoa elegante, de boas maneiras, muito querido e hilariante. Guaraci Marques Pinto, como foi batizado, ganhou o apelido de “Pé de Veludo” porque entrava tão discretamente nas casas e ninguém ouvia o barulho de seus pés.

Ele e mais três irmãos eram órfãos de mãe. Seu pai era poceiro. A irmã mais velha do “Pé de Veludo” abandonou a família depois que foi atropelada por um trem e perdeu os dois braços. Segundo versões de histórias populares, ela foi ser prostituta.

Versões populares também indicam que Pé de Veludo roubava dos ricos para dar ao po-

bres. Há uma passagem interessante do ladrão segundo um conhecido seu. Diz que uma vez ele entrou na casa de um homem e fazia muito frio na noite. Então, ele cobriu a vítima que estava encolhida na cama e foi embora sem levar nada. Depois, ainda ligou na casa que tinha entrado para contar o que havia acontecido.

“Pé de Veludo” roubava muitas jóias em Marília e região e por isso era perseguido pela polícia. Ele morreu baleado pelos policiais quando se escondia numa casa na cidade.

Até hoje, muitas pessoas o cultuam e acreditam que ele faz milagres.

No cemitério, há sempre velas acesas na sua capela, que também recebe muitos cuidados da população.

17 novembro de 1997

CIDADE

Diário 9-A

FINADOS

Cemitério deve receber 70 mil visitantes



Fotos: Hamilton Alves

Cerca de 70 mil pessoas devem visitar o cemitério da Saudade hoje, dia de Finados. Para receber todo o fluxo, a administração do cemitério reformulou a fachada e preparou uma limpeza geral no local. As modificações agradaram aos visitantes.

O cemitério teve reformulação de muros, fachada, limpeza, pintura e ganhou novos serviços, como um carro elétrico e tenda para proteger frequentadores em dia de chuvas.

O trabalho integrou a secretaria de Serviços Urbanos no Mutirão de limpeza, a Secretaria de Planejamento Urbano e a Emdurb na remodelação e a secretaria de Obras.

"Achei que ficou muito bonito, precisava de reformas e, principalmente, limpeza, mas os desenhos feitos com os blocos de concreto simulam uma cascata", disse a psicóloga Vânia Lopes Fiorini, que visitou o túmulo de parentes ontem pela manhã.

A mesma observação foi feita por outras pessoas, que estão preocupadas com a segurança dos túmulos de parentes. Segundo o gerente do cemitério, José Roberto Pereira Silva, não há motivo para pânico, já que o projeto da fachada do cemitério prevê o fim das "escadinhas".

SEGURANÇA

"O objetivo é cobrir completamente o muro com os blocos de concreto. Além disso, estamos intensificando a segurança em volta do cemitério e já evitamos a onda de invasões."

Hoje haverá rondas especiais da Polícia Militar, com reforço e policiais femininas e

de patrulhas de bicicleta, que vão percorrer toda a área. Prefeitura já estuda forma de implantar este modelo de segurança rotineiramente.

A secretaria municipal do Bem-Estar Social montou ronda com conselhos da criança para atender meninos de rua que trabalham como guardacarras e que brincavam entre as sepulturas. Todos vão ser encaminhados para a Casa do Pequeno Cidadão.

SAÚDE

Agentes da secretaria da Saúde fizeram prevenção contra formação de criadouros do mosquito da dengue, evitando acúmulo de água nos vasos e orientando as famílias sobre a prevenção.

A limpeza foi, sem dúvida, a principal melhoria apresentada pela administração do cemitério neste Finados. Toda a área que cobre os 72.400 túmulos foi lavada e os matos que nasciam entre as sepulturas, arrancados.

"Está muito melhor que no ano passado. O cemitério estava um pouco abandonado, agora está tudo muito limpo, tudo organizado, está ficando cada vez melhor", disse o segurança Valmir Franco de Oliveira, que prefere visitar os parentes mortos no sábado devido a grande aglomeração de gente no domingo.

"No sábado conseguimos ficar mais tranquilos para

acompanhar nossos parentes, para lavar as lápides, é muito mais tranquilo", completou Valmir.

LUZ

Uma das reclamações e reivindicações da professora aposentada Marina Alves é a da volta da iluminação dentro do cemitério. "Mande fazer um quadro de vitral na sepultura de minha mãe que ficava iluminada à noite. Com o corte da luz, perdi meu investimento e deixei o túmulo de meus pais na escuridão", desabafou.

Apesar disso, a assídua frequentadora do cemitério da Saudade - comparece em todos os sábados, desde 1994 - disse que a limpeza do local nunca esteve tão boa.

"Adoro vir ao cemitério, me transmite muita paz e fico mais próxima de meus pais. É imprescindível que uma administração pública se importe com esses locais, afinal todos acabamos vindo para cá, além de que, as pessoas que aqui estão, já foram contribuintes pagando seus impostos".

Sua irmã, Irene Alves, acompanha Marina nas limpezas dos túmulos e no pensamento. "Cemitério não é lugar de esquecidos, e sim de lembrados. acho muito bom que a nova administração também pense assim e invista no local, com nova fachada e melhorias constantes".

(Alex Mendes)

A remodelação do cemitério garantiu limpeza e melhor visual; esquema de segurança é ampliado



A psicóloga Vânia Fiorini e sua mãe, Graclana, se preocuparam com a segurança do cemitério com as modificações na fachada

Maioria procura milagreiros

Todos os anos, centenas de fiéis conseguem alcançar graças solicitadas a cinco pes- soas enterradas no Cemitério da Saudade e que se torna- ram santas aos olhos da popu- lação de Marília e região.

“O Pé de Veludo é disparado o campeão de visitas. As pessoas que pedem graças a ele são em sua maioria pobres. Sua fama começou logo após a morte, devido seus atos de ajuda aos necessitados en- quanto vivo”, explicou um fun- cionario do cemitério.

A funcionária pública Nancy Sizenando disse que ganhou uma graça para seu filho não graças ao Pé de Veludo. Seu irmão era alcóolatra e depois da segunda vez que foi

parar na UTI (Unidade de Terapia Intensiva) dos hospi- tais eu resolvi pedir um mila- gre ao “Pé”. Hoje ele não bebe mais e não tem mais proble- mas de saúde”, contou.

Em segundo lugar na pre- ferência dos fiéis encontra-se a menina Iracema, que mor- reu aos quatro anos vítima de estupro próximo a represa da Cascata. Segundo visitantes, sua lápide é muito procurada por pessoas também da re- gião.

Em seguida, o garoto Anto- nio Carlos, conhecido como “O menino do Piano”, que morreu de leucemia, carrega várias placas de agradecimen- to por seus atos milagreiros. (AM)

A oportunidade faz o negócio

É só haver multidão para o consumo. Com essa mentalidade é que dezenas de pequenos comerciantes aproveitam o dia de hoje para poder "faturar" um pouco. O Cemitério da Saudade, com 50 mil consumidores em potencial, se transforma numa verdadeira feira livre. Pode se encontrar um pouco de tudo, desde o básico, flores e velas, até o imenso dente de alho. Sem falar que dá até para levar uma melancia para casa.

Visitar o túmulo de alguém em levar vela e flores é um acrílegio. Tanto que os próprios vendedores de flores já se preparam para isso. O mercado municipal, tradicional ponto de venda de flores da cidade, fica aberto até o meio-dia de hoje com a expectativa de vender o esqueleto a mais, reservado para a data.

Segundo a proprietária da Floricultura Dama da Noite, Iânia Marcia da Silva, as vendas chegam a aumentar em 100%. "Depois do Dia das Mães, o Dia de Finados é o melhor período de vendas para nós", explicou. Entretanto, ela explica que apenas algumas flores são vendidas nesta época. "A que mais sai é o Crisântemo, depois a Palma". Um vaso de Crisântemo custa entre R\$ 5,00 e R\$ 6,00. A dúzia da Palma sai por R\$ 8,00. O maço sai de R\$ 2,00 a R\$ 3,00.

Já o proprietário da Floricultura Bonsai, Mario Takamori, espera um aumento de 300% na venda de crisântemo: "Todos querem esta flor, pois já é tradição. As outras nem saem muito, a não ser a Palma", declarou. O vaso dele sai de R\$ 4,00 a R\$ 6,00 e o maço de R\$ 1,00 a R\$ 2,00.

Na frente do cemitério, os vendedores de flores são maioria e os preços são dos mais variados. A vendedora Marta Maria Carvalho está vendendo crisântemo a R\$ 1,50 o maço e R\$ 4,00 o vaso. Mas tem maço por R\$ 2,00 e vaso por R\$ 6,00 em outros vendedores. Já a vela



Vendedores de melancia se preparam para vender 2.800 unidades hoje

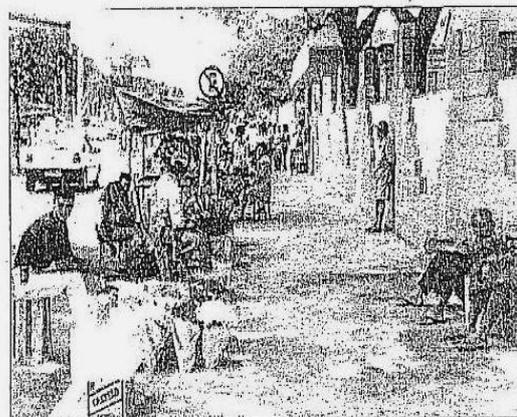
é preço único, R\$ 1,00 o maço, entretanto há variedades de tamanhos e unidades.

O comércio começa mesmo na hora de conseguir uma vaga para chegar ao Cemitério da Saudade, ou paga uns trocados aos "guardadores de carros" ou ainda R\$ 5,00 num estacionamento improvisado pelo proprietário de um terreno baldio. Do carro ao cemitério um universo de coisas é oferecido. Tem refrigerante, cerveja, cachorro-quente, sorvete, churrasquinho, garapa, algodão-doce, água de coco, abacaxi, laranja, melancia, pastel, cocada baiana e até dente de alho.

Segundo os que estão lá, vale a pena perder o final de semana. Para o feirante Mario Francisco Costa e Silva desde ontem está dando resultado. "É a primeira vez que venho vender água de coco em dia de finados e estou gostando", declarou. A água sai por R\$ 2,00 a unidade. O mesmo caso ocorre com o vendedor de melancia João Pedro de Paula. "Sempre venho vender em finados e é sempre um sucesso", declarou. Ontem, levou um caminhão com 1.000 unidades e até o meio-dia já havia vendido 700 melancias. "Amanhã (hoje) vou trazer 2.800 peças", completou.



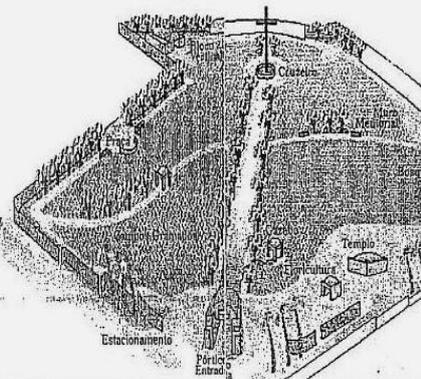
A Floricultura Bonsai se preparou para um aumento de 300% na venda



O comércio paralelo à data oferece de tudo um pouco

Novo Cemitério Marília.

A solução que o povo aguardava.



ANEXO 23 – Jornal da Manhã, pp. 12 – data: 02 / 11 / 97

Título: Cemitérios recebem 54 mil pessoas hoje / Túmulos de milagreiros são campeões de visita

O dia de hoje não é só para homenagear os parentes e amigos que já faleceram. Alguns túmulos, aliás, são campeões de visitas no Cemitério da Saudade. A razão é simples, estes falecidos são considerados milagreiros.

O mausoléu do Pé de Veludo é o mais visitado de todo o cemitério. Ele é responsável, segundo os devotos, por muitos milagres. Pé de Veludo foi um bandido muito famoso em Marília, que tinha a fama de roubar dos ricos e ajudar os pobres. O apelido foi dado pela sua destreza em assaltar residências. Ele entrava, roubava e ninguém percebia. Porém, ele deixava sua marca registrada num bilhete ao proprietário. O bandido foi morto em 1969 junto do irmão e padrasto numa emboscada da polícia.

A funcionária pública Nanci Cizenando é uma das que fizeram pedidos ao Pé de Veludo. "Eu já fui agraciada com a ajuda dele. Meu irmão estava na UTI por alcoolismo e após o pedido ele melhorou e hoje já está em casa", contou.

Outro túmulo muito visitado é o do "menino do piano", o garoto Antônio Carlos. Ninguém soube contar a história da criança, mas as pla-

cas deixadas na lápide dele demonstram quantos milagres já foram realizados. Outros milagreiros muito visitados são

a menina Iracema, que foi estuprada, a professora Ignez Padovani e o ilustre Monsenhor Bicu-



A funcionária pública Nanci Cizenando é uma das que fizeram pedidos ao Pé de Veludo

ANEXO 24 – Jornal da Manhã, pp. 3 – data: 02 / 11 / 98

Título: Cemitério recebe 45 mil pessoas visitantes

Túmulos mais visitados têm história

Fotos: Edio Jr

Eles morreram há anos, mas até hoje continuam vivos na memória dos marilienses. Prova disso, é grande o número de pessoas que visita a cada ano os túmulos de Pé-de-Veludo, Iracema e o Menino do Piano. Eles recebem pedidos e agradecimentos por graças alcançadas. "Todos recebem muitas visitas nessa data, mas o mais procurado é o túmulo do Pé-de-Veludo", afirmou o administrador do Cemitério da Saudade, José Roberto Pereira da Silva, acrescentando que o movimento maior de visita a esses túmulos acontece amanhã. Pé-de-Veludo, segundo dizem, foi conhecido como o "Robin Hood" de Marília, pois ele invadia e assaltava as casas de famílias ricas e distribuía tudo o que conseguia para os mais pobres. Ficou conhecido por Pé-de-Veludo, pois era extremamente discreto e silencioso no momento do assalto. De acordo com depoimentos, ele morreu num tiroteio com a polícia. Ontem mesmo, havia velas acesas na porta de sua capela. "Eu não posso dizer se ele roubava, pois



João Guimarães visitou ontem os túmulos da Menina Iracema e de Pé-de-Veludo: agradecimento

não presenciei, mas na época, nos anos 60, o meu pai era vizinho dele, na rua Sergipe", contou o aposentado João Guimarães, que visitou ontem o túmulo de Pé-de-Veludo. "Ele nunca mexeu com ninguém da vizinhança", lembrou Guimarães, sem querer relacionar a imagem de Pé-de-Veludo à fama de assaltante. Na capela amarela

onde está enterrado Pé-de-Veludo, na quadra 51, não há nenhuma placa informando seu nome ou a data de sua morte. Dentro, um porta-retrato mostra às pessoas como eram as feições de Pé-de-Veludo.

Outro túmulo que chama a atenção dos visitantes é a da menina Iracema Rufino dos Santos, que morreu em 1953, com apenas sete anos. Contam que a criança foi sequestrada, violentada e assassinada. Em seu túmulo, na quadra 54, há três agradecimentos por graça alcançada. "Eu mesmo tive que operar os olhos há algum tempo e pedi para que eles me ajudassem", contou Guimarães, emocionado. "E fui atendido, pois hoje estou com saúde", ressaltou.

O túmulo Antonio Carlos N.S., conhecido como o "Menino do Piano", é o que tem mais agradecimentos por graças alcançadas. Mas, nenhuma das pessoas entrevistadas no cemitério soube contar a história do rapaz, que morreu em 1963, com 19 anos. O seu túmulo, na quadra 62, chama a atenção por ter um piano de mármore, enfeitado com um porta-retrato de Antonio Carlos, ao lado de seu piano.



Foto de Pé-de-Veludo enfeitada a capela: fama de Robin Hood

ANEXO 26 – QUESTIONÁRIO DE OPINIÃO PÚBLICA

Aplicação de questionário no Cemitério da Saudade em Marília – 02/11/2007

1. Sexo: () Masculino () Feminino
2. Idade: _____
3. Cidade em que mora: _____
4. Grau de escolaridade: _____
5. Atividade profissional: _____
6. Tem religião? () Sim () Não
7. Qual? _____
8. Freqüenta algum templo / Igreja? () Sim () Não () Às vezes
9. Como ficou sabendo da existência de Pé-de-Veludo? _____
10. Qual a freqüência com que você visita o túmulo de Pé-de-Veludo?
() Sempre () Às vezes () Raramente () Só em Finados
11. Por que você visita o túmulo? _____
12. O que você acha que o Pé-de-veludo foi em vida? _____
13. Acredita que Pé-de-Veludo tirava dos ricos para dar aos mais necessitados?
() Sim () Não
14. Já fez alguma promessa para Pé-de-Veludo? () Sim () Não
15. Caso tenha feito uma promessa para Pé-de-Veludo, já foi atendido (a)?
() Sim () Não

ANEXO 27 – Auto de qualificação e de interrogatório de Joscelino Marques Pinto

Aos 20 dias do mês de janeiro de 1965, nesta cidade, no Fórum de Marília, sala das audiências, às 13:00 horas, presente o M. Juiz de Direito da Comarca, Doutor Antônio de Carvalho Brandão, comigo Escrivão de seu cargo, adiante nomeado, compareceu o réu Joscelino Marques Pinto e pelo mesmo juiz foi feita a qualificação pelo modo que segue:

1 – Qual o seu nome? Joscelino Marques Pinto, tendo advogado constituído na pessoa do Dr. José Paula Ferreira.

2 – Qual a sua nacionalidade? Brasileira.

3 – Qual a sua naturalidade? Franca – SP.

4 – Qual o seu estado civil? Casado apenas na igreja.

5 – Qual a sua idade? 62 anos.

6 – Qual a sua filiação? José Marques Pinto e Júlia Marques Pinto.

7 – Qual a sua residência? Atualmente preso.

8 – Qual o seu meio de vida ou profissão? Ajustador.

9 – Onde exerce sua atividade? Atualmente preso.

10 – Sabe ler e escrever? Sim.

E, interrogado sobre os indícios do art. 188 do Código Penal, respondeu-me: “– moro nesta cidade a questão de 35 anos e tenho trabalhado como ajustador mecânico e pedreiro durante este tempo todo e adquiri uma propriedade que é a casa de minha residência, nada mais possuindo de meu em imóveis; vivi em mancebia durante nove anos com Adelina França e com ela tive três filhos. Antônio, Maria Aparecida e Nair e com a morte dela amancebei-me novamente e casei-me na igreja com Maria de Oliveira e com ela tive dez filhos; sempre trabalhei como volante e nunca tive emprego fixo; os meus filhos não foram registrados logo que nasceram e fiz o registro deles segundo a lei do Presidente Dutra, e filhos registrados exatamente com os nomes que usavam com o nome que eu sempre tive, isto é, não fiz alteração alguma, inclusive em datas de nascimento com exclusão de dois: Alcir e Guaracy, que deram muito trabalho porque não eram obedientes e eram muito travessos; por causa desses dois eu vivia quase que diariamente na Delegacia e no Fórum para comodar as asneiras que os mesmos faziam. Todos os meus filhos frequentaram a escola primária e só um deles, Delacir frequenta o ginásio: um de meus filhos de nome Alcir, que já morreu, recebeu condenação criminal, ignorando eu qual o delito a que ele respondeu e outro filho de nome Guaracy, quando menor, esteve internado no Juizado de Menores. O delegado Ewerton, mandou-me uma intimação para que eu mais Guaracy comparecêssemos à Delegacia de Polícia, sendo que de intimação contava três dias de prazo; Guaracy me disse que não viria à Delegacia e que resistiria à polícia, eu lhe disse que eu iria à Delegacia pois desejava prestar obediência à autoridade: aconselhei meu filho a que comparecesse à Delegacia, mas ele se afastou de mim. Achei melhor consultar um advogado e procurei o Dr. Waldemar Muniz da Rocha Barros que já tinha prestado serviços para mim de natureza criminal, eu contei o caso conforme o acontecido, isto é disse ao advogado que eu havia recebido uma intimação para comparecer à Delegacia junto a meu filho Guaracy e que Guaracy disse que não viria e que resistiria à polícia não me explicando ele a forma da resistência e então, por convite meu, vim com o advogado Waldemar à Delegacia e procurei o delegado Dr. Ewerton; ao Dr. Waldemar eu disse somente que Guaracy não viria à Polícia e a ele nada me referi quanto à ida de Guaracy a Bauru e disso tenho absoluta certeza; para a autoridade policial, eu disse que atendi ao chamamento dele e que estava ali presente e que Guaracy não viria porque viajara para Bauru, não tendo eu dito à autoridade o mesmo que Guaracy dissera que resistiria à Polícia. O delegado Ewerton então explicou que tinha desconfiança que Guaracy estava fazendo furto e que precisava fazer uma vistoria em minha casa e eu pus à disposição do Dr. Ewerton e disse-lhe que ele poderia ir até a minha casa; o advogado, Dr. Waldemar não falou ‘nem pau, nem pedra’, isto é, não falou para a autoridade ir à minha casa nem disse para não ir. Afirmando que não disse ao Dr. Ewerton que Guaracy poderia comparecer à delegacia em outra data e nem o advogado Waldemar fizera semelhante asseveração, o delegado queria fazer uma vistoria em minha casa; foi a primeira vez que eu recebi a uma autoridade em minha casa e

eu sou uma pessoa que tenho educação e a autoridade também portou-se educadamente, pois chegamos lá eu eu franqueei a casa, entramos, ele me pediu informação onde era o quarto de Guaracy, eu a dei, e aí o Dr. Ewerton começou a fazer a busca e não encontrou nada que incriminasse, a não ser uma garrucha que que o Guaracy havia comprado na loja Mesbla desta cidade; foi isso só que o Dr. Ewerton encontrou no quarto de Guaracy, ou seja, uma garrucha comprada na Mesbla, da qual eu tenho nota fiscal. A minha mulher não estava em casa, pois havia ido na fazenda Cascata em casa de uma futura nora; a minha filha também não se achava em casa, encontrando-se em São Paulo, no Instituto do Cego, pois ela é cega e ela estuda em regime de internato no Instituto Padre Chico gratuitamente. Em casa estavam o Jair, o Ari, o Amauri e o Guaracy; eu não apresentei a autoridade para os meus filhos, a autoridade viu as pessoas acima referidas porque passou por eles. Do quarto do Guaracy, o delegado continuou a busca, e ele abriu a geladeira e nada encontrou, abriu o guarda-louça e nada encontrou e aí foi na gaveta da mesa da cozinha e abrindo a gaveta encontrou vários revólveres e eu não sei precisar o número; quando o delegado encontrou o revólver, ele pediu ao ordenança para ir segurando as armas. Eu sabia que eles se encontravam num fundo falso ao lado da gaveta e fiquei surpreso quando vi a autoridade retirando as armas, pois eu tinha certeza que o delegado não ia encontrar nada naquele lugar e se encontrou foi por traição dos meus filhos Alcir e Guaracy que colocaram as armas ali onde não deviam estar. Quando eu vi isso, me perturbei e saí pela porta dos fundos e falei para o Alcir: ‘o homem está encontrando armas lá; como é que você fez um serviço desses?’ Falando isso, retornei para a cozinha e quando ia entrando na cozinha, o Alcir já disparou dois tiros e então eu caminhei para o lado da ordenança para a fastar, a fim de que eu saísse daquele rôlo, quando então eu recebi dois tiros desferidos pelo ordenança, os quais me atingiram as mãos, ou seja, um tiro em cada mão. E os tiros foram dados com um dos revólveres em casa e dados os tiros, o ordenança saiu correndo e o Alcir entrou no quarto e atirou no ordenança; então eu peguei um revólver que estava em cima da mesa e pulei para o fundo do quintal em companhia dos meus filhos entramos ‘para o mato’. Na busca que o delegado fez, ele não encontrou anéis, relógios, canetas e outros objetos e também não encontrou munição; nego terminantemente que houvesse dado cacetada ou qualquer golpe na cabeça do Dr. Ewerton e na Delegacia eu não prestei declaração alguma, pois eles me deram um papel para eu assinar e eu assinei; reafirmo que assinei a peça do interrogatório sem nada haver declarado e fiz assim porque fui violentado. Depois dos tiros eu não vi o advogado dentro da casa; também não vi o advogado dizer nada para o Dr. Ewerton no momento em que este começou a encontrar os objetos; em especial, não ouvi o advogado Waldemar dizer que não era mais advogado meu e de meus filhos. Ninguém mais deu tiros no delegado Ewerton e o mesmo somente recebeu dois tiros dados por Alcir, o qual, Alcir, também deu um tiro no ordenança, tendo o ordenança dado dois tiros em mim. Após este fato, todos nós saímos às carreiras fugindo pelos fundos do quintal. Saímos correndo da casa e depois cada um tomou uma direção e eu não tinha conhecimento do que se passou com os demais; apartado dos filhos eu fugi sozinho e me embrenhei no mato e tinha na mente a idéia de procurar socorro para as minhas mãos feridas, mas para não ser preso eu fiquei os três dias no mato; não tendo voltado para a cidade: eu tive fugido no bosque da Fazenda Cascata. Quando fui preso, trazia comigo um óculos, um relógio de pulso, um revólver e Cr\$ 292.000 (duzentos e noventa e dois mil cruzeiros). Não trazia munição, a não ser a carga do revólver que estava intacta e na fuga eu não dei um tiro sequer. Eu trazia comigo duzentos e noventa e dois mil cruzeiros, porque pretendia depois de minha ida à Delegacia, pagar umas contas e duplicatas. As contas eram no Zersatzo, para pagar prestação e aí no Banco Mercantil pagar a prestação da geladeira que comprei em Tupã de Violante e o cimento eu ia pagar numa casa nova que abriu na Rua São Luiz e também ia pagar conta no Ártico. Não tenho negócios bancários, era domeu conhecimento que lá em casa havia mais de um milhão e oitocentos mil cruzeiros e sabia que existia dinheiro estrangeiro, que nós os compramos a seiscentos cruzeiros o dólar, adquirimos em São Paulo, nós empatamos o dinheiro para ganhar na alta. Este dinheiro é produto do meu trabalho e dos meus filhos; na ocasião do meu interrogatório policial eu estava amedrontado e não sabia o que fazer e nem o que disse. Desde que eu entrei no xadrez, eu tenho sido bem tratado e só um dia fui judiado; nunca fiz declaração de renda. Nada mais.”

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

REFERÊNCIAS

Fontes

Correio de Marília, Marília, 1961 – 1963.
Jornal do Comércio, Marília, 1964.
Diário de Marília, Marília: 1978, 1995, 1997 e 2000.
Jornal da manhã, Marília: 1997 – 1998.
Auto de qualificação e de interrogatório de Joscelino Marques Pinto.
Fontes orais.

Referências Bibliográficas

ADORNO, Sergio e PINHEIRO, Paulo Sérgio. **Violência contra crianças e adolescentes, violência social e Estado de Direito**. SP: São Paulo em Perspectiva. Fundação Seade, v.7, n.1, jan./mar. 1993, pp. 106 – 118.

ADORNO, Sérgio. **Crime e violência na sociedade brasileira contemporânea**. *Jornal de Psicologia - PSI*, n. Abril / Junho, pp. 7-8, 2002.

_____. **La criminalidad violenta urbana en Brasil: tendencias y características**. *Economía y ciencias sociales*. Universidad Central de Venezuela, n° 2 - 3, jan – 1997.

ALBERTI, Verena. **História oral: A experiência do CPDOC**. RJ: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1990.

ALES BELLO, A. **Fenomenologia e ciências humanas**. Bauru: Edusc. 2004.

ALVES, Júlia Falivene. **Metrópoles: cidadania e qualidade de vida**. SP: Moderna, 1997.

ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. SP: Ed. Perspectiva, 1972.

BALANDIER, Georges. **A desordem: Elogio do movimento**. RJ: Bertrand Brasil. 1997.

BALESTRIERO, Geraldo Élvio. **Capital da alta paulista: Uma história do município de Marília**. Campinas: Dissertação de mestrado: Unicamp (Instituto de Filosofia e Ciências Humanas), 1984.

BARATTA, Alessandro. **Filósofo de uma criminologia crítica**. In: *Mídia e violência urbana*. RJ: Coordenação FAPERJ. Seminário realizado nos dias 1 e 2 de julho de 1993. Pp.13 – 24.

BARRETO, Djalma Lúcio Gabriel. **Violência, arquétipo e lei**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1975.

BENJAMIN, W. **O narrador: considerações sobre a obra de Nicolai Leskov**. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. SP: Brasiliense. 1985.

BERNARDI, Célia de. **O lendário Meneghetti: Imprensa, memória e poder**. SP: Editora Annablume. 2000.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: Lembrança de velhos**. SP: Cia das letras, 2006.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Lisboa: Difel, 1989.

_____. **La dominación masculina**. Barcelona: Editorial Anagrama, 2000.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Memória do sagrado: Estudos de religião e ritual**. SP: Ed. Paulinas, 1985.

BULFINCH, Thomas. **O livro de ouro da mitologia. Histórias de Deuses e Heróis**. 23ª edição. RJ: editora Ediouro, 2001.

CAILLOIS, R. **O Homem e o Sagrado**. Lisboa: Edições 70. 1988.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. **Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo**. SP: Ed.34 / Edusp, 2000.

CARVALHO, José Carlos de Paula. **Imaginário e mitologia: Hermenêutica dos símbolos e estórias da vida**. Londrina: Ed. UEL, 1998.

- CARVALHO, José Murilo de. **Cidadania no Brasil: o longo caminho**. 11ª edição. RJ: Civilização Brasileira, 2008.
- CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. SP: Ed. Paz e terra, 2000.
- CUNHA, Euclides da. **Os sertões**. SP: Ed. Três, 1984.
- D'ALESSIO, Márcia Mansor. **Intervenções da memória na Historiografia: identidades, subjetividades, fragmentos e poderes**. In: Projeto História. Revista do programa de Pós-Graduação em História PUC / SP, n° 17, nov / 98, pp. 269 – 280.
- DA MATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. RJ: Zahar editores. 1981.
- _____. **O que faz do Brasil, Brasil?** RJ: Ed. Rocco. 1991.
- DOSSE, F. **História e Ciências Sociais**. Bauru: Edusc. 2004.
- DOSTOIÉVSKI, Fiodor. **Crime e castigo: Coleção a obra-prima de cada autor-Série ouro**. SP: Ed. Martin Claret LTDA, 1866 (reimpressão de 2006).
- DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**. Lisboa: Presença. 1989.
- _____. **A imaginação simbólica**. Lisboa: Perspectiva do homem / Edições 70. 1993.
- DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. SP: Nacional, 1966.
- FAUSTO, Boris. **Crime e cotidiano: A criminalidade em São Paulo (1880-1924)**. SP: Ed. Brasiliense, 1984.
- FELIX, Sueli Andruccioli. **Geografia do crime: Interdisciplinaridade e relevância**. Marília: Ed. Marília-Unesp Publicações, 2002.
- _____. **Marília pioneira, crimes e discriminações vistos através da imprensa (1928-1951)**. Marília : Cadernos da FFC, Vol. 6, n 1, 1997, p. 83-96.
- FERNANDES, R. C. **Romarias da paixão**. RJ: Ed. Rocco. 1994.
- FERREIRA, Marieta de Moraes. **História, tempo presente e História oral**. RJ: Topoi revista de história, Vol.1, n 5, 2002, p. 314-332.
- FILHO, Américo Pellegrini. SANTOS, Yolanda. **Antropologia cultural e folclore**. SP: Ed. Olimpika, 1989.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. Petrópolis: Ed. Vozes, 2006.
- GASPAROTO, Jaime W. **Mudança sócio-econômica e marginalização em Marília**. Marília: Unesp, 1973.
- GIRARD, René. **A violência e o sagrado**. SP: Ed. Unesp, 1990.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. SP: Ed. Vértice, 1990.
- HERSCHMANN, Micael e RONDELLI, Elizabeth. **A mídia e a construção do biográfico: o sensacionalismo da morte em cena**. *Tempo Social*; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 12(1): 201-218, Maio de 2000.
- HOBBSBAWN, E. J. **Bandidos**. RJ: Forense, 1975.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. SP: Cia das letras, 1995.
- HUSSERL, E. **Ideas relativas a uma fenomenología pura y una filosofia fenomenológica**. México: Fondo de cultura económica, 1992.
- LAPLANTINE, François. **O que é imaginário: A imagem, a idéia e o símbolo**. SP: Ed. Brasiliense, 1997.
- LE GOFF, J. **História e Memória**. Campinas: Editora Unicamp. 2003.
- LEGROS, Patrick et al. **Sociologia do imaginário**. Porto Alegre: Sulina. 2007.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. **O pensamento selvagem**. Campinas: Ed. Papirus, 1997.
- LOMBROSO, Cesare. **O homem criminoso**. RJ: Ed. Rio, 19??.
- MAGALHÃES, Marionilde Dias Brepohl de. **A lógica da suspeição: sobre os aparelhos repressivos à época da ditadura militar no Brasil**. Revista Brasileira de História. Vol. 17, n. 34. São Paulo, 1997.

- MARTINS, José de Souza. **Modernização e problema agrário no Estado de São Paulo**. SP: Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, IEB-USP, vol.6, 10/12/1969, pp. 121 – 145.
- MAUÉS, J. **Memória, história de vida e subjetividade: perspectivas metodológicas em pesquisas educacionais**. Belém. Ano 4, nº 1, set, 2003, pp. 37 - 45.
- MELLO, Milena Deganuti e TOIGO, Marceu Dornelles. **A imagem do crime e da violência através da imprensa na cidade de Marília-SP**. Revista de iniciação científica da FFC. Vol.4, n.3, 2004.
- PRANDI, Reginaldo. **Religião, sociedade e política**. In: PIERUCCI, Antonio Flávio e PRANDI, Reginaldo. **A realidade social das religiões no Brasil**. SP: Hucitec, 1996, pp. 26.
- PINHEIRO, Paulo Sérgio. **Violência, crime e sistemas policiais em países de novas democracias**. SP: Tempo social- Revolução social. USP, 9(1), maio de 1997, p. 43-52.
- _____. **A construção da cidadania sem fronteiras**. In: Mídia e violência urbana. RJ: Coordenação FAPERJ. Seminário realizado nos dias 1 e 2 de julho de 1993. Pp.107 – 116.
- _____. **Crime, violência e poder**. SP: Ed. Brasiliense, 1983.
- REIS, Martha. **Iracema: A santinha de Marília. Um estudo sobre a criação de um imaginário popular**. Assis: Dissertação de mestrado: Unesp (Faculdade de Ciências e Letras), 1993.
- REZENDE, Maria José de. **A ditadura Militar no Brasil: Repressão e pretensão de legitimidade**. Londrina: Ed. UEL, 2001.
- RIBEIRO, Wagner Costa. **A quem interessa a Globalização?** SP: Revista ADUSP, vol. 2. Abril/1995.
- RONDELLI, Elizabeth. **Imagens da violência: práticas discursivas**. Tempo Social; Rev. Sociol. USP 10(2): 145-157, outubro de 1998.
- SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. RJ: Record. 2002.
- SODRÉ, M. **A construção da realidade pela mídia**. In: Mídia e violência urbana. RJ: Coordenação FAPERJ. Seminário realizado nos dias 1 e 2 de julho de 1993. Pp.149 – 151.
- SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. 4ª edição, RJ: Mauad, 1999.
- SOUZA, Beatriz Muniz (org). **Sociologia da religião no Brasil: Revisitando metodologias, classificações e técnicas de pesquisa**. SP: Ed. PUC-SP, 1998.
- SOUZA, Marcelo Lopes de. **O desafio metropolitano: um estudo sobre a problemática sócio-espacial nas metrópoles brasileiras**. RJ: Bertrand Brasil, 2000.
- TEIXEIRA, Maria Cecília Sanches e PORTO, Maria do Rosário Silveira. **Violência, insegurança e imaginário do medo**. Caderno CEDES, dez / 98, vol.19, nº 47, pp.51 - 66.
- TUAN, Yi-Fu. **Geografia humanística**. In: CHRISTOFOLLETTI, Antonio. **Perspectiva da geografia**. SP: Difel. 1982.
- _____. **Paisagens do medo**. SP: UNESP. 2005.
- VOVELLE, Michel. **Imagens e imaginário na História: Fantasmas e certezas nas mentalidades desde a Idade Média até o século XX**. SP: Ed. Ática, 1997.
- WAISELFISZ, Júlio Jacobo. **Juventude, violência e cidadania: Os jovens de Brasília**. SP: Cortez editora, 1998.
- WEBER, Max. **Ensaio de sociologia**. RJ: Zahar editores, 1971.
- WIEVIORKA, Michel. **O novo paradigma da violência**. SP: Tempo social- Revolução social. USP, 9(1), maio de 1997, p. 5-41.
- ZALUAR, Alba. **Integração perversa: pobreza e tráfico de drogas**. RJ: Editora FGV, 2004.
- _____. **Os homens de Deus. Um estudo dos santos e das festas no catolicismo popular**. RJ: Zahar, 1983.